

**ATRAVÉS DOS DISCURSOS:
MEMÓRIA DA MODA
OITOCENTISTA NO PERIÓDICO
O JORNAL DAS SENHORAS
(1852-1855)**



Clara Damasceno Zandoná

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

CLARA DAMASCENO ZANDONÁ

**ATRAVÉS DOS DISCURSOS: MEMÓRIA DA MODA OITOCENTISTA NO
PERIÓDICO *O JORNAL DAS SENHORAS* (1852-1855)**

CLARA DAMASCENO ZANDONÁ

**ATRAVÉS DOS DISCURSOS: MEMÓRIA DA MODA FEMININA
OITOCENTISTA NO PERIÓDICO *O JORNAL DAS SENHORAS* (1852-1855)**

Este trabalho corresponde à versão final da Dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Campus de Bauru, como requisito à obtenção do Título de Mestre em Design – Área de Concentração: Produto.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marizilda dos S. Menezes

Z27a

Zandoná, Clara Damasceno

Através dos discursos : memória da moda oitocentista no periódico
O Jornal das Senhoras (1852-1855) / Clara Damasceno Zandoná. --
Bauru, 2026

180 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientador: Marizilda dos Santos Menezes

1. design de moda. 2. design da informação. 3. moda oitocentista. 4.
O Jornal das Senhoras. 5. século XIX. I. Título.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE CLARA DAMASCENO ZANDONÁ, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 28 de março de 2026, às 10h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de CLARA DAMASCENO ZANDONÁ, intitulada "ATRAVÉS DOS DISCURSOS: MEMÓRIA DA MODA OITOCENTISTA NO PERIÓDICO O JORNAL DAS SENHORAS (1852-1855)". A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Doutora MARIZILDA DOS SANTOS MENEZES (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Artes e Representação Gráfica / UNESP / Câmpus de Bauru - FAAC, Professor Doutor OLIMPIO JOSE PINHEIRO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Artes e Representação Gráfica / UNESP / Câmpus de Bauru - FAAC, Prof. Dr. FAUSTO ROBERTO POÇO VIANA (Participação Virtual) do(a) Artes Cênicas / Escola de Comunicação e Artes - USP, Após a exposição pela mestrandia e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADO . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Documento assinado digitalmente

MARIZILDA DOS SANTOS MENEZES

Data: 31/03/2026 22:53:12-0300

Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professora Doutora MARIZILDA DOS SANTOS MENEZES

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Marizilda dos Santos Menezes

(Orientadora e Presidente – PGG – Design/Unesp)

Prof. Dr. Olímpio José Pinheiro

(Membro Titular/Interno – PGG – Design/Unesp)

Prof. Dr. Fausto Roberto Poço Viana

(Membro Titular/Externo – PPG – Artes Cênicas/USP)

Prof.^a Dr.^a Fernanda Henriques

(Membro Suplente/Interno – PPG – Design/Unesp)

Prof.^a Dr.^a Isabel Cristina Italiano

(Membro Suplente/Externo – PPG – Têxtil e Moda/USP)

“A educação não é uma palavra.
É um princípio que não se entende só
com o espírito. O seu pedestal é o
coração: a educação é o aperfeiçoamento
moral e intelectual do indivíduo; a
educação é a nossa segunda natureza e a
peia das más paixões”
(*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro,
n. 7, 15 fev. 1852, p. 51).

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, responsável por essa oportunidade tão linda que foi o Mestrado. Em todos os segundos, em todas as direções, em todos os lugares, em todas as dificuldades, em todas as emoções e em todas as realizações, Ele segurou a minha mão e me sustentou.

À minha família, que, como instrumentos de Deus, me apoiaram, me fortaleceram e me incentivaram. Pai, mãe, Iza e André, essa é uma conquista nossa.

À minha querida orientadora, que me acolheu e prestou um papel de mãe comigo. Obrigada, Marizilda, sem você, eu não teria chegado tão longe.

Sou grata a todos que a vida me presenteou para contar quando precisei. Professores, amigos e acadêmicos da Unesp-Bauru, obrigada pelo suporte durante a escrita da dissertação.

RESUMO

Esta pesquisa buscou compreender de que forma o periódico *O Jornal das Senhoras* contribuiu para com a moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil. Para isso, a investigação se consolidou em cinco eixos principais: o contexto histórico do Brasil no século XIX atrelado às vertentes da moda, incorporando-a às dimensões sociais, culturais e materiais; a imprensa cultural, a imprensa feminina e as representações da moda impressa; a análise da construção e circulação da moda na imprensa feminina, por meio d'*O Jornal das Senhoras*; a análise textual e iconográfica no jornal, observando como ele contribuiu para com a transmissão e preservação da moda feminina da segunda metade do Oitocentos; e a memória cultural da moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil. A metodologia de análise aplicada se classifica como sendo de natureza bibliográfica e explicativa, fundamentada em fontes primárias e secundárias, que entrelaçam história, design e moda. A fonte primária, cuja metodologia foi aplicada, foi *O Jornal das Senhoras*, na qual implementou dois métodos de análise. O primeiro, baseado em Cruz e Peixoto (2009), consiste no estudo da materialidade do periódico, visando analisar a identificação do periódico, o projeto editorial e o projeto gráfico. O segundo, com base em Figueiredo (2015), corresponde ao método dos blocos temáticos de análise. Diante disso, com os resultados alcançados, espera-se que esta pesquisa contribua para com a historiografia da moda e da imprensa cultural brasileira, a fim de auxiliar e nortear o estudo e a compreensão acerca da memória da moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil.

Palavras-chave: design gráfico; design de moda; design da informação; história da moda; moda oitocentista; *O Jornal das Senhoras*; século XIX.

ABSTRACT

This research sought to understand how the periodical *O Jornal das Senhoras* contributed to women's fashion in the second half of the 19th century in Brazil. To this end, the investigation was consolidated into five main axes: the historical context of Brazil in the 19th century linked to fashion trends, incorporating it into social, cultural, and material dimensions; the cultural press, the women's press, and representations of fashion in print; the analysis of the construction and circulation of fashion in the women's press, through *O Jornal das Senhoras*; the textual and iconographic analysis in the newspaper, observing how it contributed to the transmission and preservation of women's fashion in the second half of the 1800s; and the cultural memory of women's fashion in the second half of the 19th century in Brazil. The analysis methodology applied is classified as bibliographic and explanatory in nature, based on primary and secondary sources that intertwine history, design, and fashion. The primary source, to which the methodology was applied, was *O Jornal das Senhoras*, in which two methods of analysis were implemented. The first, based on Cruz and Peixoto (2009), consists of studying the materiality of the periodical, aiming to analyze its identification, editorial design, and graphic design. The second, based on Figueiredo (2015), corresponds to the thematic blocks of analysis method. Given this, with the results achieved, it is hoped that this research will contribute to the historiography of fashion and the Brazilian cultural press, in order to assist and guide the study and understanding of the memory of women's fashion in the second half of the 19th century in Brazil.

Keywords: graphic design; fashion design; information design; fashion history; nineteenth-century fashion; *O Jornal das Senhoras*; nineteenth century.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Edições analisadas d' <i>O Jornal das Senhoras</i>	26
Quadro 2: Conteúdos que abarcam as seções desta dissertação	29
Quadro 3: Linha do tempo dos eventos históricos e da imprensa pertinentes para esta dissertação	33
Quadro 4: Tipografias pelas quais <i>O Jornal das Senhoras</i> passou	97
Quadro 5: Blocos temáticos de análise	106
Quadro 6: Redatoras chefes d' <i>O Jornal das Senhoras</i>	135
Quadro 7: Principais informações que permearam à atmosfera d' <i>O Jornal das Senhoras</i>	136
Quadro 8: Mudança no título	138
Quadro 9: Mudanças no subtítulo	139
Quadro 10: Tipografias em que <i>O Jornal das Senhoras</i> fora impresso	140
Quadro 11: Organização das páginas d' <i>O Jornal das Senhoras</i>	140
Quadro 12: Evidências da origem das ilustrações d' <i>O Jornal das Senhoras</i>	141
Quadro 13: Peças de roupa, ornatos e guarnições	146
Quadro 14: Matérias-primas	147
Quadro 15: Peças de roupa, ornatos, guarnições e matérias-primas que mais e menos apareceram	147

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pintura "Um Funcionário a Passeio com sua Família", de Jean-Baptiste Debret	38
Figura 2: Pintura "Casamento de Negros Escravos de uma Casa Rica", de Jean-Baptiste Debret	41
Figura 3: Ilustração d'O <i>Jornal das Senhoras</i> – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil.....	52
Figura 4: Ilustração originária do periódico <i>Le Moniteur de la Mode</i> , julho de 1852 ...	53
Figura 5: Ilustração d'O <i>Jornal das Senhoras</i> – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil.....	56
Figura 6: Ilustração originária do periódico <i>Le Moniteur de la Mode</i> , 1852	57
Figura 7: Ilustração d'O <i>Jornal das Senhoras</i> – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil.....	58
Figura 8: Ilustração originária do periódico <i>Le Moniteur de la Mode</i> , maio de 1852....	59
Figura 9: Ilustração d'O <i>Jornal das Senhoras</i> – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil.....	60
Figura 10: Ilustração originária do periódico <i>Le Moniteur de la Mode</i> , 1852	61
Figura 11: Ilustração d'O <i>Jornal das Senhoras</i> – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil.....	62
Figura 12: Ilustração originária do periódico <i>Le Moniteur de la Mode</i> , 1852	63
Figura 13: Ilustração d'O <i>Jornal das Senhoras</i> – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil.....	65
Figura 14: Ilustração originária do periódico <i>Le Moniteur de la Mode</i> , 1852	66
Figura 15: Ilustração d'O <i>Jornal das Senhoras</i> – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil.....	67
Figura 16: Periódico <i>Gazeta do Rio de Janeiro</i> - Primeiro número publicado, de 10 de setembro de 1808.....	75
Figura 17: Periódico <i>Correio Braziliense</i> , de junho de 1808.....	76
Figura 18: Art. 179 - Parágrafo 4º da Constituição Brasileira de 1824.....	79
Figura 19: Parte da coluna "As nossas assignantes" em que consta a assinatura de Joanna Paula Manso de Noronha – primeira edição d'O <i>Jornal das Senhoras</i> , 1852 ...	87
Figura 20: Parte da coluna "Chronica da Quinzena" em que consta o pseudônimo de Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves	92
Figura 21: Parte do poema "Quanto te amo!... Canções a Vargesia" em que consta a assinatura de Antônio José dos Santos Neves	92
Figura 22: Título "O <i>Jornal das Senhoras</i> ", ainda com o artigo "O"	95
Figura 23: Título " <i>Jornal das Senhoras</i> ", sem o artigo "O"	95
Figura 24: Subtítulo sem a palavra "Critica"	96
Figura 25: Nome do periódico que perdurou até o final.....	97
Figura 26: Comunicado acerca das assinaturas d'O <i>Jornal das Senhoras</i> e outras informações – retirado da edição 41.....	100
Figura 27: Capa da edição 34, de 22 de agosto de 1852 – tomo II.....	101
Figura 28: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 27, de 1852.....	108
Figura 29: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 16, de 1853.....	111
Figura 30: Descrição da ilustração de moda anexada na edição 11, de 1855.....	112

Figura 31: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 11, de 1855.....	113
Figura 32: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 37, de 1852.....	115
Figura 33: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 42, de 1852.....	118
Figura 34: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 14, de 1853.....	121
Figura 35: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 27, de 1855.....	123
Figura 36: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 45, de 1852.....	126
Figura 37: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 49, de 1855.....	128
Figura 38: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 1, de 1853.....	130
Figura 39: Ilustração anexada n'O <i>Jornal das Senhoras</i> , no número 7, de 1853.....	132
Figura 40: Evidências da origem das ilustrações d'O <i>Jornal das Senhoras</i>	143

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. PROPOSIÇÃO	20
Questão de Pesquisa	20
Hipótese	20
Resultados Pretendidos	20
Justificativa	20
Objetivos.....	22
Objetivo Geral	22
Objetivos Específicos.....	22
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	24
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
3.1. O Brasil oitocentista e a história cultural da moda	31
3.2. Imprensa cultural, imprensa feminina e representações da moda	72
3.3. O <i>Jornal das Senhoras</i> como fonte de pesquisa.....	86
3.3.1. A moda escrita e ilustrada	105
RESULTADOS E DISCUSSÃO	135
CONCLUSÃO.....	150
FONTES	152
REFERÊNCIAS	156
ANEXO 1 – REPERTÓRIO DE ILUSTRAÇÕES D’O <i>JORNAL DAS SENHORAS</i> <i>(1852-1855)</i> – ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL.....	163

INTRODUÇÃO

A história é uma vertente científica que estuda os acontecimentos passados a partir do desenvolvimento do pensamento crítico, para assim podermos entender como eram as nuances de uma vida diferente da qual vivemos. A história tem seus próprios questionamentos e o objeto de estudo presente em cada um deles é a dinâmica das atividades humanas, da qual vale a pena todo o esforço para compreendê-la, esclarecê-la e difundi-la (Bloch, 2001). A recapitulação de episódios vividos pela humanidade está relacionada às mudanças sociais e às ações humanas e uma das formas para a sua compreensão é o estudo do vestuário, uma vez que a roupa, enquanto artefato material, simboliza uma narrativa esclarecedora acerca da memória social de uma época (Andrzejewski, 2015).

Diante disso, independente da forma como uma mensagem é passada ou uma história é contada, sabe-se que, para tais efeitos, têm-se os textos e as imagens como recursos didáticos e pedagógicos, dispostos enquanto fontes de informação para o entendimento de um contexto, uma época ou uma cultura. Por esse lado, a temática desta pesquisa torna essencial o estudo da moda escrita (discurso textual) e ilustrada (discurso imagético) no periódico¹ *O Jornal das Senhoras*, os quais se qualificam enquanto objetos específicos desta dissertação. A pesquisa buscou analisar estritamente a memória da moda feminina oitocentista n' *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), pautando-se na história social da moda e sua influência perante a imprensa cultural brasileira da segunda metade do Oitocentos.

Primeiramente, a temática proposta foi sendo arquitetada com base no desejo intrinsecamente pessoal de analisar ilustrações em periódicos primordiais da imprensa especializada em moda no Brasil, o que direcionou a pesquisa para *O Jornal das Senhoras*. A partir disso, averiguou-se a necessidade de analisar, em conjunto às imagens dos vestuários, os discursos textuais, que descreviam a roupa, bem como o comportamento das mulheres frente à sociedade. Como resultado, as representações do vestuário e da moda presentes em impressos oitocentistas no Brasil mostraram que ela era, “[...] até aquele momento, um fenômeno quase desconhecido, exigindo explicações, análises e discussões” (Rainho, 2002, p. 156). Adicionalmente, observou-se que os estudos historiográficos da moda e da imprensa são recentes acerca do recorte temático

¹ Todo documento com período de circulação.



atribuído, fazendo com que a pesquisa enriqueça o mapeamento sobre a memória da moda em periódicos do século XIX no Brasil.

Ligado a isso, pretende-se responder de que forma o periódico *O Jornal das Senhoras* contribuiu para com a moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil. Isto posto, ao refletir sobre a delimitação desta pesquisa, sustenta-se, portanto, as delimitações temporal e espacial. No que diz respeito à delimitação cronológica, a história do Brasil no século XIX, em especial, da vida no Rio de Janeiro, foi contextualizada a partir de 1808, com a chegada da família real portuguesa, que impulsionou a vida cultural da cidade – e de outras províncias (Viana, 2021). Ademais, deve-se enfatizar que a reflexão acerca da formação da nação brasileira e da imprensa cultural se estendeu somente até os primeiros anos da segunda metade do Oitocentos, a fim de respeitar o arco temporal em que *O Jornal das Senhoras* circulou – portanto, os objetivos foram acatados, seguindo o seguinte contexto: 1808-1855, abrangendo o surgimento da imprensa no Brasil e a data de veiculação final do jornal. Em sequência, consoante à delimitação espacial, a investigação foi circunscrita ao Rio de Janeiro.

A bibliografia que remonta ao tema central e aos assuntos periféricos, apesar de recente, pode ser considerada ampla, evidenciando diferentes questões, apontamentos e discussões. Existem estudos que são indispensáveis para que se entenda o recorte temático proposto, assim como as ramificações que dele vêm à lume. Isto posto, a obra *Brasil: uma biografia*, de Lília M. Schwarcz e Heloisa M. Starling, e os volumes 1 e 2 da coletânea *O Brasil Imperial*, organizada por Keila Grinberg e Ricardo Salles, foram norteadores cruciais para estudar a história do Brasil do Oitocentos, em especial, do governo joanino ao Segundo Reinado.

Correspondente a esse delineamento, os estudos de Arjun Appadurai voltaram a sua atenção para a trajetória social dos objetos e a cultura material. Appadurai, em sua obra *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*, trabalha com a ideia de que os objetos são detentores de uma “vida social”, podendo ser compreendidos como cultura material, carregados de significados e valores. Por outro lado, para que fosse possível compreender e elucidar estratos sociais, as obras de Henrique Cunha Junior, Boris Fausto e Emília Viotti da Costa foram substanciais para esta pesquisa. Cunha Junior, em *Tecnologias africanas e educação*, com maestria, esclarece que o desenvolvimento do Brasil teve como essencialidade tecnologias e mão de obra profissional africanas. Fausto, em *História do Brasil*, e Costa, em *Da senzala à colônia*, complementam-se acerca da relação entre o homem branco e o homem negro frente a



formação histórica do país, fortalecendo o estudo acerca da história social do Brasil do Oitocentos e as relações de classe que o compunha.

Adentrando às vertentes da imprensa cultural brasileira, a tese *A revista no Brasil, o século XIX*, de Carlos Roberto da Costa, e os livros *Palavra, imagem e poder: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX*, de Marco Morel e Mariana Monteiro de Barros, e *A mão do autor e a mente do editor*, de Roger Chartier, foram fundamentais para entender e situar o percurso histórico da imprensa no Brasil. Quanto à imprensa feminina, foi estabelecida nesta pesquisa a partir dos estudos de Constância Lima Duarte, em *Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX, Volume 1*. Nesse sentido, acerca das representações da moda na imprensa, estudou-se o livro *A cidade e a moda*, de Maria do Carmo Teixeira Rainho, e o artigo *Moda, transferências culturais e história do livro*, de Ana Cláudia Suriani da Silva.

Afunilando a pesquisa para o cerne desta dissertação, Aguimario Pimentel Silva, em *Imprensa, gênero e poder: discursos sobre a educação da mulher no Brasil Império*, e Bárbara Figueiredo Souto, em *Mulheres e imprensa no século XIX: projetos feministas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires*, conduziram o estudo para compreensão d'O *Jornal das Senhoras*, bem como a sua fundadora, a argentina Joanna Paula Manso de Noronha. Arelado a isso, a obra *Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no Brasil do século XIX*, de Isabel Italiano, Fausto Viana, Desirée Bastos e Luciano Araújo, e *Moda e vestuário nos periódicos femininos brasileiros do século XIX*, de Beatriz Albarez de Assunção e Isabel Cristina Italiano, foram trabalhos elementares para se compreender a memória material da moda estabelecida em objetos transitórios e circulantes.

Os estudos mencionados acima abordam os seguintes temas gerais: história do Brasil oitocentista, nomeadamente, do período joanino ao Segundo Reinado; europeização; produção local; cultura material; imprensa cultural brasileira/feminina/especializada em moda; *O Jornal das Senhoras*; e memória cultural da moda. No entanto, a historiografia brasileira ainda tem um estudo “adormecido” sobre como *O Jornal das Senhoras* contribuiu para com a moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil. Em congruência com essa lacuna historiográfica, a pesquisa compreendeu o vestuário representado no jornal como cultura material, atribuindo às suas formas significados e valores que transcenderam seu uso funcional, ou seja, sua função foi além do seu uso meramente prático (Appadurai, 2008). À vista disso, o recorte temático proposto foi analisado a partir d'O *Jornal das Senhoras*, fonte primordial desta dissertação. O volume físico deste periódico está conservado no acervo da Fundação



Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, e localizado nas Publicações Seriadas Raras. No entanto, o acesso ao conteúdo do jornal, principalmente, os escritos, aconteceu por meio da Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional², um riquíssimo dispositivo que tem por objetivo a preservação da memória documental brasileira.

O periódico *O Jornal das Senhoras* foi fundado em 1852, no Rio de Janeiro, e circulou até 1855. Neste momento, o Brasil vivia o Segundo Reinado (1840-1889), período conhecido como o apogeu do império ou, segundo Malerba (1999), “o império maduro”, dado o fortalecimento do país após as revoltas da Regência – período entre o Primeiro e o Segundo Reinado, entre a abdicação de D. Pedro I e a coroação de D. Pedro II. Neste período de “maturidade”, Schwarcz (1998) pontua que o Brasil se estabeleceu como um modelo de nacionalidade e, “no comando político, firmaram-se os setores conservadores da sociedade” (Malerba, 1999, p. 73). De modo geral, foi um momento marcado pela centralização e força política do Estado imperial, com expansão das cidades, crescimento populacional e vigorosa direção intelectual, moral e artística dos brasileiros, “[...] em particular daqueles que constituíam a boa sociedade e eram responsáveis pelo governo da casa, por meio da difusão dos valores, signos e símbolos imperiais, servindo-se de instrumentos diversos” (Grinberg; Salles, 2009, p. 40).

Estes “instrumentos diversos” podem ser associados à imprensa, ou melhor, às várias modalidades que dela provinham como, revistas, jornais, boletins, entre outros produtos veiculados, compreendidos como periódicos. Em 1808, junto com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, instituiu-se a Impressão Régia – cuja finalidade era atender os interesses diplomáticos do governo. Apesar do acesso à informação ser restrito no início, finalmente a imprensa periódica se consolidou, expandindo significativamente a circulação de impressos, os quais, com o tempo, tinham temáticas e leitores variados, com múltiplos títulos difundidos nacionalmente. Diante disso, Duarte (2023, p. 14) assinala que,

[...] a literatura, a imprensa e a consciência feminista surgiram praticamente ao mesmo tempo no Brasil, nas primeiras décadas do século XIX [...]. Quando as primeiras mulheres tiveram acesso ao letramento, imediatamente se apoderaram da leitura, que por sua vez as levou à escrita e à crítica. E independente de serem poetisas, ficcionistas, jornalistas ou professoras, a leitura lhes deu consciência do

² A Biblioteca Digital da Fundação Biblioteca Nacional (BNDigital) foi criada em 2006, situando-se enquanto um modelo adaptável, evolutivo e dinâmico, com um sistema aberto, democratizando o acesso às buscas no sítio eletrônico. Suas políticas de digitalização visam a coleta, o tratamento e a conservação do material, a fim de preservar documentos históricos. Portanto, a BNDigital é um sistema interconectado, com dimensões técnicas avançadas, que viabiliza o acesso a conteúdos culturais inéditos e inestimáveis.



estatuto de exceção que ocupavam no universo de mulheres analfabetas, da condição subalterna a que o sexo estava submetido, e propiciou o surgimento de escritos reflexivos e engajados, tal a denúncia e o tom reivindicatório que muitos deles ainda hoje contêm. Mais do que os livros, foram os jornais e as revistas os primeiros e principais veículos da produção letrada feminina, que desde o início se configuraram em espaços de aglutinação, divulgação e resistência.

Durante a década de 1850, o cenário da imprensa cultural mudou. A segunda metade do século XIX deu início ao periodismo feminino, com jornais e revistas voltados especialmente ao público feminino. O primeiro título que circulou no Brasil dirigido por uma mulher para uma mulher, foi *O Jornal das Senhoras*, de Joanna Paula Manso de Noronha. O jornal se destacou por difundir questões relacionadas ao progresso frente ao papel social da mulher, levando o leitor à moralização social. Dentre os principais temas estavam educação e libertação moral feminina, somados a textos literários e sobre moda, por exemplo. Diante do exposto, formulou-se a hipótese de que o periódico *O Jornal das Senhoras* transmitiu e preservou a memória da moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil, documentando, descrevendo e ilustrando o vestuário feminino.



CAPÍTULO I



CERVAIS

1. PROPOSIÇÃO

Questão de Pesquisa

A presente investigação parte da seguinte questão:

De que forma o periódico O Jornal das Senhoras contribuiu para com a moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil?

Hipótese

O periódico O Jornal das Senhoras transmitiu e preservou a memória da moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil, documentando, descrevendo e ilustrando o vestuário feminino.

Resultados Pretendidos

Os resultados pretendidos com a temática proposta consistiram em compreender de que forma o periódico *O Jornal das Senhoras* contribuiu para com a moda no Brasil entre 1852 e 1855, por meio da sua leitura textual e imagética, que analisou o que era veiculado no jornal, bem como a circulação cultural da moda por meio da imprensa feminina. Isto posto, analisou-se o contexto histórico referente aos recortes cronológico e geográfico nos quais a temática se insere, para que fosse possível entender a relação entre Europa e Brasil. Consequentemente, compreendeu-se os efeitos dessa relação na elaboração e difusão de tendências e na produção local.

A partir disso, referente às vertentes da grande imprensa brasileira, contextualizou-se a história da imprensa cultural no Brasil e o princípio da imprensa feminina, com representações da moda. Por conseguinte, situou-se a escrita feminina, em especial, da intelectual Joanna Manso – diretora e proprietária d’*O Jornal das Senhoras*. Abordou-se, também, os pseudônimos e a imprensa feminina, responsável pela circulação de ideias. Por fim, investigou-se o periódico *O Jornal das Senhoras*, com base em análise textual e análise iconográfica, contemplando discurso textual e discurso imagético como difusores da memória cultural da moda feminina oitocentista.

Justificativa

Justifica-se a relevância deste estudo, em primeiro lugar, ao observar que a historiografia brasileira, em especial, a historiografia da moda e a historiografia da imprensa, não se debruçaram devidamente sobre a iconografia de ilustrações de moda



feminina em periódicos oitocentistas, tendo em vista que, no Brasil, esse campo é mais recente e se encontra em desenvolvimento. Por outro lado, a presente pesquisa passa a integrar os materiais de estudo da imprensa periódica, os quais estão cada vez mais generalizados (Cruz; Peixoto, 2009). Ressalta-se, ainda, que o periódico *O Jornal das Senhoras* é fonte de diversas pesquisas, no entanto, o objeto de estudo mais recorrente está relacionado especificamente ao discurso textual. No caso desta pesquisa, este discurso também é analisado, porém, sua função principal é complementar a análise iconográfica das ilustrações.

Ao investigar o periódico oitocentista a partir da interação entre discurso textual e discurso imagético, obteve-se uma fonte de informação conclusiva para que se pudesse entender o contexto histórico e a memória cultural da moda feminina brasileira da segunda metade do Oitocentos. Essa investigação também se fez presente em outros estudos relacionados ao tema, os quais foram mapeados e devidamente selecionados, a fim de que a pesquisa vigente apresentasse novas informações e análises acerca dos objetos de estudo, os quais se limitaram à moda escrita e ilustrada.

Diante disso, pensou-se nos objetos de estudo mencionados dada a sua importância para a compreensão teórica, metodológica e empírica acerca do conceito de moda enquanto fenômeno cultural e como ela adentrou à história social do Brasil oitocentista, por meio da sua veiculação em jornais e revistas do período. A respeito do ponto de vista metodológico, a pesquisa vigente fez alusão ao método “materialidade do jornal”, proposto por Cruz e Peixoto (2009), e ao método “blocos temáticos de análise”, elaborado por Figueiredo (2015).

A aplicação dos dois tratamentos permitiu compreender *O Jornal das Senhoras* como um todo, evitando lacunas e oferecendo um sistema discursivo integrado. Por fim, no que concerne o ponto de vista empírico, utilizou-se como fonte primordial *O Jornal das Senhoras*, veiculado entre os anos de 1852 e 1855, cujas edições supracitadas permitiram identificar os discursos textuais e imagéticos.

Portanto, este estudo dialoga com a ideia de que “[...] o passado não nos lega testemunhos neutros [...] e que todo documento é suporte de prática social e, por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo” (Cruz; Peixoto, 2009, p. 258). Adicionalmente, ao transformar *O Jornal das Senhoras* como fonte histórica desta dissertação, acrescentou-se aos estudos da imprensa a característica de ser instrumento pelo qual se produz saber e poder, sentido e identidade – e, no que concerne à moda, sua atuação constitui a construção social e simbólica de um referido período.



Objetivos

A seguir, estão delimitados o objetivo geral e os objetivos específicos a serem elucidados na pesquisa vigente.

Objetivo Geral

Investigar como o periódico *O Jornal das Senhoras* contribuiu para com a moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil.

Objetivos Específicos

- Analisar o contexto histórico do Brasil no século XIX atrelado às vertentes da moda, incorporando-a às dimensões sociais, culturais e materiais;
- Averiguar a imprensa cultural, a imprensa feminina e as representações da moda impressa;
- Investigar o periódico *O Jornal das Senhoras*, a fim de analisar a construção e circulação da moda na imprensa feminina;
- Efetuar uma análise textual e uma análise iconográfica n’*O Jornal das Senhoras*, observando como o jornal contribuiu para a transmissão e preservação da moda feminina da segunda metade do Oitocentos;
- Discorrer acerca da memória cultural da moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil.



IMP. ^{re} LAMOUZELLE, St. J. de Beauvais 12.



CAPÍTULO II

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com base nos objetivos propostos, classifica-se a metodologia de análise aplicada como sendo de natureza bibliográfica e explicativa, uma vez que, partindo da problemática bem definida, a presente pesquisa visa compreender de que forma o periódico *O Jornal das Senhoras* contribuiu para com a moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil. A investigação não se limita apenas ao contexto histórico em que os objetos de estudo estão inseridos, nem se restringe à classificação dos diálogos textuais e imagéticos. Todavia, por meio desses levantamentos, ela propõe uma elucidação ontológica aprofundada acerca da história social da moda oitocentista, com base em inferências primárias e secundárias, que abordam a moda enquanto fenômeno sócio-histórico e dialogam com o pressuposto de que, por intermédio do vestuário – no caso deste estudo, o vestuário escrito e ilustrado –, são manifestados traços sociais, culturais e materiais, que evidenciam cultura e circulação material, distinção social, manifestações políticas e de gênero, entre outros aspectos.

Isto posto, caminha-se pela realização de uma leitura analítica formal e estilística de textos e imagens concebidos, produzidos e veiculados envoltos à atmosfera da moda, do vestuário e da mulher. Em sua dimensão mais ampla, o delineamento pela qual as referidas leituras analíticas são conduzidas se desmembra em duas principais pesquisas: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Condizente à pesquisa bibliográfica, desenvolveu-se com base em material publicado, ramificando-se, por exemplo, em livros, monografias e artigos científicos. Adicionalmente, pontua-se que a pesquisa não se apropria de ideias prontamente consolidadas de autores fundamentais. Suas obras não foram âncoras para que se alcançasse o resultado final, mas sim interlocuções críticas e pontos de diálogo que auxiliaram a fortalecer o percurso argumentativo da dissertação.

No que diz respeito à pesquisa documental, que se preocupa com a natureza das fontes, valeu-se do periódico *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), de modo que recebesse um tratamento analítico baseado na hipótese de que transmitiu e preservou a memória da moda feminina da segunda metade do Oitocentos no Brasil, documentando, descrevendo e ilustrando o vestuário feminino. A partir disso, o estudo desse documento primário foi reelaborado com base na ideia de que a intervenção de objetos em circulação³ serve para criar uma sociedade (Descola, 2023).

³ Para a pesquisa vigente, “objetos em circulação” devem ser entendidos como sendo as edições d’*O Jornal das Senhoras*.



Diante disso, para realização da pesquisa bibliográfica, foram consultados livros do acervo pessoal, visitadas bibliotecas físicas e virtuais, e exploradas bases de dados como, SciELO, Google Scholar, Scopus, CAPES, entre outros com alcance internacional. A partir disso, foi realizado um critério de seleção do material, por meio da definição de palavras-chave, parâmetros de inclusão e exclusão (por meio da avaliação de conteúdo, arco temporal, entre outros) e relevância/pertinência dos títulos, bem como seus autores. Em seguida, realizou-se um fichamento, destacando citações e ideias importantes para cada obra estudada. Por fim, após sistematizar todos os dados obtidos, redigiu-se a fundamentação teórica, dividida em seções, relacionando ideias com a questão de pesquisa.

Por conseguinte, a pesquisa documental se assemelha muito com a pesquisa bibliográfica, embora sua principal diferença esteja na natureza dos documentos (Gil, 2002). Diante disso, *O Jornal das Senhoras* – cerne documental desta dissertação – está preservado no Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, e localizado nas Publicações Seriadas Raras. Embora o material físico esteja conservado no acervo da Biblioteca Nacional, a mesma disponibilizou o jornal em formato digital, a qual teve as suas edições digitalizadas a partir dos microfimes, facilitando o acesso ao catálogo pelo site⁴.

A consulta ao jornal foi realizada por meio do acesso ao sítio eletrônico da biblioteca. A leitura textual do documento não sofreu nenhum tipo de inviabilidade em decorrência da captura dos arquivos digitais, no entanto, a leitura das ilustrações dos vestuários, sim, tendo em vista que as imagens se encontram em preto e branco, dada a razão acima condizente à microfilmagem do material. Para maior fidedignidade das representações imagéticas, optou-se por entrar em contato com a Fundação Biblioteca Nacional – Brasil, a fim de solicitar a reprodução de páginas ilustradas coloridas d’*O Jornal das Senhoras*, as quais foram meticulosamente selecionadas para integrar a presente pesquisa⁵.

Condizente à quantidade de material disponível para ser investigado, o catálogo digital d’*O Jornal das Senhoras* conta com 209 edições disponíveis no site da Fundação

⁴ <https://memoria.bn.gov.br/hdb/periodico.aspx>

⁵ Deve-se clarificar ao leitor que as únicas ilustrações coloridas fornecidas pela Fundação Biblioteca Nacional – Brasil são as que compõem a seção “3.3. *O Jornal das Senhoras* como fonte de pesquisa”. As demais ilustrações do periódico *O Jornal das Senhoras* que esta pesquisa faz referência, estão na qualidade preto e branco, uma vez que foram retiradas sem custo do site da Biblioteca Nacional Digital, que as digitalizam a partir do microfilme.

Biblioteca Nacional. No entanto, em decorrência dos métodos analíticos aplicados à pesquisa, que serão abordados e explicados detalhadamente mais adiante, foram selecionadas apenas algumas edições, todas contendo ilustrações coloridas dos vestuários, para que houvesse maior consistência na elaboração dos fatos. Ao todo, a pesquisa conta com 11 edições analisadas, as quais foram apresentadas no Quadro 1:

Quadro 1: Edições analisadas d'O Jornal das Senhoras

Volume		
Data	Ano	Nº da edição
4 de julho	1852	27
12 de setembro	1852	37
17 de outubro	1852	42
7 de novembro	1852	45
1º de janeiro	1853	1
13 de fevereiro	1853	7
3 de abril	1853	14
17 de abril	1853	16
18 de março	1855	11
8 de julho	1855	27
9 de dezembro	1855	49

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

Diante do leque de fontes apresentado, o seu tratamento conta com dois procedimentos teórico-metodológicos: 1) Materialidade do jornal; e 2) Blocos temáticos de análise.

1) Materialidade do jornal

Condizente à primeira sondagem do material, investiga-se *O Jornal das Senhoras* enquanto conjunto documental, analisado de acordo com os critérios analítico-metodológicos elaborados por Cruz e Peixoto (2009), que desenvolveram um “roteiro de análise” voltado ao estudo de materiais diversos referentes à imprensa periódica, articulando:

- a) Identificação do periódico: título, subtítulo, datas de publicação, periodicidade, tempo que perdurou, município/estado, endereço de venda, entre outros;

- b) Projeto editorial: proprietário, redatores, colaboradores, identificação política e cultural, entre outros;
- c) Projeto gráfico: definição da qualidade (é jornal ou revista?), diagramação, capa, anúncios, tiragem, iconografias, quais e quantas seções, colunas e artigos, entre outros;

Segundo Cruz e Peixoto (2009), o procedimento de análise apresentado norteia o processo de identificação do periódico e pode oferecer pistas favoráveis acerca da proposta geral da publicação. Portanto, o primeiro método de análise desta dissertação é pautado na sensibilidade frente à materialidade histórica d’*O Jornal das Senhoras*.

2) Blocos temáticos de análise

Com base nos estudos de Figueiredo (2015), aprofundou-se a análise d’*O Jornal das Senhoras*, propondo o método dos blocos temáticos de análise. Sua aplicação é fundamentada em um sistema que busca valorizar a integração entre discurso textual e discurso imagético. Por essa perspectiva, dada às inúmeras formas de analisar a moda escrita e ilustrada no jornal oitocentista, os objetos de estudo foram analisados seguindo os seguintes preceitos:

[...] primeiro, os sentidos apreensíveis de uma imagem ou texto e suas relações com outras imagens e textos próximos entre si. [...] Segundo, as apropriações contextuais de ideias, símbolos e linguagens, que devem levar em conta os significados lexicológicos e a semântica dos conceitos” (Figueiredo, 2015, p. 85).

Com base nas condições atribuídas por Figueiredo, as quais foram adaptadas para esta pesquisa, foram estipulados e observados os seguintes critérios para definição e criação dos blocos temáticos de análise para a pesquisa vigente:

- a) Assuntos dominantes, pautados em discursos sobre moda;
- b) Temas e narrativas que se repetem;
- c) Contextos linguísticos e históricos refletidos pelo vestuário escrito⁶ e ilustrado.

Como resultado, a junção da “materialidade do jornal” e dos “blocos temáticos de análise” permite a leitura d’*O Jornal das Senhoras* de maneira articulada, evitando a

⁶ Apesar da leitura causar estranhamento, esta dissertação manteve a grafia dos textos da época de maneira verossímil, ao citar determinados discursos textuais que integram o periódico estudado, a fim de valorizar a memória do léxico gramatical que expressou a linguagem escrita do século XIX no Brasil e tornar a exploração mais credível.



análise de textos isolados. Para que esse efeito fosse ainda mais incisivo, as edições do periódico (vide Quadro 1) foram escolhidas de modo que os quatros anos em que o jornal circulou – de 1852 a 1855 – fossem devidamente contemplados. Para isso, equilibrou-se o número de edições por ano a serem analisadas, com cinco edições do ano de 1852; cinco edições do ano de 1853; quatro edições do ano de 1854; e três edições do ano de 1855.

Posto isto, esta dissertação evidencia uma limitação em potencial, a qual se manifesta no desdobramento cultural e regional da moda no Brasil do século XIX, em um contexto geral. Como o periódico *O Jornal das Senhoras* foi veiculado no Rio de Janeiro, a pesquisa não tratou ou especificou as características estilísticas e sociais da moda de cada região do Brasil, embora fosse um desejo intrínseco poder contemplar toda a diversidade e riqueza cultural construída pela moda no Brasil colonial. Ressalta-se, ainda, que o recorte geográfico se concentra no Rio de Janeiro dada à centralidade política e cultural decorrente do seu desenvolvimento enquanto capital cosmopolitana do Reino, na qual

[...] as transformações no espaço urbano, a ‘europeização’ dos costumes, o incremento do comércio e a intensificação da vida social são os elementos que servem de pano de fundo para a difusão da moda. Especialmente na segunda metade do século XIX, já elevada ao *status* de insígnia de classe, a moda passa a fazer parte das preocupações da ‘boa sociedade’ da Corte, que precisava exhibir-se no espaço público das ruas, dos bailes, dos teatros e nos demais acontecimentos da vida social, usando o que havia de mais parecido com as novidades de Paris [...] Assim, ao mesmo tempo em que buscava igualar-se a seus pares europeus, a ‘boa sociedade’ fluminense manifestava, por meio do vestuário, o quanto se distinguia dos outros estratos da sociedade (Rainho, 2002, p. 14-15).

Dentro dessas condições, o estudo se valida com as pistas concretas estabelecidas por intermédio d’*O Jornal das Senhoras*, que permite esboçar algumas conclusões acerca da moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil. Posto isto, é correto afirmar que o tratamento dos objetos de estudo é certificado com base no cruzamento de fontes primárias com as fontes secundárias, fazendo com que os diálogos textual e imagético dialoguem com a bibliografia especializada.

Por fim, no que concerne às seções desta dissertação, o Quadro 2 as apresenta:

Quadro 2: Conteúdos que abarcam as seções desta dissertação

Seções	Conteúdos
O Brasil oitocentista e a história cultural da moda	Compreender o contexto histórico do Brasil oitocentista; situar europeização e produção local/manufatura; e contextualizar moda e cultura material.
Imprensa, gênero e representações da moda	Abranger a imprensa cultural brasileira, a imprensa/escrita feminina, com destaque à Joanna Manso, e as representações da moda.
<i>O Jornal das Senhoras</i> como fonte de pesquisa	Colocar em foco o contexto histórico, social e cultural d' <i>O Jornal das Senhoras</i> , a fim de compreendê-lo por meio da sua materialidade e circulação de ideias.
A moda escrita e ilustrada	Pelas lentes d' <i>O Jornal das Senhoras</i> , discorrer acerca do discurso textual e imagético da moda e da memória da moda feminina da segunda metade do Oitocentos no Brasil.

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

O capítulo seguinte apresenta a fundamentação teórica desta pesquisa, a qual foi estruturada com base nas elucidações expostas até o momento.



2

CAPÍTULO III

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 92.



Coillettes de la Maison Gagelin. Chapeaux de M^{me} Sté.
Morain. Fleurs de S. Perrot Petit et C^{ie}. Passementeries & Rubans d'Audoyer
à la Ville de Lyon. Dentelles de G. Violar. Corsets sans goussets de la M^{me} Sophie Dumoulin.
M^{me} L. C^{ie}. Cents, éventails, Parfums de France, Schallin.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está subdividido em três seções específicas e relacionadas entre si, nelas são apresentadas as memórias de um tempo – e de um guarda-roupa.

Uma vez isto feito, deve estudar o organismo do Universo – não scientificamente – mas sim poética e religiosamente; ensinar-se-lhe a Geographia não de cor, practicamente, um pouco mathematicamente; conhecer a historia, não como os papagaios dizem [...]. Ligeiras noções de Litteratura, quando baste a tiral-a do systema automatico. E em fim applicar no ensino dos collegios methods encyclopedicos que, sem profundar as matérias, ornão com tudo o espirito e dão um toque especial de illustração (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 4, 25 jan. 1852, p. 28).

3.1. O Brasil oitocentista e a história cultural da moda

Formado por ondas revolucionárias, o século XVIII impulsionou a liberdade do conhecimento e os avanços das ciências no século XIX. As diversas áreas do conhecimento – física, química, mecânica, matemática, botânica, medicina, entre outras – se viam em progresso; a fotografia se tornou uma verdadeira revolução tecnológica, capturando momentos reais e tornando-os infundáveis; e as revoluções industriais foram responsáveis pelo desenvolvimento e aprimoramento de importantes recursos estruturais como, novas máquinas como as de locomoção movidas a vapor e as prensas a vapor, utilizadas em algumas gráficas – possibilitando maior agilidade na produção dos impressos, com altas tiragens de periódicos, e maior otimização do tempo de publicação e distribuição das notícias (Costa, 2007).

Isto posto, torna-se necessária a averiguação de parte da história que foi responsável pela formação do leitor e pelas modalidades da educação brasileira durante o século XIX, as quais eram situadas, por exemplo, por jornais, revistas, pinturas, ilustrações, entre outras. Embora sejam incontáveis as mudanças tecnológicas e artísticas manifestadas no século XIX, a comunicação foi, certamente, um dos processos que mais se fortaleceu e se beneficiou de todos os propósitos para alcançar o progresso. É interessante destacar que, no Brasil, a comunicação na forma de imprensa não foi aperfeiçoada, mas iniciada concomitantemente à nação brasileira.

Para não correr o risco de relativizar uma defasagem em relação à essa comunicação, ao discorrer acerca de processos históricos no Brasil como, a chegada da imprensa e o desenvolvimento da imprensa de opinião, ilustram-se as Américas espanhola e inglesa, que previamente conheciam a imprensa em seus territórios (Sodré, 1966). Por outro lado, a realidade contrastante do Brasil frente a outros países apresenta a



implantação tardia da imprensa brasileira, estabelecida com a criação de uma Imprensa Régia no início do século XIX.

É nesse cenário de transformações culturais que Morel e Barros (2003) vão dizer ser o nascimento da primeira geração de jornalistas brasileiros, porém, ressaltam que o jornalismo não era considerado uma categoria profissional, sendo passível de atuação na vida pública todo indivíduo letrado.

Quando se fala em educação e imprensa como canais dirigidos ao ‘povo’ [...], não é difícil verificar quem são os educadores e redatores. Os construtores dessa opinião pública são, em outras palavras, os membros da chamada República das Letras, os letrados, os esclarecidos, ou seja, a opinião apontava como fruto da reflexão dos indivíduos ilustrados e se tornava pública na medida em que visava à propagação das Luzes do progresso e da civilização (Morel; Barros, 2003, p. 29).

O homem público – e posteriormente de opinião – precisava apenas ser ilustrado. Ademais, deve-se acrescentar que, em alguns casos, para ter opinião bastava ter expectativas. A (in)satisfação do “jornalista” era motivada de acordo com as suas expectativas: se elas fossem correspondidas, então seu texto seria positivo, do contrário, antagônico. “Estar a par do que era considerado de bom gosto era essencial [...] uma vez que nada escapava aos olhares atentos dos colunistas dos periódicos” (Barbosa, 2020, p. 55).

Apesar das dificuldades na fase embrionária da imprensa, as oficinas tipográficas devem ser consideradas um dos ares de civilização mais importantes para a história do Brasil, haja vista que o seu surgimento “[...] acompanha e vincula-se a transformações nos espaços públicos, à modernização política e cultural de instituições, ao processo de independência e de construção do Estado nacional” (Morel; Barros, 2003, p. 7). O que nos leva a visualizar, em certo momento, o alicerçamento de manifestações da modernidade, que condizem, especialmente, com as representações da mulher em uma sociedade nomeadamente patriarcal.

A atuação feminina na imprensa foi um processo lento, mas possível por meio da materialização no papel impresso do pensamento e do desejo de fazer parte de algo maior, onde as mulheres pudessem ter espaço para a sua voz. Mas o que isso significa? Que a leitura e a escrita foram cordialmente instrutivas para a história das mulheres no Brasil. Como pontua Chartier (2014, p. 220), “por um lado, fixar o pensamento por escrito fornecia um traço desse pensamento não sujeito à vulnerabilidade da memória”, e a memória masculina, de modo geral, como bem estudada na historiografia, não mediria



esforços em “esquecer” que o “sexo frágil” teria forças para, de fato, reivindicar seus direitos de cidadania e, uma vez conquistado, não se perderia perante a força que o sustenta. Afirmar-se, então, que um dos primeiros manifestos das mulheres brasileiras vieram por meio da imprensa.

Uma abordagem histórica

Considerando os principais fenômenos sociais, políticos e culturais do Brasil do Oitocentos, pensou-se na elaboração de uma linha do tempo que resuma o século em que *O Jornal das Senhoras* estava inserido. Nesta perspectiva, “o que justifica essa periodização não são os fatos apontados em si mesmos, mas sim aquilo que expressam” (Fausto, 2006, p. 41). Como se pode ver na linha do tempo do Quadro 3, o século XIX foi cenário de profundas transformações para o Brasil, com eventos fundamentais para o seu desenvolvimento, com reformas na política, na estrutura social, na economia e na cultura.

Quadro 3: Linha do tempo dos eventos históricos e da imprensa pertinentes para esta dissertação

Ano	Acontecimentos
1808	• Chegada da corte portuguesa ao Rio de Janeiro; • Abertura dos portos às nações amigas; • Fundação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro; • Fundação da <i>Gazeta do Rio de Janeiro</i> (1808-1822), considerada o primeiro jornal redigido e publicado no Brasil.
1815	• Portugal, Algarves e Brasil se constituíram enquanto Reino Unido.
1816	• Chegada da Missão Artística Francesa no Rio de Janeiro.
1818	• Tornou-se rei o príncipe regente, sendo aclamado como Dom João VI.
1820	• Revolução Liberal do Porto.
1821	• Dom João VI retornou a Portugal como consequência direta da Revolução do Porto; • Dom João VI decretou o fim da censura prévia, bem como o cerceamento da liberdade de imprensa; • Lei da Liberdade de Imprensa: princípios estabelecidos nas Bases da Constituição portuguesa – introduzidos no Brasil em setembro; • Propagação d’<i>O Revérbero Constitucional Fluminense</i>: jornal de oposição aos costumes colonialistas.
1822	• Dia do Fico: príncipe regente, Dom Pedro, anunciou permanência no Brasil; • Independência do Brasil proclamada por Dom Pedro, que se tornou o primeiro imperador do Brasil;
1823	• Lei da Assembleia Constituinte sobre liberdade de imprensa provisória: primeira lei de imprensa do Brasil; • Um dos primeiros manifestos de mulheres na busca pela integração enquanto membros da sociedade política: cartas e assinaturas de mulheres paraibanas no periódico <i>Sentinella da Liberdade</i>.

Ano	Acontecimentos
1824	- Primeira Constituição brasileira, outorgada por Dom Pedro I; - Art. 179, § 4º, da Constituição: assegurou liberdade de expressão e de imprensa.
1826	Convenção entre Brasil e Inglaterra voltada à extinção do tráfico transatlântico de escravizados.
1827	Criação do primeiro jornal brasileiro voltado ao público feminino: <i>O Espelho Diamantino</i> (1827-1828).
1830	- Promulgação do Código Criminal do Império; - Explosão de crescimento da imprensa e da palavra pública, a partir da década de 1830.
1831	Abdicação do trono por Dom Pedro I, dando início ao Período Regencial (1831-1840).
1832	Promulgação do Código de Processo Criminal.
1834	Reforma da Constituição de 1824: Ato Adicional.
1840	- Fim do Período Regencial; - Golpe da Maioridade: antecipação da maioridade de Dom Pedro II; - Início do Segundo Reinado: Dom Pedro II se tornou o segundo imperador do Brasil.
1850	Promulgação da Lei Eusébio de Queirós: extinção do tráfico transatlântico de escravizados para o Brasil.
1852	Criação do periódico fundador do periodismo feminino no Brasil: <i>O Jornal das Senhoras</i> (1852-1855).
1858	Tipógrafos do Rio de Janeiro organizaram sua primeira greve.
1866	Navegação internacional iniciada no Amazonas.
1871	Promulgação da Lei do Ventre Livre.
1888	Promulgação da Lei Áurea – fim da escravidão no Brasil.
1889	Proclamação da República no Brasil.
1891	- Promulgação da primeira Constituição da República; - Eleições presidenciais: Marechal Deodoro da Fonseca se tornou presidente e Floriano Peixoto, vice; - Golpe de Estado por Deodoro; - Deodoro foi substituído por Floriano.
1894	Eleições presidenciais: Prudente de Moraes se tornou presidente e Manuel Vitorino, vice.
1896	Manuel Vitorino se tornou presidente, após Prudente de Moraes adoecer.
1897	Prudente de Moraes retornou à presidência e sofreu um atentado.
1898	Eleições presidenciais: Campos Sales se tornou presidente e Rosa e Silva, vice.
1900	Tentativa de golpe de estado.

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná, com base nos estudos de Fausto (2006), Carvalho (1996), Duarte (2023) e Morel e Barros (2003)

Tais acontecimentos foram sendo estabelecidos a partir do ano de 1808, quando significativas mudanças na história de Portugal e do Brasil passaram a ser vivenciadas. Entre os dias 25 e 27 de novembro de 1807, a Coroa portuguesa se preparou para se transferir ao Brasil Colônia, sob a proteção da Marinha britânica, quando o príncipe regente D. João VI, que regia o reino desde 1792, optou por viver e reinar do outro lado

do oceano (Fausto, 2006). Essa decisão foi tomada, dados os ataques que a Europa vinha sofrendo por Napoleão Bonaparte, que, indiretamente, pressionou D. João entre duas opções excludentes: a primeira era ceder às exigências do imperador francês e aceitar o bloqueio continental e a segunda era sair estrategicamente do país, com o apoio dos aliados ingleses.

Como conta a história, no dia 22 de janeiro de 1808, D. João chegou ao Brasil e, junto a ele, parte do aparelho burocrático da monarquia absoluta. A comitiva de nobres e reis causou estranhamento à população local, devido às suas vestimentas invernais que destoavam do calor emanado pelos ares tropicais (Schwarcz; Starling, 2018). Mas não foi somente a população local que se espantou. Schwarcz e Starling (2018) pontuam que mesmo os nobres portugueses acostumados com o cativeiro ficaram chocados com o tratamento para com os negros escravizados, principalmente, com a forma natural com que eram dispostos.

Em sequência, junto à Corte Real, vieram também “[...] o tesouro real, os arquivos do governo, uma máquina impressora e várias bibliotecas que seriam a base da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro” (Fausto, 2006, p. 121). A decisão do príncipe regente foi notificada mundialmente e, no dia 14 de setembro de 1808, o jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicado pela Impressão Régia, divulgou uma proclamação de reprova ao ato provinda de Sevilha⁷, na Espanha, no dia 30 de maio de 1808, por ordem da Junta Suprema do Governo:

Portuguezes! A vossa sorte he talvez a mais dura que povo algum tem soffrido. Vosso Principe se vio na precisão de deixar-vos, e o que aconteceu á Hespanha tem fornecido a mais indubitavel prova da necessidade absoluta daquela Resolução. Ordenarão que vos não defendêsseis, e vós não vos defendestes. [...] Prometteo fazer-vos felizes, e a vossa felicidade tem consistido em vos tratar com maior crueldade que os mais ferozes conquistadores jámais mostrarão aos povos que vencerão á força de armas, e depois da mais obstinada resistencia. Despojárão-vos de vossos Principes, leis, usos, costumes, bens, liberdade, e até de vossas vidas, e de vossa Santa Religião, a qual vossos inimigos nunca respeitarão, ainda que segundo o seu costume promettessem protegella, e affectassem conhecella. A vossa Nobreza foi anniquilada, e os seus bens confiscados em castigo da sua lealdade (Gazeta do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n. B1, 14 set. 1809, p. 3).

⁷ Ainda que os impressos periódicos servissem como instrumentos de comunicação, as notícias divulgadas não eram transmitidas de maneira simultânea ou recente aos acontecimentos, elas eram amortecidas pela distância. Os principais fatores para essa demora estavam relacionados à distância, aos meios de transporte lentos, entre outros.



É fato histórico que, ao mesmo tempo que D. João VI e a Corte Portuguesa, também chegou ao Brasil, em 1808, a imprensa periódica, que se consolidaria a partir de 1821. Morel, em *Imprensa Periódica no Século XIX* – artigo para a Biblioteca Nacional Digital – afirma que “a imprensa surge em vários pontos do território e abrange as diferentes regiões e províncias de Norte a Sul e de Leste a Oeste do Brasil e se constitui, ela própria, em elemento articulador dos laços nacionais”. Em decorrência disso, torna-se interessante a exploração de como os impressos apresentaram os fatos históricos que correspondem ao Brasil do Oitocentos, os quais foram fundamentais para esclarecer como o Brasil Colônia deixou de ser apenas um território de exploração, se tornou um lugar digno de um rei – mais especificamente a cidade do Rio de Janeiro – e relativizou o consumo como prática social, em especial, o consumo de moda, a fim de expressar pertencimento e simbolizar modernidade.

A princípio, quando os membros da corte e da família real puseram seus pés em solo brasileiro, ficaram insatisfeitos com a cidade do Rio de Janeiro, um lugar desagradável, com uma “infraestrutura” precária, provinciana e malcheirosa (Bueno, 1997). Schwarcz e Starling (2018, p. 176) acrescenta que “as ruas eram de terra batida, desniveladas, esburacadas, cheias de poças, detritos, brejos e mangues”. Porém, após cerca de cinco anos, a vida na “jovem nação”, como qualificam Grinberg e Salles (2009), foi remodelada, mas o seu aperfeiçoamento ainda estava por vir, com a chegada da Missão Artística Francesa, em 1816, uma iniciativa cultural que mudaria o percurso civilizatório dos estrangeiros, entretanto, aborreceria os nativos.

Bueno (1997) esclarece que a premissa da Missão Francesa fora estipulada por D. João, que ansiava tornar o Brasil um reino com atributos artísticos. Diante disso, convidou pintores, ilustradores, escultores e arquitetos franceses a se destinarem ao país, dando à cidade carioca pompa, prodigalidade e um ar de civilização. Em concordância com o autor, Schwarcz e Starling (2018) acrescentam dizendo que os franceses, aliviados por estarem se afastando de uma Europa em guerra, vieram para o Brasil cheios de expectativas, intencionados a ganhar dinheiro rapidamente ao lado de uma corte exilada e de um povo que, segundo eles, não tinha nenhuma formação artística. Tais apontamentos foram enfatizados no periódico *O Espelho Diamantino*:

O desejo de ver desempenhado este plano he hum dos votos Nacionaes, mas dignos de merecer a atenção do Governo [...]. As artes do gênio dão aos Imperios hum colorido, que mostra ao longe os grãos da sua civilização; o Brasil abunda em talentos [...] A Academia installada, e em marcha para o progressivo augmento da mocidade Brasileira fará



sem duvida mui relevantes serviços a Nação. [...] O Brasil pode chegar á ponto de se equilibrar pelas producções das bellas Artes com tudo quanto até aqui a Europa offerece neste genero de mais completo. [...] Nos esperamos ver sahirem da Academia ricas pinturas; copias fieis tanto dos pontos mais pitorescos, e sentimentaes que offerece o Rio de Janeiro no seu rico Archipelago, como nos seus arredores. [...] Copie-se o que ha de bello na Natureza em o nosso Paiz, e veja a Europa o que ainda não vio, ou o que não quer confessar nos escriptos de muitos viajores, que passam por tantas bellezas com olhos amarelllos em procura do oiro, e dos diamantes (O Espelho Diamantino, Rio de Janeiro, n. 8, 21 jan. 1828, p. 145-146).

Em decorrência desse encargo, o diplomata Antônio de Araújo de Azevedo – o conde da Barca – selecionou os artífices mais qualificados para a missão.

Não que não existissem na colônia artistas e aprendizes – muito pelo contrário –, porém não havia até então ensino sistemático. [...] Talvez por isso a corte tenha acolhido os artistas franceses, tidos como uma espécie de vanguarda ou ao menos um selo de qualidade. [...] E o modelo se encaixaria, ao menos teoricamente, de forma perfeita nos planos do governo de D. João, que pretendia animar um projeto palaciano a partir da expertise desses artistas (Schwarcz; Starling, 2018, p. 192).

Dentre eles, estava Jean-Baptiste Debret, que chegou ao Rio de Janeiro em março de 1816 – apesar de ser um admirador de Napoleão. Debret foi um dos nomes de maior impacto ao se referir ao legado do Brasil oitocentista, tendo em vista a sua magnificência durante a Missão Francesa, resplandecendo as características do Brasil em esboços minuciosos, traçados em cerca de 200 gravuras, perdurando os avanços e as mazelas dos seguintes estados: Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Bueno, 1997).

Debret – cujo nome poderia ser escrito como “Mr. De Bret” – era reconhecido como quem dominava todos os ramos das ciências, em especial, as que estavam relacionadas às artes, como publicado em uma das colunas d’*O Espelho Diamantino*:

Nós sabemos que debaixo das vistas de Mr. De Bret, Professor de Pintura Historica se preparão grandes Discipulos, que farão em pouco tempo muita honra ao Brazil. O Professor conhece todos os ramos das sciencias, que tem mais proxima correlação com a Pintura (O Espelho Diamantino, Rio de Janeiro, n. 8, 21 jan. 1828, p. 145).

Na ciência da observação, Jean-Baptiste Debret se destacava. Ao ilustrar um testemunho de como a vida social estava sendo modelada durante o período colonial, com a gravura “Um Funcionário a Passeio com sua Família”, o pintor francês retratou os estigmas causados pela tentativa de D. João em reverter a inflação que condicionou ao

Brasil, ao fabricar e imprimir papel-moeda sem lastro – consequência da privação do Estado em receber os impostos exorbitantes (Bueno, 1997).

Mas qual a relação entre o que está sendo testemunhado na pintura com a situação econômica causada por D. João? Para que conseguisse equacionar os impasses da inflação, D. João, “embora desprezasse os traficantes de escravos [...] aproximou-se deles e obteve empréstimos em troca de comendas e de terras. Tais prêmios asseguraram a esses ricos párias, rápida ascensão social” (Bueno, 1997, p. 97). Portanto, em decorrência da melhora na condição de vida dessas pessoas locais, não somente suas casas como também seus guarda-roupas foram remodelados.

É o que Debret traduz em seu quadro “Um Funcionário a Passeio com sua Família” (Figura 1), o qual retrata, de maneira geral, a suntuosidade que se tornou inóspita por meio da circulação pelas ruas de famílias que ostentavam seus trajes e costumes aos nativos. No caso da pintura, é uma família abastada, que sai de casa para passear pela Rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, na qual fora construída o sonho da modernidade europeia no Brasil, expressada por meio de costumes franceses como as lojas de moda francesas.

Figura 1: Pintura "Um Funcionário a Passeio com sua Família", de Jean-Baptiste Debret



Fonte: Livro “História do Brasil: os 500 anos do país em uma obra completa, ilustrada e atualizada” (1997)

Durante o século XIX, a Rua do Ouvidor era uma das ruas centrais do Rio de Janeiro (e do Brasil), onde se concentravam importantes pontos comerciais, os quais eram

situados por tipografias e redações que imprimiam importantes periódicos; hotéis; cafeterias e confeitarias; livrarias; entre outras lojas refinadas como as de objetos e vestimentas de origem francesa (Costa, 2007). No periódico *Jornal das Famílias* (Rio de Janeiro, n. 4, abr. 1873, p. 106-115), em um diálogo denominado “Tempo de Crise”, as seguintes passagens⁸ comentam acerca da Rua do Ouvidor:

- “O lugar mais seguro para saber notícias” (p. 106);
- “A rua do Ouvidor resume o Rio de Janeiro” (p. 106);
- “Uma cidade é um corpo de pedra com um rosto. O rosto da cidade fluminense é esta rua, rosto eloquente que exprime todos os sentimentos e todas as ideias” (p. 107);
- “Queres ver a elegância fluminense? Aqui acharás a flor da sociedade, – as senhoras que vêm escolher joias ou Valais ou sedas a Notre-Dame, – os rapazes que vêm conversar de teatros, de salões, de modas e de mulheres. Queres saber da política? Aqui saberás das notícias mais frescas, das evoluções próximas, dos acontecimentos prováveis; aqui verás o deputado atual com o deputado que foi, o ministro defunto e as vezes o ministro vivo” (p. 107);
- “Dirás que eu só menciono a sociedade mais ou menos elegante? Não; o operário para aqui também para ter o prazer de contemplar durante alguns minutos uma destas vidraças rutilantes de riqueza” (p. 107);
- “A rua do Ouvidor é lindíssima à noite. Estão os rapazes às portas das lojas, vendo passar as moças, e como tudo está iluminado, não imaginas o efeito que faz” (p. 115);
- “À noite da rua do Ouvidor pertence exclusivamente à *fashion*” (p. 115).

A Rua do Ouvidor era prestigiada não somente pelas casas de comércio de alto padrão ou pelos encontros de personalidades importantes da época e da história, mas, para os historiadores da moda, por ser considerada o grande império da moda no Brasil. O legado dessa rua tão importante está eternizado na obra “Memórias da Rua do Ouvidor”, escrita por Joaquim Manuel de Macedo, em 1878, e considerada um clássico da literatura brasileira. O romancista brasileiro do Segundo Reinado, no repertório supracitado, explora, com características românticas-cômicas, a vida social, cultural e econômica que

⁸ As passagens retiradas do periódico fluminense *Jornal das Famílias* foram transcritas à respectiva pesquisa de acordo com os aspectos linguísticos atualizados referentes à nomenclatura gramatical brasileira.



resplandecia na Rua do Ouvidor.

Macedo (1878), em 18 Capítulos e III Anexos, discorre que, apesar de não poder relatar com fidedignidade a data exata do aniversário natalício da rua carioca, seu nome “Ouvidor” se estende desde 1780. Somado a isso, caracteriza-a enquanto soberba e vaidosa, a qual começara apenas com casas, mas isso em meados de Quinhentos. Tempos mais tarde, o romancista pontua o seu avanço estrutural no século XIX e faz referência a ela como sendo passeada, concorrida, elegante, rica, louçã⁹, namoradeira, galante, pimpona, governada pela moda, rua das modas, rua da elegância, rua do luxo, marcada pelas modistas francesas e a moda de Paris.

Pegando a Rua do Ouvidor como exemplo de crescimento econômico, pode-se dizer que a burguesia e o capitalismo foram cruciais para o desenvolvimento da moda no Brasil, a qual estava atrelada diretamente aos centros urbanos como Paris. No entanto, na sociedade do século XIX, referindo-se às pessoas que estavam inseridas nas estratificações mais altas, o desejo em consumir o belo e buscar o moderno era uma escolha convertida e apresentada na forma visual e objetificada e, como resultado disso, havia o vestuário e a cultura dos objetos propensos à tal representação.

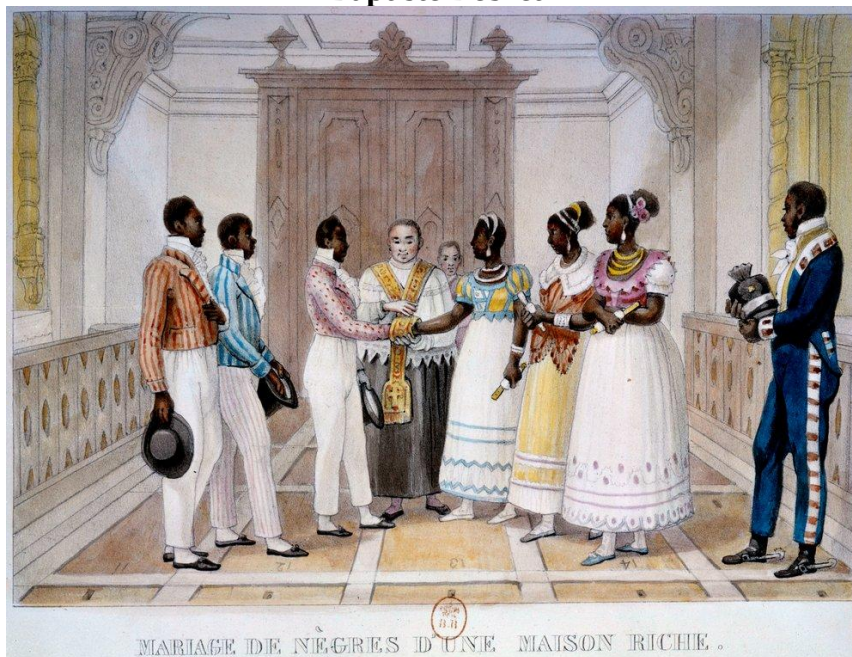
Diante disso, o século XIX desfruta de trajes históricos carregados de símbolos e funções ritualísticas. Os vestuários mais opulentos eram utilizados pelas pessoas mais abastadas que saíam às ruas a fim de revelar suas identidades, suas individualidades, seu poder, entre outras marcas associadas ao status, que, na sociedade oitocentista brasileira, indicava marcas territoriais, culturais, temporais e de posição (Linke, 2013). Condizente às aparências das mulheres africanas escravizadas, Priore (2020) aponta duas condições a que eram submetidas: algumas eram obrigadas a usar trajes europeus, enquanto outras estavam “livres” para usar vestimentas ao estilo africano. A autora ainda salienta que, após a chegada da Coroa, houve uma fusão entre os estilos francês e africano: “[...] as mulheres misturavam vestimenta francesa com penteado africano ou turbante, embora outras imitassem os penteados europeus de suas senhoras” (Priore, 2020, p. 75).

Analisa-se o exposto, na gravura “Casamento de Negros Escravos de uma Casa Rica”, de Jean-Baptiste Debret (Figura 2), a qual representa noivas vestidas de branco, com motivos bordados, *mules*, meias brancas e ricamente embelezadas com acessórios como, leques, colares, brincos e ornamentos de cabelo.

⁹ Louçã: evoca beleza, enfeitada, bonita de se ver, coberta por adornos.



Figura 2: Pintura "Casamento de Negros Escravos de uma Casa Rica", de Jean-Baptiste Debret



Fonte: https://www.meisterdrucke.pt/kunstwerke/1000px/Thierry_Freres_-_Wedding_of_negres_of_a_rich_house_Lithography_by_Thierry_Freres_from_Voyage_Pic_-_%28MeisterDrucke-1004436%29.jpg

No início do século XIX, a mantilha combinada a longos cabelos negros era moda entre mulheres de elite e suas escravas; em 1825, somente crioulas, mulatas e senhoras idosas a usavam. [...] As elegantes, brancas ou africanas, tinham abandonado a moda colonial. Quando os estilos mudaram de novo do clássico imperial para as saias amplas de cintura estreita, brancas de elite e suas escravas adotaram-no. Enquanto as escravas pobres baixavam a cintura e encompridavam as saias modestas, as negras ricas rivalizavam com as moradoras do interior e mesmo com suas senhoras (Priore, 2020, p. 76).

Ademais, Macedo (1878) – ao considerar as nuances políticas do período em que viveu, no qual as mulheres brasileiras tinham papéis sociais limitados –, se opôs aos hábitos plenos, criticando-os a favor da mulher:

Minhas belas e excelentíssimas leitoras, que devo confessar a mais incontestável verdade: as modas, o luxo, a chamada elegância das senhoras custam muito caro!... mas também juro e sustento que as senhoras merecem isso e muito mais; têm direito de educação maldirigida, imposta, porém, pela sociedade despótica e opressora do sexo feminino e esses sacrifícios materiais, que são em geral enfeites, flores e fantásticos artifícios, adornadores fictícios, efêmeros, pobres compensações da escravidão da mulher em nossa vida e em nossos costumes sociais. Portanto bem podia haver ainda mais dúzias de lojas de modas como a de *Notre Dame de Paris* na cidade do Rio de Janeiro sem que o *sexo feio* tivesse o direito de queixar-se dos tributos que paga à vaidade do *belo sexo* (Macedo, 1878, p. 184-185).

Os “fantásticos artificios” do século XIX, como rotula o romancista, eram bem exercitados pelos periódicos brasileiros de interesses variados, além de serem um dos principais meios de divulgação das tendências europeias encarecidas. Os redatores constantemente, ao descreverem uma situação – seja ela de cunho político, informativo, interpretativo, opinativo ou recreativo –, consideravam importante pormenorizar o que a figura central do texto estava vestindo, seja uma roupa, um acessório, um simples enfeite ou um apontamento singelo à boa (ou má) apresentação formal na qual a pessoa se encontrava.

Portanto, muitos jornais, ainda que não tratassem de assuntos relacionados à moda, ao estilo, aos costumes ou à venda comercial de produtos de vestuário, indiretamente, confessavam nas entrelinhas de suas colunas a importância do traje para o período. Como exemplo para esse apontamento, o periódico fluminense *Semana Illustrada* publicou uma coluna denominada “Contos do Rio de Janeiro”, a qual era conduzida como uma série temática da revista, em que o autor dos contos, muitas vezes, relatava – de maneira singela – acontecimentos e situações vividos por ele.

Portanto, diante de uma dessas ocorrências, em dois dos contos, assinado por “Teu – L. M.”, estão as seguintes passagens: na primeira passagem, o autor celebra e parabeniza os brasileiros responsáveis pela inauguração da estátua de D. Pedro I, enfatizando junto ao ato político elementos de estilo que compunham a imagem:

Dentro em pouco, daqui a tres mezes, será inaugurada a estatua equestre do Sr. D. Pedro I. Que bella obra! Afóra o chapéo, no entender dos mestres, quanta perfeição, ainda nos mais insignificantes accessorios! Ainda bem, que não foram perdidos esses quatrocentos contos; ainda bem que o magestoso Imperio de Santa Cruz vai possuir um monumento que o não fará córar perante o estrangeiro. Honra áquelles que conceberam e enunciarão a idéa! Honra a todos os Brasileiros, porque todos concorreram para sua realisação! (Semana Illustrada, Rio de Janeiro, n. 32, 21 jul. 1861, p. 2).

Na segunda passagem, o autor compara as crônicas dos periódicos às discussões nas câmaras municipais, queixando-se a respeito da discricção que deveria ter no respectivo ambiente, sem poder citar nomes, principalmente, ao divulgar situações que envolvessem personalidades políticas importantes do período, embora pudesse descrever as suas vestes:

As chronicas são como as discussões nas camaras. Nestas, sendo prohibido declinar nomes, diz-se: o Sr. Senador pela Bahia, o Sr. Deputado pelo 4º districto da côrte, etc. Naquellas, não podendo tão pouco escrever nomes proprios, deve o chronista contentar-se com dizer: o vestido branco, o lilaz, o marrom, etc. Mas, como se haverá elle, quando, por muito olhar para os rostos, não tiver analysado as toilettes? Respondam as minhas amaveis leitoras; mas, emquanto não respondem, permittam-me que termine este



pequeno artigo, declarando que esteve brilhante a ultima reunião do Club Fluminense. Além do grande numero de antigas frequentadoras, havia muitas socias modernas. Entre as antigas distinguam-se: uma de vestido branco, tendo na fronte um precioso diadema de cabellos louros; outra, vestida de seda côr de cinza (se bem me lembro) tinha a cutis alva como alabastro e uns olhos tão, tão negros! Em toda a sua physiognomia mirava-se a candura de seus quinze annos. Entre as socias modernas sobresahiam duas encantadoras moreninhas. Como trajavam, não sei. É que tanto occupei-me com seus lindos rostos, que nem tempo tive para mais. Procurarei ser mais explicito, quando descrever a segunda reunião deste mez. (Semana Illustrada, Rio de Janeiro, n. 32, 21 jul. 1861, p. 2).

Diante do exposto, seria infundável a contagem de textos em periódicos do Oitocentos que descrevam minuciosamente o que as pessoas vestiam. À vista desses registros, exploram-se os seguintes atributos da moda para além das aparências: o patrimônio histórico e cultural, a expressão de valores e da moralidade, a preocupação com o indicativo de status e a moda enquanto linguagem.

Da mesma forma que os redatores elogiavam todas as pessoas que estavam bem trajadas, eles não mediam esforços para criticar quem destoasse do padrão da moda. Por esse motivo, estar atento e se vestir de acordo com os costumes vigentes não eram necessariamente um aspecto de frivolidade e ostentação social, mas denotavam polidez, elegância e conhecimento associados à ideia de modernidade e vinculados ao prestígio social (Barbosa, 2020, p. 55).

Para refletir sobre isso, Lipovetsky (2009), ao se referir à moda escrita em periódicos e opúsculos, faz suposições acerca das razões pelas quais ela era reportada. Dentre os motivos, o autor faz uma crítica aos escritores moralistas, ou pregadores, que usavam das colunas dos jornais de moda para criticar os costumes do tempo e as mazelas humanas. O autor acrescenta dizendo que, até a criação dos periódicos ilustrados de moda, o gênero que a dominava era satírico, no entanto, a partir da metade do século XVIII até os primeiros decênios do século XX, com os jornais guarnecidos de desejos simbólicos, a moda escrita e ilustrada se tornou, sem dúvida, um objeto de desejo, por meio da indução ao consumo e das pseudonecessidades. Isto posto, a crescente midiática junto à proliferação dos discursos de moda, não somente pelas revistas, mas também pelos escritores da época, instauraram à moda a propensão de ser digna de atenção e complacência (Lipovetsky, 2009).

Somado a isso, pode-se dizer que a moda, a partir da sua divulgação impressa no século XIX, deixou de ser vista apenas como parte artística e decorativa, com seu domínio atrelado ao ato incessante de enfeitar e adornar, passando a se tornar motivo de interesses vendáveis, exprimindo superinvestimento e dialogando com a criação de tendências e produções sazonais. Adicionalmente, também foram consolidadas obras de literatos e



ensaístas, que, em suas narrativas – muitas delas presentes em periódicos da época –, pormenorizavam as roupas, respaldando-as enquanto elementos categóricos que integravam o guarda-roupa oitocentista. Ademais, complementando a veracidade das vestimentas descritas nos ensaios romancistas, estão os recursos iconográficos, situados pelas ilustrações, caricaturas e fotografias, por exemplo.

À vista do exposto, os conceitos de Daniel Roche são interessantes para refletir brevemente acerca da história social da moda no Brasil do Oitocentos, a qual estava relacionada à cultura material e às mudanças nas práticas sociais (partes diretamente associadas entre si e aos estudos do historiador). Diante disso, Roche (2007) discorre que o vestuário, ao mesmo tempo que expõe, também mascara a posição social de um determinado indivíduo. No entanto, embora esse apontamento seja verdadeiro, observa-se que, no Brasil do século XIX, as roupas mascaravam muito mais do que somente a posição social, elas não permitiram que a cultura brasileira se desenvolvesse, especialmente, a moda. Esse fenômeno foi decorrente da vinda da família real para o Rio de Janeiro.

Aplica-se, também, à história da moda no Brasil oitocentista o reconhecimento de Roche (2007, p. 506) perante o papel das mulheres, ao alegar que “em todas as categorias sociais, foram as mulheres as principais responsáveis pela circulação dos novos objetos e dos novos valores da comercialização da moda”. Com o respectivo parecer, que faz referência à influência da mulher no âmbito econômico, o autor responde a indagação feita pelo *O Jornal das Senhoras*:

Sem duvida, que ha deveres naturaes que prendem a mulher ao lar domestico, porém é precisamente desde o seio de sua familia que ella pode ter uma influencia directa, sobre essa mesma familia, sobre a nação, e sobre a humanidade inteira. Perguntar-mei-heis: Como? Pois a mulher pode ter outra influencia que não seja sobre as panellas? Outra missão alem das costuras, outro porvir que não seja fazer o rol da roupa suja? Deveras?! (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 2, 11 jan. 1852, p. 14).

Ao contrapor o apontamento de Roche ao d’*O Jornal das Senhoras*, é imprescindível destacar que, no Brasil, foi a partir do século XIX que a história das mulheres foi redirecionada a um novo caminho, o do progresso em formação. Portanto, ao publicar a crítica citada acima, Joanna Paula Manso de Noronha, com o seu ato e a sua posição enquanto escritora e diretora d’*O Jornal das Senhoras*, sem saber, estava respondendo sua própria insatisfação, ao passo que estava “[...] participando diretamente da vida do país, colaborando ou escrevendo na imprensa (Priore, 2020, p. 110). Portanto,



para além do âmbito econômico, as mulheres estavam despertando o imaginário social de que eram capazes de ocupar funções de destaque e podiam fazer a diferença na sociedade.

Por fim, retomando à história social da moda oitocentista no Brasil, Roche (2007) comenta que “ler e ser lido” e que meros sinais eram capazes de revelar hierarquias sociais, afirmando que duas coisas eram indispensáveis: tornar explícito que se pertencia a um grupo e comunicar o quão próximo estava da nobreza e da atmosfera que a envolvia, tendo em vistas que ambas eram responsáveis por estabelecer a moda e o bom-tom. Em concordância com essa análise, que retrata as aparências no Brasil do Oitocentos, *O Jornal das Senhoras* descreve a “influência do dinheiro” na sociedade brasileira do período:

O Dinheiro – sempre dividirá os homens em classes; por consequência, a filha do pobre, destinada a ser a mulher do pobre também, não pode perder um tempo destinado ao trabalho, herança e porvir da sua vida, em aprender a bordar, cantar ou tocar piano (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 9, 20 out. 1852, p. 65).

Diante disso, após realizar uma breve abordagem diacrônica acerca da história social e cultural da moda no Brasil do século XIX, deve-se estudar o vestuário como sendo um agente ativo e social, que, a partir da sua utilidade material percorrida como objeto de valor, nos leva a compreender as diversas representações do mundo social.

Europeização e cultura material da moda

A moda é uma ferramenta capaz de auxiliar na compreensão de um determinado momento histórico, então, ela, enquanto objeto de estudo, representa o espírito de uma época. Além disso, ela também pode ser interpretada como sendo uma consequência daquilo que uma pessoa acredita ser, o que torna os hábitos de consumo elementos investigativos para compreender grupos e níveis sociais. Portanto, a moda auxilia no entendimento do micro e do macro, do indivíduo e do ambiente em que ele está inserido. Nesse sentido, é coerente explicar a formação da moda no Brasil do século XIX por meio dessa perspectiva, para que seja possível entender o que estava por trás da cultura material da moda nesse período.

Primeiramente, o privilégio da escolha – vinculado às pessoas mais abastadas – era limitado às opções europeias, o que tornava a moda antidemocrática e regida por referências estilísticas ocidentais, principalmente, as originárias da França, que, de acordo com Schwarcz e Starling (2018), vieram para o Brasil com a intenção de permanecer. As autoras ainda elucidam que as costureiras francesas que residiam no Brasil trabalhavam



para mulheres que almejavam se vestir nos trópicos segundo os cânones franceses.

Rendas, leques, enfeites, perfumes, chapéus, joias, galões, penachos, laços, bordados de ouro e prata, botas e sapatos de seda: tudo vinha daquela nação. [...] aqui desembarcavam mercadorias finas mas de uso duvidoso. Relógios de parede, candelabros de cristal, lustres, leitos de acaju com cortinas de franjas, mesas de chá e de costura, papel pintado, porcelanas, cristais, tecidos, plumas, joias, biombos de charão (Schwarcz; Starling, 2018, p. 191).

À vista do exposto, a moda que circulava no Brasil sofreu adaptações em decorrência do clima, das matérias-primas e das classes sociais – as estratificações mais baixas da sociedade eram consumidoras de vestimentas mais simples. Ainda que as classes menos abastadas não pudessem desfrutar dos tecidos mais caros, a modelagem de suas roupas era construída com base em cortes franceses ou ingleses, por exemplo.

Não póde o Jornal das Senhoras deixar de ser exacto no que promette, quando apresenta, na estação calmosa do Rio de Janeiro, figurinos para a estação fria de Pariz, desde que o mundo elegante se convencer que os mezes de inverno na Europa são os mais quentes no Brasil. Ora, recebendo o Jornal das Senhoras os figurinos mais modernos de Pariz, todos os mezes, quaes serão os figurinos que elle deveria apresentar ás suas assignantes no mez de Janeiro? Aquelles que recebeu no mez de Dezembro, os mais modernos de Pariz, os de inverno por consequente. [...] Como não pretendemos jámais vos illudir, fallamos verdade em todo o caso, e aconselhamos-vos que guardeis os figurinos que formos publicando agora; porque para o nosso proximo inverno não tereis outros senão esses mesmos, em qualquer parte que tenteis achar mais modernos (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 2, 14 jan. 1855, p. 10).

Para que seja possível destacar essas características, deve-se elucidar o fenômeno da europeização no Brasil, o qual confere que a moda brasileira do Oitocentos era um espelho da moda europeia. Embora essa observação não seja inédita, é conveniente dizer que a sua origem vem da formação cultural europeia proveniente da chegada dos portugueses no Brasil no início do século XIX. O fenômeno da europeização foi consequência do privilégio hegemônico imposto pelas elites da Europa ocidental, que se firmaram

[...] na ideia de uma vocação inata da civilização europeia para o saber, o poder e a acumulação de riquezas. No século XIX essa convicção otimista seria expressa pela fórmula “ordem e progresso”, significando que a difusão e assimilação paulatina e sistemática dos valores da cultura europeia conduziriam o mundo a um futuro de abundância, racionalidade e harmonia (Sevcenko, 2001, p. 15).

Neste contexto de civilização, a europeização no Brasil estava diretamente ligada



à moda, que emergia junto à economia do país – e também era um dos seus combustíveis. A europeização da moda pode ser estudada dentro de um circuito, para além das importações e exportações: moda-imprensa-vida citadina. Com base na obra “A vida social das coisas”, de Arjun Appadurai (2008), compreende-se que a moda e os periódicos são mercadorias capazes de construir o social urbano e estão sujeitas ao consumo. Inspirando-se em Lipovetsky (2009), que empiricamente caracteriza a “sociedade de consumo”, esse pensamento pode ser complementado com a criação e imposição das necessidades. O autor elucida que a esfera das aparências na metade do Oitocentos foi introduzida em todas as partes dos bens de consumo, passando a definir os materiais e as necessidades, os quais eram rapidamente renovados, diversificados e estilizados.

A partir de um determinado momento, a moda e os periódicos se tornaram engrenagens que trabalhavam juntas. O que era considerado “belo” e “moderno” pelas mulheres brasileiras, certamente, estava embutido nos impressos que veiculavam pelas províncias. Nessas folhas, constavam referências de consumo europeias, que, apesar de transitarem em um contexto sociocultural e climático distinto, tinham suas percepções transformadas.

Nossos figurinos são expressamente feitos em Paris para o nosso jornal; cada um d’elles ha de apresentar-vos um dos toilettes de melhor tom, isto é, um toilette que o bom-tom de Paris escolheu com preferencia entre outros muitos, e mais ainda: eles terão de apresentar-vos muitas vezes modas, enfeites e fazendas¹⁰, que Paris ainda as tem de usar na primavera d’este anno [...] as fazendas, modas e enfeites vos serão apresentados ao mesmo tempo com elles. Admiraes-vos d’esta declaração? Pois bem, eu vou explicar-vos a razão. Era de costume velho uo Rio de Janeiro apresentarem as fazendas e as modas de Paris muitos mezes depois de lá serem vistas e usadas; isto acontecia em primeiro logar por serem as estações do anno diferentes e oppostas; e em segundo logar porque não havia o decidido bom gosto, que hoje predomina o nosso mundo elegante, para o consumo das fazendas modernas, e mesmo não havião negociantes que, por melhores desejos que tivessem, se arrojassem a fazer grandes despesas sem nenhuma probabilidade de encontrarem depois os necessarios consumidores. [...] Isto, por certo, é uma das grandes vantagens do Jornal das Senhoras; a moda que elle annuncia está escrita, pintada, executada, e já nas prateleiras da casa dos Snrs. Wallerstein e C. postas á vista do apurado gosto do nosso mundo elegante (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 4, 25 jan. 1852, p. 26).

E por meio desta perspectiva é que se clarifica o comportamento das mulheres – especialmente as da elite –, que almejavam “ser modernas” e “europeias”. Essa reação

¹⁰ Tecidos.



pode ser explicada com base no domínio do desejo, o qual é instaurado a partir do momento em que algo é visto – “a linguagem é a roupa com que se veste o pensamento” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 38, 19 set. 1852, p. 90). Se rendas, muitos babados e anquinhos eram vistos, então, eram desejados. Logo, a influência francesa embutida e veiculada em periódicos femininos oitocentistas era responsável pela construção das aparências (física e moral). Esse fenômeno gerou demanda por produtos europeus, tornando-se um dos motivos pelos quais mercadorias provindas de Paris abasteciam o comércio, tal como o do Rio de Janeiro.

Embora a europeização da moda através dos impressos tenha sido eficaz na disseminação da cultura material europeia, bem como o seu consumo, ela não foi a única: ocorreu, também, a europeização do comportamento. Os costumes das mulheres que consumiam periódicos de moda brasileiros fundamentados em periódicos de moda estrangeiros foram igualmente redefinidos, em especial, os da segunda metade do século XIX. Foi neste momento que cresceu o número de mulheres alfabetizadas, tendo em vista que, de acordo com Morel e Barros (2003, p. 60), “até a década de 1830, a maioria das mulheres era analfabeta”.

Paralelo a esse avanço sociocultural e político, outro progresso feminino foi instaurado. O ano de 1852 foi precursor de uma nova fase da imprensa feminina, com a criação d’*O Jornal das Senhoras*, caracterizado como sendo o primeiro periódico destinado às mulheres e redigido por mulheres. Este periódico, além de apresentar textos sobre moda, arte, teatro e literatura, abordava de maneira especial em suas colunas a emancipação moral das mulheres, como escreve Joanna Paula Manso de Noronha:

Ora pois, uma Senhora a testa da redacção de um jornal! Que bicho de sete cabeças será? Comtudo em França, em Inglaterra, na Italia, na Hespanha, nos Estados-Unidos, em Portugal mesmo, os exemplos abundão de Senhoras dedicadas á litteratura collaborando differentes jornaes. Por ventura a America do Sul, ella só, ficará estacionaria nas suas idéas, quando o mundo inteiro marcha ao progresso e tende ao aperfeiçoamento moral e material da Sociedade? Ora! não pode ser. A sociedade do Rio de Janeiro principalmente, Corte e Capital do imperio, Metropoli do sul d’America, acolherá de certo com satisfação e sympathia O Jornal das Senhoras redigido por uma Senhora mesma: por uma americana que, senão possue talentos, pelo menos tem a vontade e o dezejo de propagar a illustração, e cooperar com todas as suas forças para o melhoramento social e para a emancipação moral da mulher (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 1, 1 jan. 1852, p. 1).

O papel social da imprensa na vida da mulher estava diretamente ligado à construção cultural que norteou suas práticas e seus costumes, tendo em vista que a



cultura erudita e livresca tem o poder de transformar determinadas representações em sentidos diversos (Chartier, 1988), portanto, com a base de uma cultura se constrói uma nova cultura. Ao relacionar essa perspectiva à europeização da moda, pensa-se na existência de apropriações sociais. Leite (2017), antes de discutir sobre o conceito de nacionalismo europeu e nacionalismo brasileiro, comenta que a relação com a terra e a comparação com outras nacionalidades são sinais evidentes do sentimento nacionalista, despertado especialmente pelo nacionalismo francês.

Dando continuidade, Leite (2017, p. 44) defende que “a independência das colônias sul-americanas coincide com o nascimento do nacionalismo europeu. Na realidade, a ideologia que preside esse movimento de independência e o seu fortalecimento é nitidamente importada da Europa”. Esse apontamento histórico não deve ser visto como um anacronismo, ao acrescentar-lhe a percepção de que o Brasil ainda apresenta apropriações sociais advindas do europeu. Em alguns aspectos, o “ser brasileiro” ainda utiliza as lentes importadas da Europa para interpretar e dar sentido a sua vida intelectual e ordinária, de modo especial, à construção da moda – não se distanciando muito do Brasil oitocentista: “a moda vem da França” (*O Espelho Diamantino*, Rio de Janeiro, n. 3, 15 out. 1827, p. 46).

Diante do exposto, conclui-se que a definição de europeização no Brasil do Oitocentos deve ter como parâmetro indissociável a moda, que colabora na compreensão dos indivíduos, da atmosfera na qual pertenciam, da imprensa, do mercantilismo entre Europa e Brasil, do consumo e das aparências. No que tange a imprensa, enfatiza-se a cultura por observação. Barbosa (2020) faz referência à segunda metade do século XIX, quando as mulheres podiam admirar ilustrações de modas provenientes da França, inspirando-se e desejando-as. Dentre os impressos europeus, estava o periódico *Le Moniteur de la Mode* (1843-1913), que, para *O Jornal das Senhoras*,

serviu como exemplo para as redatoras Joanna, Violante e Gervásia na extração e na anexação de litografias com imagens de vestidos, adereços e pontos de bordados, além das descrições das estampas que eram traduzidas, copiadas e inseridas no artigo de moda do periódico brasileiro. [...] a escolha da redatora Joanna Paula Manso de Noronha em estabelecer um acordo comercial com o redator do *Moniteur de la Mode*, Camille Adolphe Goubaud, possivelmente deve ter sido feita sob a mediação dos comerciantes Alexandre e Francisco Demarais. Esses franceses, donos de um estabelecimento comercial voltado ao embelezamento feminino situado na Rua do Ouvidor, número 86, recebiam o *Moniteur de la Mode* desde 1845, indicando que o impresso já circulava pelo Brasil há alguns anos [...] Desde o lançamento do *O Jornal das Senhoras*, em 1852, os comerciantes Alexandre e Francisco



Demarais revendiam o impresso estrangeiro para Joanna, Violante e Gervásia, intermediando o contato entre as redatoras brasileiras com o periódico francês (Barbosa, 2020, p. 55).

Diante disso, articulado com o que fora dito anteriormente, o circuito da moda (moda-imprensa-vida cidadina), diretamente ligado à europeização e à formação de uma cultura por observação, foi um dos mecanismos responsáveis pela consolidação da materialidade da moda, que, no Brasil, foi sendo estabelecida no decorrer do século XIX. Roche (2007) faz alusão às práticas materiais da moda, sustentando a ideia de que influenciam o comportamento através do vestuário, o qual está diretamente ligado às relações sociais e culturais.

Em concordância com o autor, deve-se acrescentar que o vestuário pode ser estabelecido de diferentes formas. Além da sua forma física e real, enquanto objeto vestível, pode ser computado nas formas de discurso textual e discurso imagético. Analisando estas versões pelas lentes dos periódicos especializados em moda do século XIX no Brasil, tem-se a exploração do vestuário por meio da sua descrição em colunas de modas e das suas representações ilustradas. Tais formatos qualificam o vestuário brasileiro do Oitocentos como objeto de valor, tornando-o fragmento da cultura material da moda expressada em folhas veiculadas de comunicação e expressão.

Por conseguinte, Assunção e Italiano (2018, p. 247) salientam que “se não houvesse mudanças no vestuário, não haveria conteúdo para a coluna de moda nos periódicos, que, portanto, poderiam perder leitoras”. Embora este seja um ponto de vista assertivo, o próprio *O Jornal das Senhoras* (Rio de Janeiro, n. 28, 10 jul. 1855, p. 217) tranquiliza, por menor que seja, o “perigo” acenado pelas autoras, ao dizer: “a moda caminha rápida, cada dia que foge lhe rouba um encanto e lhe traz uma nova beleza”. Assim sendo, é correto afirmar que a moda não pode ser interrompida e, apesar de ela ser constante em movimento, evolução e adaptação, ela é inconstante, estando propensa a mudanças frequentes.

Infere-se, portanto, que os periódicos de moda do século XIX, ao apresentarem e propagarem o vestuário vigente no período, devem ser delimitados como uma forma de materialidade da moda – não somente no Brasil, mas especialmente no Brasil, uma vez que as mercadorias de moda e as cópias de modelos europeus tiveram a sua demanda impulsionada dado “[...] o acesso de grande parte da população brasileira a informações das potências da época: a França e a Inglaterra” (Assunção; Italiano, 2018, p. 235), tornando os periódicos uma das principais formas de manifestação da moda no Brasil



oitocentista.

A exemplo disso, a coluna intitulada “Descrição da Estampa”, publicada no dia 22 de agosto de 1852 no periódico *O Jornal das Senhoras*, analisa uma ilustração publicada na mesma edição (Figura 3), a qual foi transferida para o periódico brasileiro, após ser retirada da revista francesa *Le Moniteur de la Mode* (Figura 4)¹¹. A descrição é um exemplo da moralidade da época, expressada por meio das roupas femininas mais fechadas e volumosas, com o intuito de revelar recato e decoro:

Aqui tendes dois toilettes dos mais distintos que apparecêrão no dia da grande revista em Paris. São duas elegantes que estão debaixo de um pavilhão d’onde observão curiosamente a benzedura das aguias e as evoluções militares: vejamos de que se compõe o seu toilette.

A da direita usa um lindo chapeo de filó guarnecido de duas ordens de crespos de tafetás branco entremeiados de passamanes de palha. – Vestido de tafetás furta-cor, rosa e branco, com tres folhos largos ornados de uma grega feita com uma fita especial, propriamente chamada fita de encrespar, á qual o Moniteur dá-lhe o engraçado appellido de farfadets, nome mui parecido na pronuncia com fafás, palavra carioca, e que é bem applicado neste caso. – Corpinho afogado, de basquine enteiriço todo talhado por divisões iguaes, guarnecidas dos mesmos fafás. – Mangas talhadas pelo lado inferior e graciosamente atacadas do cotovello até em baixo, – Submangas enfunadas.

A da esquerda acaba de retirar o seu oculo de punho e chama, a attenção da sua amiga sobre talvez aquelle official que do Pavilhão se vê ao longe correndo a cavallo. Ella está penteada á rainha Hortense, moda do tempo do imperio, que Paris resurcitou-a em obsequio a Luiz Napoleão, e vai graçando com todo o furor. Este penteado forma-se voltando o cabello todo para cima, deixando ficar pequenas pontas, das quaes fazem-se delgados annelinhos que enfeitão toda a testa, e vem finalizar junto ás orelhas. Entre a trança e estes annelinhos passam duas ordens de enfeite de veludo azul ferrete esmaltado de vidrilho, rematando de cada lado com um laço de pontas picadas, – Roupão afogado de tafetás verde com avental fingido por uma guarnição enviezada de renda guipure, verde e preta, que continúa enfeitando o corpinho também. Este roupão é fechado de cima até abaixo por uma ordem de botões muito juntos acompanhada de bandas da mesma renda guipure. – Um afogado colarinho a cardeal de guipure branca de Veneza, e da mesma renda são as submangas, as quaes seguem os contornos das mangas de seda (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 3, 22 ago. 1852, p. 59).

¹¹ Sempre que for apresentada uma ilustração em preto e branco, em seguida, será exibida uma ilustração colorida, uma vez que a ilustração colorida faz referência à origem da figura, o periódico *Le Moniteur de la Mode*, do qual vinham as referências de moda publicadas n’*O Jornal das Senhoras* – dá-se isto, em decorrência da qualidade do material disponibilizado no Acervo da Biblioteca Nacional Digital, como mencionado anteriormente. Portanto, sabe-se que a gravura colorida é diferente das produções que derivam dela.

Figura 3: Ilustração d'O Jornal das Senhoras – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil



Fonte: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096>

Figura 4: Ilustração originária do periódico *Le Moniteur de la Mode*, julho de 1852



Fonte: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n180/mode/1up>

Ademais, condizente à europeização da moda no Brasil, um dos pontos mais discutidos pelo *O Jornal das Senhoras* eram as diferenças climáticas entre Europa e América do Sul – discorrer sobre essa condição nas folhas circulantes era mais simples do que viver na prática o peso dos casacos europeus. Na coluna “Modas”, publicada no periódico supracitado, o frio europeu é satirizado:

[...] E por inverno. Querem alguns exagerados comparadores de estações que nós não tenhamos o nosso inverno também, só porque não temos por cá os frios de Pariz e as neves de Londres; não posso concordar com semelhantes desarrazoados. Cada um com o que é seu; nós com o nosso inverno, e elles com o seu; nós com o nosso frio, e elles com a sua neve, cada um passa uma estação, na qual se opéra uma differença consideravel de atmospheria, e contra a qual nos devemos preparar para nos pôr-mos a salvo dos defluxos, tosses, constipações e outros inconvenientes de saude, que provavelmente se originão da humidade do nosso inverno, e do pouco caso que delle se faz porque não é o frio da Europa! (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 28, 10 jul. 1853, p. 218).

Em decorrência disso, o mesmo periódico descrevia opções invernais adaptadas

ao clima do Brasil, para que as mulheres não deixassem de se vestir “à francesa”:

Vou dar-vos agora a descrição de quatro toilettes de inverno [...] São dous toilettes para passeio e dous para visitas.

Primeiro toilette. Vestido de tafetá còr de castanha, com tres folhos da mesma fazenda, chinez preto. Corpo afogado, de basquine enfeitado de tiras de tafetá, chinez preto, e fechado adiante por um botão de mosaico. Chapéo de palha de arroz ornado de flôres. Mantelete-manta de seda preta enfeitado de guipure.

Segundo toilette. Vestido de tafetá preto com tres ordens de franja larga de seda na saia. Corpo afogado, espartilhado, aberto em coração adiante e enfeitado tambem de franja. Chapéo de seda còr de flòr de alecrim, ornado de guarnições de renda preta. Este toilette é para meio luto.

Terceiro Toilette. Vestido de seda de applicação, azul-ferrete, lavrado de preto. Corpo de basquine aberto adiante. Chapéo de escomilha e blonde com pluma. Mantelete Impératrice de guipure preta.

Quarto toilette. Vestido de tafetá ou setim preto, com tres folhos de renda guipure ornada de vidrilho. Corpo afogado, aberto e espartilhado, guarnecido da mesma renda. Chapéo imperial de renda guipure preta com flores de vidrilho. Mantelete-manta de tafetá ou setim, como o vestido, enfeitado da mesma renda. Este toilette é para meio luto (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 28, 10 jul. 1853, p. 218).

Barbosa (2020) faz uma análise acerca da representatividade da cultura francesa instituída na vida das mulheres brasileiras oitocentistas, destacando as ilustrações como principais mediadoras dessa influência sociocultural. O autor elucida o percurso que os periódicos e as litografias estrangeiros traçavam para terem o seu conteúdo estudado e redigido nos impressos brasileiros:

Ao desembarcar no porto, tais periódicos e litografias eram enviados aos estabelecimentos comerciais dos distintos mediadores culturais existentes na cidade. Em seguida, eles chegavam às mãos das redatoras que circulavam pelas ruas e lojas de modistas, alfaiates e demais costureiras a fim de fazer consultas e obter pareceres sobre as informações recebidas da Europa, para então realizarem a tradução e a descrição da ilustração que seria impressa na próxima edição do periódico. [...] Saber da disponibilidade dos tecidos e adereços que compunham a ilustração era necessário e fundamental às escritoras no processo de tradução e transcrição da estampa para o periódico. Afinal, era nessa descrição que as assinantes se pautavam para buscar, nos estabelecimentos comerciais, tecidos e aviamentos para que pudessem confeccionar vestimentas semelhantes às vistas nos jornais, com as adaptações necessárias (Barbosa, 2020, p. 53).

A fim de complementar a menção de Barbosa, Morel e Barros (2003, p. 16) acrescentam:



Os impressos viajavam, transpunham mares e faziam “viajar” seus leitores. Nota-se, aliás, na ampla tradição da literatura de viagens, a conotação de descobrimento, de busca de conhecimento (e de apropriação) do outro, do diferente. A tênue fronteira entre o exótico e o exato, entre o igual e o semelhante.

Em conformidade com as descrições das ilustrações que os periódicos promoviam às mulheres, para que dispusessem das informações exatas do que era necessário para obterem a vestimenta que ansiavam, tem-se como exemplo as colunas intituladas “Descrição da Estampa” d’*O Jornal das Senhoras*, publicadas nas edições 32, 33, 40, 43, 44 e 52, equivalentes ao ano de 1852. Tais colunas servem, também, como exemplo da europeização da moda no Brasil do Oitocentos.

A coluna da edição 32 descreve a ilustração da Figura 5 – a Figura 6 é a ilustração colorida originária do *Le Moniteur de la Mode*. Na citação, o “*toilette de passeio*” faz referência à mulher que está no centro da ilustração; o “*toilette de baile*” faz referência à mulher à direita da ilustração; e a “*pequena suissasinha*” se refere à criança à esquerda da ilustração.

Toilette de passeio. Vestido de seda afogado, ornado de tres folhos iguaes, em disposição, guarnecido cada um por uma fita encrespada das mesmas côres de barra. – Uma gola ou cabeção de longos bicos termina as disposições deste vestido. – Mantelete-chale de veludo azul, forrado de setim côr de rosa, avivado todo com quatro ordens de estreito galão de veludo preto acompanhado de renda preta mui larga com outra estreita por cima orlando ambos os lados; esta mesma renda e encrespada guarnece o decote do mantelete e a volta inferior. – Chapéu de gros de naples branco com tres ordens de crespos de blond successivos em volta da ába, os mesmos crespos pelo ado de dentro, e fechado por um laço de grandes pontas volantes de fita pintada. – Penteado de bandós muito encrespados simulando canudos.

Toilette de baile. Vestido de filó bordado a capricho com desenhos d’alto a baixo, deixando intervallos iguaes entre si, sobre outro de tafetás côr de rosa. – Corpinho liso de meio bico, cabeção de bico guarnecido de duas ordens de estreita renda; cinto de fita muito larga e de pontas volantes. – Penteado de meios bandós, ornado de fita azul formando ao lado esquerdo um laço de pontas volantes enriquecido de camelias dobradas. Aquella fina correntinha, que se precipita do lindo pescoço nú para prender no cinto um delicado e pequeno relógio, é de immensa graciosidade e bom tom. As diversas pulseiras de fantasia de ouro e pedras são ornamentos indispensaveis em todo o toilette de rigor.

E dessa pequena suissasinha, tão loura, tão viva, vendendo ovos, não quereis que lhe descreva a sua roupagem? Pois assevero-vos que se tivesse uma filhinha lhe mandaria fazer, por fantasia, uma destas vestimentas. Ha tanta singeleza, tão bons costumes nesta gente.... (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 32, 8 ago. 1852, p. 42).

Figura 5: Ilustração d'O *Jornal das Senhoras* – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=Les%20Modes%20Parisiennes&id=1332009744837&pagfis=310>

Figura 6: Ilustração originária do periódico *Le Moniteur de la Mode*, 1852



Fonte: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n158/mode/1up>

A coluna da edição 33 descreve a ilustração da Figura 7 – a Figura 8 é a ilustração colorida originária do *Le Moniteur de la Mode*. Na citação, o “*toilette de receber em casa*” faz referência à mulher à esquerda da ilustração e o “*toilette de passeio em tempo chuvoso*” à mulher à direita da ilustração.

A primeira figura representa um elegante toilette de receber em casa visitas de manhã.

Roupão atacado, de cachemira côr de pó, liso e mui comprido; a saia finge ser aberta até á cintura desencerrando uma outra de veludo azul meia côr, enfeitada com nove laços iguaes; mas esta sáia não é mais que uma tira de veludo em fórmula de avental comprido, e lhe dá todo o realce e galanteria que vedes. – Corpinho afogado atraz abrindo graciosamente adiante até o peitilho, cm revézes de veludo, presos ao fechar por outro laço da mesma fazenda, deixando apparecer uma camisinha de bandas recortadas que acompanhão toda a gôla, e vem passar por sobre os revézes até esconderem-se no peitilho. – Mangas semi-curtas, talhadas, de pontas dobradas para cima, as quaes são forradas de velludo e vão formar duas orelhas triangulares presas e enfeitadas com um pequeno lacinho entre ellas; – submangas largas de cassa fechadas por um punho de entremeio bordado e guarnecido de uma tira franzida. – Penteado de quatro ordens de cachos contidos,

pousando sobre a trança uma pequena touquinha de filó bordado com barbas deste estofo. – Luvas côr de canna e pulseiras de marfim.

Toilette de passeio em tempo chuvoso.

Vestido de seda dobrada côr de chumbo, com cinco ordens de listas verdes – barra em disposição – Corpinho afogado de meio bico – Mantelete a Maintenon, que vem a ser, uma capa redonda, sem mangas, guarnecida de uma só renda alta de dezeseis polegadas, tomando-lhe o franzido um crespo de fita de setim; capuz todo de renda fechado por uma gargantilha e um laço de fita mui larga com grandes pontas volantes. – Chapéo de escomilha branca ornado de fita com uma touquinha por dentro de flores brancas e escarlates (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 33, 13 ago. 1852, p. 50).

Figura 7: Ilustração d'O Jornal das Senhoras – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=1226705052258&pagfis=31>

Figura 8: Ilustração originária do periódico *Le Moniteur de la Mode*, maio de 1852



Fonte: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n156/mode/1up>

A coluna da edição 40 descreve a ilustração da Figura 9 – a Figura 10 é a ilustração colorida originária do *Le Moniteur de la Mode*.

Mãe e filhos estão de passeio.

A mãe traja um encantador vestido de Barege azul claro enfeitado, de sete folhos com fitas passadas fingindo barras em disposição – a fita empregada é da mesma do cinto – corpo franzido, e de transpasse, com um revêso, ou rebuço, formado das mesmas fitas passadas, e guarnecido em todo o talho por uma gola de renda maline – margas progressivas de quatro folhos, também enfeitadas no mesmo gosto, com submangas de filó acompanhado de renda – um laço de fita imperial, branca com pintas cor de rosa, de grandes pontas volantes. Está fixado sobre o lado esquerdo da cintura, onde principia o traspasse – Lindíssimo e gracioso é o chapéo á Maria Stuart. De filó e renda, elle tem por adorno mais outra renda larga que tinge um meio véo por sobre a volta da aba, e cahe um pouco sobre a testa; do lado esquerdo da cópa desce uma pluma, cuja ponta se volta com toda a galanteria para dentro da ába e quasi que vai beijar a face da elegante – um laço de fita branca com pontas volantes dá-lhe o ultimo realce da sua belleza.

A menina tem seis para oito annos – Traja vestido curto de caça branca com seis folhos estreitos de preguinhas – corpinho franzido; mangas

curtas e justas com laços de fita cor de rosa; fita da mesma côr, porém mais larga, com pontas volantes na cintura; braceletes de veludo – cabelo em um só fio repartido, da testa á nuca, formado em tranças encaracoladas de cada lado da cabeça – botinhas cor de rosa.

O menino tem quatro para cinco annos – chapéo de palha á Rober des Bois enfeitado com uma pluma de Coq-Blouse, de ganga amarella, guarnecida de uma fila de botões de alto a baixo, e conchegáda ao corpo por um cinto de vernis preto – collarinho a cardeal; mangas e calças de bordado inglez; meias de listas á meia perna e botinhas altas. Não larga aquella espingardinha e a espada, por cousa nenhuma; vae tão concho na guarda dos queridos objectos que acompanha, que seria capaz de espingardear e cutilar o primeiro imprudente que ousasse offendellos (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n 40, 3 out. 1852, p. 106).

Figura 9: Ilustração d'O Jornal das Senhoras – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=1226705052258&pagfis=38>

Figura 10: Ilustração originária do periódico *Le Moniteur de la Mode*, 1852



Fonte: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n184/mode/1up>

A coluna da edição 43 descreve a ilustração da Figura 11 – a Figura 12 é a ilustração colorida originária do *Le Moniteur de la Mode*.

A figura da direita representa um toilette de baile no campo – vestido de nobreza branca enfeitado com dois mui franzidos folhos recortados a ferro, por sobre o pregado de cada um delles passa um cresposinho da mesma fazenda, tambem recortado a ferro – cabeção da mesma nobreza e ornado de duas ordens dos cresposinhos – Por cima deste vestido desenvolve-se uma tunica á la grec de finissima tarlatana branca muito transparente semeada de rosas bordadas em sêda com um cresposinho tambem côr de rosa guarnecendo o seu engraçado talho – Corpo franzido, cintura redonda e cinto de veludo preto, não com fivela, mas com laço de pontas volantes – mangas justas e curtas enfeitadas com laços iguaes de veludo preto, luvas brancas e laços de veludo em lugar de pulseiras – Penteado de bandós encrespados e uma grinalda de rosas sem folhagem unicamente guarnecendo-lhe a trança e fechada nesse logar por um outro laço de veludo preto de longas pontas fluctuantes.

A figura da esquerda representa um toilette de passeio. – Vestido de barege feutre com três largos folhos separados igualmente, enriquecidos de guarnições impressas de rosas de côres matisadas.

Bem junto ao pregado do primeiro percorre uma fita encrespada imitando as côres das guarnições tomando estes tres folhos as tres quartas partes da altura da saia. – Corpinho afogado, franzido nos hombros e na cintura sómente, para simular pregas altas e soltas; mas este corpinho não deve ser forrado, que é para deixar revelar-se pela transparencia do barege a delicada modestia de cambraia bordada que por dentro reveste todo o peito. – A gola do vestido é orlada com uma rendinha de bicos. – Cintura redonda, cinto de fita escoceza com fivela e relógio preso em largo grilhão. – Mangas semicurtas, de talho diagonal, guarnecidas de fita estreita encrespada igual á dos folhos. – Chapéo de palha cinzenta enfeitado simplesmente, flores por dentro das abas e uma fita larga escoceza que lhe envolve a copa; descendo em duas pontas para formar o laço. – Pulseiras de fantasia, luvas côr de carne, lenço de cambraia de linho bordada. (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 43, 24 out. 1852, p. 130).

Figura 11: Ilustração d'O Jornal das Senhoras – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil



Fonte: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=409>

Figura 12: Ilustração originária do periódico *Le Moniteur de la Mode*, 1852



Fonte: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n230/mode/1up>

A coluna da edição 44 descreve a ilustração da Figura 13 – a Figura 14 é a ilustração colorida originária do *Le Moniteur de la Mode*.

Toilettes de passeio.

1ª figura. – Vestido de tafetá simples côr de rosa com tres barras em disposição compostas de guarnições de fita estreitinha encrespada por duas, tres e quatro ordens. Estes crespos são formados de uma fita especial que se denomina em portuguez – fita de encrespar – ha de todas as larguras, e deu-se-lhe este nome porque é tão habilmente preparada, que puchando-se apenas por uns cordõeszinhos que estão entrepassados ao comprido por toda ella, á maneira de pequenos alinhavos, principia a encrespar-se toda formando um crespo igual, que se torna um lindo enfeite, e sempre de feliz effeito em sua applicação, sobre tudo nos vestidos lisos e seus accessorios. – Esta fitinha pois guarnece, além das barras dos vestidos, todo o paletot e as mangas em volta. – Paletot do mesmo tafetá, mui curto, e com reverso aberto ou peito voltado (que é o mesmo), O reverso, as mangas e ábas são de um recortado largo, por baixo do qual prende-se em franzido solto a larga e rica renda preta guipure que rodeia todo o paletot. Elegantemente é apenas preso por um pequeno botão na altura em que está collocado o braço esquerdo da figura. – As submangas em duas

ordens e a camisinha de gola voltada que se pronuncia pela abertura do peito do paletot, são de renda de Bruxellas. – Chapéo de nobreza branca lisa, enfeitado de fita batida da mesma côr, sustendo por dentro das ábas duas rosas com folhagem de cada lado das faces.

[...] 2ª figura. – Vestido de tafetá furta-côres pardo e preto, ornado de cinco folhos diminuindo de altura progressivamente, todos bordados de seda preta formando um recortado ondeado. – Corpinho afogado, aberto adiante, com reverso e busquine igualmente bordados no mesmo gosto dos folhos. Este basquine não é mais do que umas abinhas que se accrescentão ao corpinho, sobre postas e cosidas juntamente com elle para tomarem a engraçada fôrma que representa a estampa; é por esta razão, e para que conservem e ajustem a graciosidade do talhe do corpo e cintura, que estas abinhas não podem ser cortadas – em copinho inteiriço. – As mangas são formadas de tiras de tafetá, também bordadas e recortadas, reproduzindo-se em quatro ordens, umas por dentro das outras, e gradualmente alargando de cima para baixo. – Submangas de filó enfunadas, com duas ordens de punhos de renda de ponto de Inglaterra, voltados para cima e ponteados nas submangas. – Camisinha sem gola, da mesma renda, pôrem habilmente ideada; o peito é todo de pequenos pedaços de renda cosidos transversalmente uns sobre os outros; de sorte que condiz perfeitamente bem com a ordem de folhos do vestido. – Chapéu de palha de arroz enfeitado de fita em volta da copa com tufas de trepadeiras azues, descambando-lhe por sobre a ába um gracioso véo de ponto de Inglaterra.

Não me esquecerei de remarcar aquella perigosa luneta com que o bom-tom, não contente de ver-se radiante triumphador, ainda quer de mais perto gozar todos os objectos, mesmo os mais humildes e fugitivos (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 44, 31 out. 1852, p. 139).

Figura 13: Ilustração d'O Jornal das Senhoras – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=4224204285024&pagfis=41>

8

Figura 14: Ilustração originária do periódico *Le Moniteur de la Mode*, 1852



Fonte: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n208/mode/1up>

Além disso, a coluna da edição 5 do ano de 1855 descreve a ilustração da Figura 15¹² – a descrição foi feita de maneira enumerada, a fim de pormenorizar os detalhes de cada vestimenta, tendo em vista que a ilustração apresenta seis mulheres perfeitamente adornadas:

- Nº 1 – Derviche. Capote de cachemira de cor clara enfeitado de galão e franja.
- Nº 2 – Luxembourg. Paletó de veludo preto com mangas, enfeitado de renda e franja marabouts com botões.
- Nº 3 – Médina. Capote de veludo preto com mangas, enfeitado de franja guipure.
- Nº 4 – Magnosia. Basquine de veludo preto ou de cor, enfeitada de renda guipure e botões.
- Nº 5 – Stamboul. Mantelete-chale de veludo bordado de matiz, enfeitado de franja hespanhola.

¹² As ilustrações que estampam um número maior de mulheres são encontradas em preto e branco, mesmo no periódico *Le Moniteur de la Mode*, do qual são oriundas. Considera-se essa característica como sendo uma decisão editorial da revista. Portanto, tais ilustrações, ao serem litografadas n' *O Jornal das Senhoras*, foram impressas na mesma qualidade. Curiosamente, as ilustrações em preto e branco são bastante semelhantes entre si.

Nº - Braganza. Mantelette-chale de veludo, enfeitado de renda de Chantelly e passementeria. (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 5, 4 fev. 1855, p. 34).

Figura 15: Ilustração d'O Jornal das Senhoras – Acervo da Biblioteca Nacional Digital – Brasil



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=1332009744837&pagfis=1478>

Como observado, *O Jornal das Senhoras* tinha um cuidado excepcional e um olhar técnico e prático ao descrever cada vestimenta que compunha as ilustrações impressas. Apesar destas terem sido retiradas unicamente do *Le Moniteur de la Mode*, outros periódicos de moda foram citados pelo *O Jornal das senhoras*, sendo eles: *Petit Courrier de Dames* (1821-1868); *Les Modes Parisiennes* (1844-1885); e *Le Follet* (1829-1882). Diante disso, *O Jornal das Senhoras* comentou sobre cada periódico:

- *Moniteur de la Mode:*

Desde que a Redacção do Jornal das Senhoras foi autorisada para poder publicar regularmente os figurinos do Moniteur de la Mode que os deve apresentar ás suas assignantes taes quaes chegão elles de Pariz.

O Moniteur de la Mode, querida leitora, é sem duvida o primeiro dos mais bem conceituados Jornaes de modas de Pariz, e suas

delicadíssimas Estampas o comprovão. Não podendo por tanto o Jornal das Senhoras apresentar por ora modas inventadas no seu paiz e querendo apresentar aquellas que mais felizmente são criadas em terra estranha, apoiou-se na primazia do Moniteur de la Mode, e publica no Rio de Janeiro as gravuras deste Jornal (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 13, 27 mar. 1853, p. 98).

- *Petit Courrier de Dames:*

O Petit Courrier de Dames apresenta a nova criação de Mme. Gagelin, que elle espera ser de um feliz successo, por isso mesmo que é muito notavel a sua invenção: são os chapéos de setim ou veludo, de abas curtas, de 4 polegadas menos que as abas dos chapéos que hoje usamos, para deixar os dois terços da cabeça descoberta (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 47, 21 nov. 1852, p. 162).

- *Les Modes Parisiennes:*

Les Modes Parisiennes jornal tambem de muito bom gosto, está nas mesmas opiniões e acompanha os contemporaneos, cortejando igualmente a estação dos proximos bailes e soirées (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 47, 21 nov. 1852, p. 162).

- *Le Follet:*

Alguns outros, como por exemplo Le Follet, folha pequena e de pouca monta, vi-lhe o seu ultimo figurino n. 1679 e como ainda é das estampas antigas de grupos de tres e quatro figuras desconsoladas e mal vestidas, ainda do tempo das cinturas immensamente compridas e espartilhadas á ingleza, fechei a folha e não quiz mais ler jornaes francezes por esta vez (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 47, 21 nov. 1852, p. 162).

Observa-se, portanto, que a europeização da moda e do comportamento eram consequências simbólicas da circulação entre as mulheres de impressos com referências de moda provenientes da Europa ocidental. Após esse simbolismo estético e moral ser introduzido à vida social brasileira, tornou-se material, desejável e necessário, devido a fatores determinantes como a busca pela “moderno”, pelo conhecimento, pelo “bom-tom”, pela notoriedade e pelo *status*.

Ao observar o simbolismo e as práticas rituais desses movimentos, é possível ver que eles não são simplesmente um mito acerca das origens das mercadorias europeias, mas uma tentativa de replicar ritualmente o que percebiam como modalidades sociais da vida europeia. Essa é a significação do uso de moldes, formas de falar, títulos etc. [...], o que era reproduzido era o que era visto como as formas sociais e linguísticas europeias mais potentes” (Appadurai, 2008, p. 73).

Desse modo, no que diz respeito à cultura material da moda, afirma-se que *O Jornal das Senhoras* foi um instrumento difusor do europeísmo brasileiro instituído ao longo do século XIX no Brasil.



Produção local existente

Diante desse panorama, atrelado aos primórdios da moda oitocentista brasileira, D. João VI, em 28 de janeiro de 1808, assinou a primeira medida da carta régia de abertura dos portos brasileiros às nações amigas, conduzindo o Brasil às relações diretas com o comércio estrangeiro.

Havia um país especialmente favorável à medida [...]: a Inglaterra, na época a ‘nação amiga’ de Portugal. [...] Tal fato levou os comerciantes ingleses a exportarem quantidades enormes de mercadorias para o Brasil, muito acima da capacidade de absorção do mercado local. E assim chegaram gêneros de boa qualidade mas não muito coerentes com os hábitos brasileiros de consumo, e outros, ainda, absolutamente impróprios. São famosas as referências à entrada de [...] espartilhos de barbatana de tubarão para senhoras (Schwarcz; Starling, 2018, p. 174).

O jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, com seus interesses luso-brasileiros, tornava público o “Mappa”, uma espécie de lista ou relação de mercadorias exportadas de Liverpool para o Brasil. Dentre os bens, estavam artefatos de moda como, camisas, chapéus, barretes¹³, óculos, suspensórios, “enfeites de senhora”, relógios, chales, calçados, lenços, fitas, linhas, lã fiada, meias, além de tecidos como, chita, algodão, linho, lã, seda, cambraia, baeta (feita de lã ou algodão), entre outros. Embora as importações de diversas mercadorias fossem importantes para o desenvolvimento da economia do país, o Brasil era detentor de um mercado interno.

Segundo Saraiva, Nabarro e Goldfeder (2024), essencialmente, desde a gênese da economia brasileira, o mercado brasileiro se define como agroexportador, o que, por sua vez, colaborou para a utilização da mão de obra escravizada, visto que os portugueses não estavam familiarizados com as formas de trabalho e culturas encontrados nas áreas tropicais (Cunha Júnior, 2023). Isto posto, deve ser bem esclarecido que as sociedades africanas foram pioneiras em inúmeros conhecimentos espalhados pelo mundo, dos quais muitos vieram para o Brasil durante o escravismo africano e, como elucida Cunha Júnior (2023, p. 49), “[...] quem colonizou, de fato, o Brasil foram os africanos, pensando colonizar como transferência de conhecimentos e a produção da cultura, e não como forma de dominação e invasão dos territórios”.

Ao estudar a História do Brasil, deve-se sempre dar importância aos saberes e à herança dos africanos como substanciais para o desenvolvimento e a formação da

¹³ Cobertura para a cabeça semelhante a um gorro; chapéu vermelho quadrangular usado pelos cardeais.



sociedade brasileira. Dentre os domínios africanos, estava a tecelagem do linho e do algodão, que, segundo Saraiva, Nabarro e Goldfeder (2024), eram uns dos produtos de exportação mais importantes. Os autores ainda assinalam que os escravizados eram parte significativa das primeiras fábricas como as de atividades têxteis, promovendo, por exemplo, a manufatura do algodão, que envolvia fiação, tecelagem e tingimento, impulsionando assim o crescimento da economia brasileira.

Em Minas Gerais, onde fazendeiras menos abonadas criavam carneiros, aproveitava-se a lã para fazer tecidos grosseiros. Mulheres hábeis capazes de fazer tecidos diferentes desse tipo de lã assim teciam sua vida. Com a lã, cultivavam linho e algodão, que eram fiados em teares. Cobertores de algodão lavrados com flores, quadrados e cruzes coloridas eram produtos dessa indústria doméstica. [...] Quanto às cores, o branco era feito de cal; o vermelho e o amarelo, de argila; e o rosa e o azul, de substâncias vegetais. O orante era fixado com ajuda de urina (Priore, 2020, p. 69).

Diante do exposto, observa-se que a atividade têxtil foi importante para o desenvolvimento econômico e cultural do Brasil do Oitocentos. Afinal, se existia mercado interno, então, existia moda? A resposta é clara: sim. A moda que vigorou no Brasil durante o século XIX foi construída a partir de uma fusão de conhecimentos entre diferentes etnias.

Somado à manufatura dos têxteis citada anteriormente, estava o comércio desses produtos. Conforme aponta Luccock (1975), no início, o Rio de Janeiro detinha lojas varejistas espalhadas pela cidade, em especial, na Rua da Quitanda, por outro lado, as lojas atacadistas distribuíam suas atividades da cidade para além-mar. O autor ainda evidencia uma diferença entre as mercadorias dispostas em ambas: as varejistas continham artefatos de algodão e lã, dos quais alguns eram de fabricação inglesa; as atacadistas ofereciam em quantidades irrisórias produtos de gênero realmente útil para consumo no país.

Contrapondo à antiga realidade do comércio apresentada por Luccock, Viana (2021) salienta que, com as mudanças advindas da Corte Real em território nacional, as lojas passaram de rudimentares para estruturadas, como descreve o artigo “Chronica dos Salões” publicado n’*O Jornal das Senhoras*:

A rua do Ouvidor foi a que mereceu maior frequencia. Ahi se notárão as confeitarias ornadas com extraordinario luxo, e concorridas por immensa gente. A nova loja de modas ultimamente aberta, denominada – Notre Dame de Paris – chamou a attenção publica, e teve sempre á porta não poucos curiosos na appreciação do bom gosto e elegancia com que se acha preparada. Quatro lampeões de gaz accesos



exteriormente, além de um tubo contendo muitos bicos circulando as janellas do sobrado, tornão a rua tão clara como se fosse dia. O recinto da loja é illuminado por muitos lampeões, e por vinte quatro bicos de gaz que se notão em quatro lindas serpentinas aos lados de dous magnificos espelhos. Foi muito apreciada a riqueza das fazendas apresentadas nas vidraças, e louvado o gosto e elegancia dos mostradores (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 14, 8 abr. 1855, p. 106).

Além das lojas requintadas estabelecidas na Rua do Ouvidor, que ofereciam, segundo Grinberg e Salles (2009, p. 47), “[...] ‘teteias’ para deleite das famílias da boa sociedade”, havia também as modistas e os alfaiates, que compravam mercadorias essenciais para a confecção de vestidos, chapéus e calçados, por exemplo. Dentre as mercadorias, estavam: “tafetás, sedas, musselines, rendas holandesas, gorgorão, flanelas, lãs, botões de madrepérolas” (Monteleone, 2013, p. 14), além de outros artigos como luvas, guarda-chuvas e leques. Apesar de serem produtos importados, elas coexistiam com a produção local.

É substancial compreender que a adição de mercadorias importadas às confecções nacionais foi importante para o desenvolvimento da moda emergente no Brasil do Oitocentos, que avançou conforme a dinâmica do período. Inicialmente, como visto anteriormente, essa moda embrionária foi sendo estabelecida a partir de referências europeias, em especial, as francesas, que conduziram a estética das vestimentas para o consumo popular. O fenômeno de europeização da moda estava relacionado não somente às questões econômicas, materiais ou climáticas, mas também às práticas sociais e à distinção social.

No que concerne o âmbito histórico da distinção social, os estudos de Fausto (2006) contribuem para a compreensão da relação que existia entre a alta sociedade, os populares urbanos e os negros escravizados – estes eram os grupos que compunham a ordem social escravista do Brasil oitocentista. Primeiramente, Fausto (2006, p. 54) lembra do tratamento que a pessoa negra recebia da própria legislação:

O contraste com os indígenas é nesse aspecto evidente. Estes contavam com leis protetoras contra a escravidão [...]. O negro escravizado não tinha direitos, mesmo porque era considerado juridicamente uma coisa e não uma pessoa.

Observa-se que as divisões sociais durante o século XIX não eram veladas ou meramente comportamentais, podendo ser chamadas – por mais ousado que seja – de “institucionalizadas”, tendo em vista que as leis são diretrizes para conduzir ao que é adequado e verdadeiro, e, como aponta Fausto (2006), elas corroboravam e sustentavam



o racismo, que, segundo Leite (2017, p. 36), “[...] antes de ser uma ideologia para justificar a conquista de outros povos, foi muitas vezes uma forma de justificar diferenças entre classes e castas”. À vista do exposto, pode-se considerar que os negros escravizados eram grupos excluídos, portanto, tidos como subgrupos da sociedade mais ampla (Leite, 2017).

Com esse entendimento, Fausto (2006) aponta que o critério discriminatório existente no Brasil do século XIX fazia alusão somente a pessoas, que, por sua vez, eram aquelas que eram consideradas livres, do contrário, se fossem escravizadas, eram juridicamente consideradas coisas. Como expressão material dessa discriminação, havia o vestuário, que, vinculado às aparências, servia como instrumento de filiação e distinção de grupos.

A roupa tinha uma função simbólica: enquanto as classes mais abastadas ansiavam por copiar modelos europeus, as pessoas livres buscavam reputação, reconhecimento e status moral. Por outro lado, as vestimentas das pessoas negras escravizadas não deveriam comunicar nada, uma vez que não eram vistas como indivíduos que precisassem comunicar algo (Vasques; Morais; Fortunato; Brito, 2021), especialmente, através das roupas, as quais excediam simplicidade e quase sempre eram confeccionadas em algodão.

3.2. Imprensa cultural, imprensa feminina e representações da moda

Imprensa cultural

A formação de uma instituição é decorrente de propósitos definidos, mas não foi exatamente assim com a instauração da imprensa periódica no Brasil. Em um susto gritante, como tudo que se sucedeu no início do século XIX, o solo brasileiro finalmente pôde abrir suas portas para a chegada dos tipos móveis, das letras, do papel, das oficinas tipográficas, da informação (controlada, no começo), da política, da luta contra o analfabetismo, dos debates, da opinião, da cultura, da literatura, do jornalismo, enfim, do meio de comunicação impresso.

O século XIX trouxe ao Brasil a ciência e o progresso, tanto econômico como intelectual, tendo em vista que, antes de 1808, não haviam palavras impressas em circulação no Brasil, dada à proibição determinada pela Corte Portuguesa de instalar tipografias e importar livros, embora algumas pessoas possuíssem bibliotecas particulares e clandestinas (Souza, 2020). Para que os livros fossem enviados ao Brasil legalmente,



era imprescindível uma autorização da censura lusitana, responsável por registrar e levantar todas as solicitações e todos os despachos (Abreu, 2005).

Essa imposição podia ser decorrente da necessidade de controle provindo da Corte, que não pretendia que ideias contrárias ao seu interesse fossem propagadas. Mas isso não impediu agentes da imprensa de assumirem o risco e implantarem tipografias na colônia. Foi o caso do português Antônio Isidoro da Fonseca¹⁴, que, em 1747, saiu de Lisboa para o Brasil, com a intenção de abrir uma “officina” no Rio de Janeiro, porém um documento oficial contendo ordens providas da metrópole condenaram suas atividades.

Segundo Souza (2020), Portugal realmente não via nenhum aproveitamento em desenvolver a imprensa no Brasil, mas as razões iam muito além das despesas que seriam acarretadas. A autora referendou o obscurantismo como sendo o caminho mais conveniente para que a exploração do Brasil continuasse, ainda que isso se convertesse, proveitosamente, em alienação aos residentes da colônia. Com as invasões napoleônicas, esse cenário mudou. Anteriormente, discorreu-se a respeito da vinda da família e da corte imperial para o Brasil em 1808, e, ao mesmo tempo, a imprensa periódica – em outras palavras, a Impressão Régia.

Oficializada pelo decreto de 13 de maio de 1808¹⁵, a Impressão Régia do Rio de Janeiro, equipada com prelos trazidos de Portugal em um dos navios reais pelo futuro conde da Barca, Antônio de Araújo e Azevedo (Camargo, 2011), tinha o propósito de imprimir despachos, decisões políticas, legislações, atos diplomáticos e papéis oficiais do príncipe regente, além de obras e livros (Schwarcz; Starling, 2018), representando, enfim, o consentimento para com as tipografias no Brasil.

Paralela à licença para implantação de casas impressoras, as mudanças quanto à privatização do acesso à informação também foram positivas, o país caminhou para frente com o avanço da exploração dos meios educacionais, tendo como principal modalidade os periódicos, que, aos poucos, foram ganhando espaço e deixando de ter seus conteúdos associados somente aos interesses do governo, da Igreja ou da Europa, resultando na liberdade de imprensa, na produção de jornais independentes, na escrita feminina, na formação da identidade, na busca pelo leitor e na construção do “ser brasileiro”.

¹⁴ Segundo Sodré (1966), Antônio Isidoro da Fonseca era um renomado impressor em Lisboa, no entanto, em decorrência de dificuldades financeiras, optou por buscar novas oportunidades no Brasil colônia.

¹⁵ Também aniversário de D. João VI.



Todavia, até a metade do século XIX, o analfabetismo atingia quase toda a nação, considerando que a sua estrutura era regida por uma sociedade escravocrata, com uma parcela mínima de homens livres escolarizados e, de acordo com Braga e Mazzeu (2017), não havia fomentos econômicos, metodológicos e de capacitação para mudar essa realidade. Costa (2007) aponta que a educação brasileira se deu de forma lenta e qualificou o leitor oitocentista como sendo uma questão mal resolvida e um público a ser criado, ou seja, ainda era necessário despertar o seu interesse e torna-lo consumidor de publicações, seguindo a ideia “conhecer, para melhor administrar”.

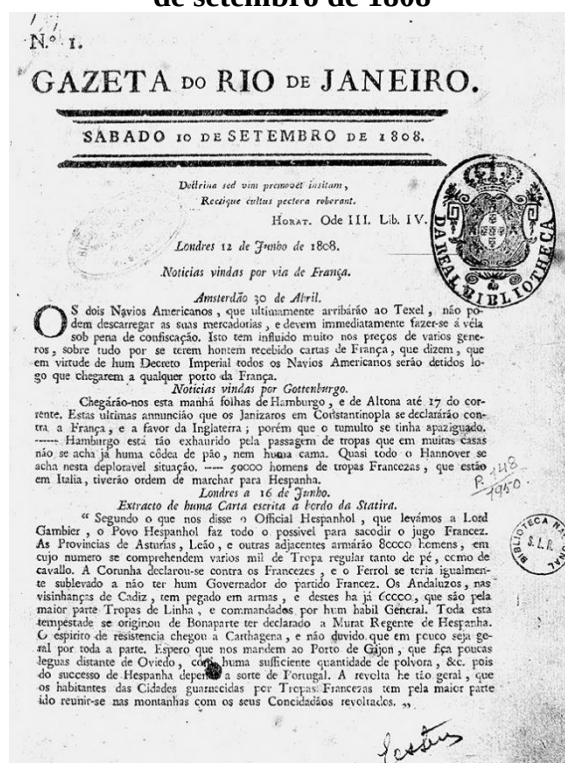
Aos poucos, a expansão da imprensa se tornou um processo contínuo, convertendo-se em uma reforma educacional, e o conhecimento e a leitura, que antes eram proibidos, precários e limitados à elite, foram aumentando gradualmente, especialmente, nas províncias urbanas. Contudo, no início, a Junta de Direção da Impressão Régia, antes de publicar qualquer papel e livro, tinha como uma das principais funções examinar e censurar seus conteúdos, evitando afrontamentos ou críticas que se destinassem à religião, ao governo e aos bons costumes (Gov, 2011).

A Impressão Régia, que, segundo Abreu (2005), recebera outros nomes ao longo dos anos (Real Officina Typographica, em 1815; Typografia Nacional, em 1822; e Imprensa Nacional, a partir de 1855), foi responsável pelo primeiro jornal a ser publicado no Brasil, a *Gazeta do Rio de Janeiro*, em 10 de setembro de 1808. Como se fosse um diário oficial, o jornal era redigido inicialmente por Frei Tibúrcio José da Rocha, que logo foi substituído por Manuel Ferreira de Araújo Guimarães, que se estendeu no cargo até 1821 (Morel; Barros, 2003).

A *Gazeta do Rio de Janeiro* podia ser considerada um jornal oficial da corte exilada, de periodicidade bissemanal, que se desdobrava de quatro a oito folhas, preenchidas quase que integralmente por acontecimentos decorridos na Europa, veiculando somente notícias de interesse do regime monárquico absolutista (Sodré, 1966). Segundo Schwarcz e Starling (2018, p. 183), “o conteúdo da *Gazeta do Rio de Janeiro*, porém, não passava da reprodução de atos oficiais, de elogios e reverências à família real, e de textos traduzidos de jornais europeus”. Logo abaixo do título, trazia como epígrafe os versos de Horácio: “Doctrina sed vim promovet insitam, Rectique cultus pectora roborant” (Figura 16).



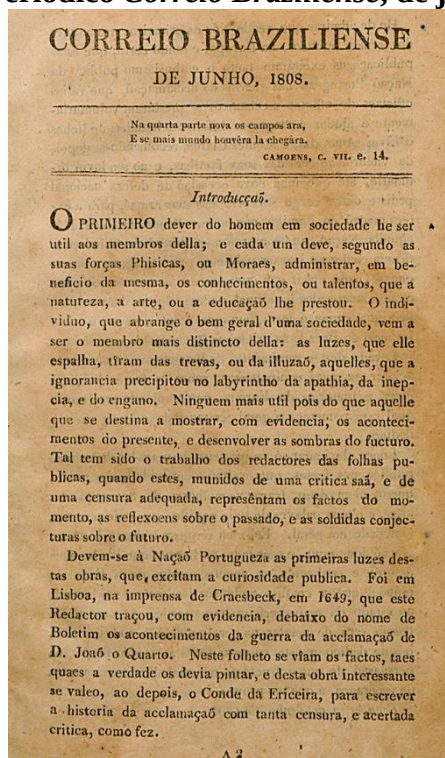
Figura 16: Periódico *Gazeta do Rio de Janeiro* - Primeiro número publicado, de 10 de setembro de 1808



Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/coordenacao-de-publicacoes-seriadas/acervo/origens-da-imprensa-no-brasil/>

Embora a *Gazeta do Rio de Janeiro* tenha sido o primeiro periódico editado e publicado no Brasil, sua inferência enquanto marco inicial da imprensa brasileira é discutível, dada a existência oficiosa do *Correio Braziliense* (Figura 17), lançado apenas três meses antes da *Gazeta*, em junho de 1808. De cunho político e livre de censura prévia, o *Correio Braziliense* se tornou o primeiro jornal distribuído no Brasil e feito completamente em língua portuguesa, no entanto, seus exemplares não eram provenientes da terra brasilis, mas, sim, de Londres, sendo transportados mensalmente por navios (Souza, 2020).

Figura 17: Periódico *Correio Braziliense*, de junho de 1808



Fonte: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/coordenacao-de-publicacoes-seriadas/acervo/origens-da-impressao-no-brasil/>

O brasileiro exilado em Londres, Hipólito da Costa, era o encarregado do jornal e, por essa razão, recebeu o título honorífico de patrono da imprensa cultural periódica brasileira. Souza (2020) faz alusão aos motivos que fizeram com que Costa se interessasse em escrever para o Brasil, apesar de não ser um jornal voltado aos brasileiros. Dentre eles, a autora discorre sobre o aproveitamento de Costa acerca da vinda da Corte Portuguesa à colônia, um momento oportuno para se estabelecer perante o desenvolvimento, o progresso e as mudanças históricas que estavam por vir.

O *Correio Braziliense* era um jornal pesado, sua diagramação seguia os preceitos dos impressos da época e suas folhas, que podiam contar mais de 100, eram envolvidas por uma encadernação com capa dura, na cor azul escuro, contendo quatro capítulos, os quais estavam relacionados aos seguintes temas: Política, Comércio e Artes, Literatura e Ciências, e Miscelânea (Souza, 2020). Apesar do bom trabalho, Costa, descrito pela Biblioteca Nacional Digital como um “incendiário agitador liberal, daqueles que a coroa julgava melhor estar no exílio – do contrário, preso”, teve seus atos repreendidos pelas autoridades portuguesas, que, sintomaticamente, proibiram a entrada e a circulação do periódico no país, que desapareceu, então, no ano da Independência (Sodré, 1966), embora circulasse clandestinamente pelas capitanias (Shwarcz; Starling, 2018).

Permeando em um plano de comparação, Morel e Barros (2003) comentam acerca das nuances entre os dois jornais. Os autores apontam que tanto a *Gazeta do Rio de Janeiro* como o *Correio Braziliense* eram defensores da monarquia, da dinastia Bragança e da união luso-brasileira, além de desprezarem propostas revolucionárias como a Independência do Brasil. No entanto, a partir de 1821, aproximadamente,

(após a Revolução do Porto e com o ministério de José Bonifácio e a convocação da Constituinte brasileira), a *Gazeta do Rio* (o título fora reduzido), escrita pelo cônego Goulart, passou a defender o liberalismo e a modernidade política (citando Rousseau e outros da mesma estirpe), e acompanhava de perto o processo de separação entre Portugal e Brasil, posicionando-se a favor da independência antes mesmo do *Correio Braziliense*, que levava a desvantagem da distância geográfica e das comunicações demoradas entre os dois Hemisférios. [...] Ambos faziam parte do mesmo contexto político e mental, e, ainda que com diferenças, partilhavam um universo de referências comuns. A constelação da imprensa luso-brasileira ganhava, assim, crescente importância na vida pública (Morel; Barros, 2003, p. 19-20).

No que concerne a Independência do Brasil, proclamada no dia 7 de setembro de 1822, o processo para alcançá-la é estudado com objeções quanto à facilidade em conquistar a sua consolidação. Fausto (2010) salienta que a Independência não ocorreu por meio de uma passagem pacífica e, mais do que isso, não houve resultados diferentes dos que já existiam na gestão governamental e na ordem social e econômica, exemplificando uma parte singular da história da América Latina: o Brasil como monarquia entre repúblicas. Por outro lado, Shwarcz e Starling (2018, p. 185) comentam que até o momento da Independência, o Brasil sofreu um avanço irreversível no âmbito político-administrativo, alegando: “quase Europa, quase império, aí estavam os impasses de um território que, não sendo exatamente metrópole, aos poucos deixava de ser colônia, ao menos no sentido mais tradicional do termo”.

Fausto (2010) referendou esse fato como sendo consequência da vinda da Coroa para o Brasil, bem como a abertura dos portos às nações amigas, o que sucedeu na exploração dos principais setores produtivos da colônia, fortalecendo e expandindo economicamente províncias como Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Com os vislumbres da afirmativa de uma Independência, muitos periódicos começaram a circular em prol dessa realização, principalmente, nas regiões fluminenses, onde se concentravam as principais atividades econômicas do país – e também as autoridades.

No dia 15 de setembro de 1821, os redatores Joaquim Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa deram ao Rio de Janeiro o desfrute de um novo periódico, *O Revérbero*



Constitucional Fluminense, cuja essência era definida por assuntos doutrinários e críticos aos costumes colonialistas. Após a Independência, o periódico foi cessado, entretanto, outros de cunho político começaram a surgir. Era visível o poder de influência que os impressos estavam exercendo sobre a construção identitária e de opinião de uma idealizável população sem amarras ou censuras.

Em 1821, antes do governo joanino voltar para a Europa e após a Revolução do Porto, de 1820, a história foi marcada pelo fim da censura prévia, quando as tipografias passaram a ser regulamentadas e ter o domínio dos seus próprios jornais, sem que a impressão precisasse passar pela aprovação da Junta de Direção da Imprensa Régia. Esse marco foi decorrente da assinatura do rei D. João VI, que, não querendo continuar dividindo o poder com a Junta de Governo, assinou no dia 2 de março de 1821 um decreto que estabelecia a suspensão provisória da censura prévia para a imprensa cultural brasileira (Morel; Barros, 2003).

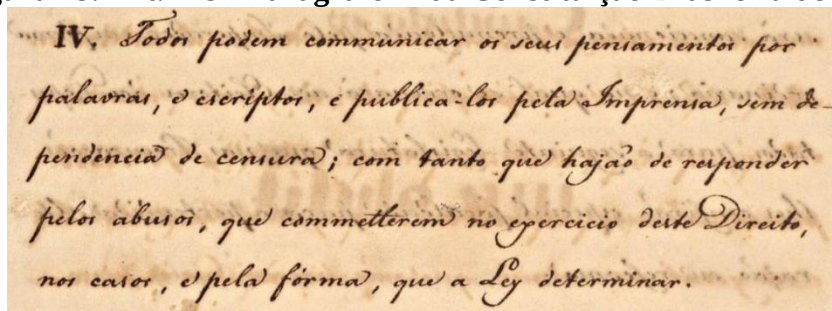
É nesse momento crucial que começa a se fazer de maneira mais consistente, no Brasil, a passagem de um espaço público marcado pelas formas de comunicação típicas dos Antigos Regimes [...] para um espaço público onde se consolidavam debates por meio da imprensa (que nem sempre era vinculada ao poder oficial do Estado) e onde ganhavam importância as leituras privadas e individuais, permitindo a formação de uma opinião de caráter mais abstrato, fundada sobre o julgamento crítico de cada cidadão leitor e representando uma espécie de somatório das opiniões (Morel; Barros, 2003, p. 24-25).

Pouco tempo depois, fez-se necessária a aprovação de uma Constituição e, no dia 25 de março de 1824, promulgou-se a primeira Constituição brasileira, que visava definir o sistema político como um governo monárquico, hereditário e constitucional (Fausto, 2010). Diante disso, o Art. 179 – Parágrafo 4º da Constituição de 1824 (Figura 18) esclarece que,

Todos podem comunicar os pensamentos por palavras, e escritos, e publicá-los pela imprensa, sem dependência de censura; contanto que hajam de responder pelos abusos, que cometerem no exercício deste direito, nos casos, e pela forma, que a lei determinar (Gov, 2024).



Figura 18: Art. 179 - Parágrafo 4º da Constituição Brasileira de 1824



Fonte: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/constituicao-para-o-imperio-do-brasil#:~:text=Todos%20podem%20comunicar%20os%20seus,forma%2C%20que%20a%20lei%20determinar

Morel e Barros (2003) assinalam que a imprensa da primeira metade do século XIX ainda era detentora de um caráter artesanal e não-empresarial, porém estava sendo desenvolvida com base em periodicidade¹⁶ e regularidade. Portanto, com a liberdade de imprensa e sem o embargo de qualquer licença, a expressão de opinião se tornou pública e, enfim, os periódicos impressos se tornaram independentes e a extensão da imprensa virou um espaço de debate.

A explosão de jornais imparciais se deu nos anos 1820-1830 (bem como do público leitor e seus perfis) e a grande maioria esboçava o gênero literário, com textos de ficção, críticas literárias e motivos romancistas (Simões Junior, 2006). “A partir da década de 1830 surgem outras folhas, principalmente na corte, algumas com intenções pedagógicas, outras voltadas apenas para o *divertissement* “do belo sexo” (Duarte, 2023, p. 21).

Ademais, Duarte (2023) acrescenta que os títulos dos primeiros jornais e revistas eram voltados ao campo semântico da educação e aos valores patriarcais que os conduziam. A autora pontua que naquele período a materialidade dos jornais era similar à materialidade das revistas, diferenciando apenas o escopo que compunha cada um deles. Quase que integralmente, os periódicos tinham divisões próprias para contos, narrativas, poemas e citações de autores, literatos e figuras importantes e de influência do período, que colaboravam com os editores.

Dentre eles estavam Machado de Assis, Eça de Queirós, José de Alencar e Joaquim Nabuco, exemplos de personalidades importantes que impulsionaram a consolidação do papel da imprensa enquanto porta-voz dos direitos sociais e da opinião pública, moldando profundamente os desígnios e a forma de atuação da imprensa no país,

¹⁶ Tempo de produção e publicação.

que foi determinante na luta contra detrimientos relacionados a contextos históricos irreparáveis como, por exemplo, o regime escravocrata.

Redigir um jornal é para muitos litteratos o apogeo da suprema felicidade, já sou Redactor, esta frazezinha dita com seus botões faz crescer dous palmos a qualquer individuo. No circulo illustrado o Redactor é sempre recebido com certo prestigio do homem que em letra de imprensa pôde dizer muita coisa, propicia ou fatal a alguém (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 1, 1 jan. 1852, p. 1).

Por conseguinte, observa-se um contraste entre a imprensa de 1820 e a imprensa de 1840 – data que marca o fim do Período Regencial e o início do Segundo Reinado, com D. Pedro II, em razão do Golpe da Maioridade. Caracteriza-se a primeira imprensa como intelectualizada, privada e doutrinária, baseada na hegemonia da razão e da Coroa, e comumente redigida por apenas uma pessoa, com prensas tipográficas primitivas; enquanto a segunda imprensa se apresentava como coletiva, social, normativa, voltada ao bem comum e ligada ao debate público de opinião (Morel; Barros, 2003).

Mas o que diferencia esses jornais surgidos após o liberalismo de 1821 das escassas publicações anteriores, no Brasil, como já foi dito, era justamente a existência de um debate público de opiniões, ou seja, o nascimento de uma opinião pública, e não mais uma imprensa ligada exclusivamente à Coroa (Morel; Barros, 2003, p. 47).

Por outro lado, condizente ao conteúdo visual dos periódicos, muitas revistas passaram a incluir ilustrações, tornando-se mais valorizadas e artísticas, e como pontua Sodré (1966, p. 5) “era a supremacia do fabricante sobre o comerciante; da produção sobre a circulação, peculiar ao capitalismo plenamente caracterizado e desenvolvido”. A introdução das imagens nos periódicos deu início à cultura visual e Costa (2007) aponta esse movimento como sendo resultado do aprendizado de ilustradores e desenhistas formados pela Academia de Belas Artes, a qual foi decorrente da Missão Artística Francesa no início do século XIX, adquirindo um papel fundamental enquanto sistema de ensino superior acadêmico.

No Brasil do Oitocentos, era raro encontrar periódicos no início do século com ilustrações, principalmente, devido ao fato de o seu desfrute ser um deleite de poucos. Morel e Barros (2003) enfatizam que obras de arte, quadros, pinturas e livros com gravuras eram acessíveis somente às pessoas mais abastadas e as publicações ilustradas, ainda que fossem pouco comuns, causavam grandes repercussões à população em geral.

De cunho humorístico, a *Semana Illustrada*, criada em 1860 por Henrique Fleiuss¹⁷, é considerada a primeira revista ilustrada do Brasil, embora antes dela tenha havido outros periódicos com iconografias.

Adicionalmente, a fim de evitar ambiguidades, ao contrapor *O Jornal das Senhoras* à *Semana Illustrada*, por exemplo, considerando que ambos são periódicos que apresentam iconografias, questiona-se: por qual razão a *Semana Illustrada* é considerada o primeiro periódico ilustrado do país, sendo que *O Jornal das Senhoras* foi criado oito anos antes e também contém figuras imagéticas? A resposta é simples e faz referência ao que define cada periódico.

Enquanto *O Jornal das Senhoras* (que, neste momento, está representando todos os periódicos com imagens que vieram antes da *Semana Illustrada*) tinha a sua materialidade regida predominantemente por discursos textuais, sendo as ilustrações recursos ocasionais e estratégicos, a materialidade da *Semana Illustrada* partia das ilustrações, ou seja, a narrativa do jornal dependia delas para elaborar seu conteúdo e havia regularidade no projeto gráfico. Portanto, pode-se dizer que *O Jornal das Senhoras* era um periódico com ilustrações e a *Semana Illustrada* um periódico ilustrado.

Atrelado ao conhecimento aplicável, as inovações técnicas também foram essenciais para o desenvolvimento das gravuras. As técnicas de reprodução permeavam pelo método litográfico e as iconografias eram implantadas, especialmente, na forma de desenhos (Morel; Barros, 2003). A partir de então, novas formas de ilustração foram sendo introduzidas, como as caricaturas, que sustentaram de maneira satírica o escopo de muitos periódicos críticos da época, tendo como exemplo a *Revista Illustrada*, fundada em 1876 por Ângelo Agostini.

O governo era criticado; o Poder Moderador e até a figura do monarca eram ridicularizados pelo lápis de Agostini. O fato de ilustrações [...] não terem sido censuradas denota o grau de liberdade de imprensa que havia no Brasil durante o Segundo Reinado. [...] A caricatura e as charges não ficaram restritas às revistas ilustradas (Morel; Barros, 2003, p. 70).

Diante do exposto, com a epígrafe “a litteratura é a expressão da sociedade”, escrita por Bonald (1850) para o periódico paraibano *Alva: Jornal Litterario*, é possível refletir acerca da abrangência literária que envolvia os discursos textuais que integravam

¹⁷ Desenhista e litógrafo.

os periódicos brasileiros oitocentistas, fomentando-os com os valores que constituem uma sociedade, dentre eles, pode-se mencionar os culturais, os artísticos e os históricos.

Estes três valores são encontrados nos periódicos brasileiros de moda do século XIX: os culturais, são contemplados na evolução das roupas à medida que os anos passam, registrando os costumes, as tradições e as crenças; os artísticos, são percebidos nas expressões, nas caracterizações, nas experiências e na capacidade de transformação; e os históricos, na documentação, nos testemunhos e na transmissão da memória.

Lipovetsky (2009) enfatiza a analogia entre a moda e a literatura, advertindo que, a partir da segunda metade do século XVIII, a moda se tornou um assunto digno de atenção e consideração, sendo suficientemente necessária para descrever, exhibir e filosofar sobre os aspectos sociais que regem comportamentos e costumes, impondo-se como uma ciência que informa e produz textos e imagens.

Diante disso, dentre os impressos ilustrados que compreendem a memória da imprensa periódica oitocentista no Brasil, certifica-se que os periódicos que abordavam as vestimentas e os costumes tinham uma demanda promissora, especialmente, entre as mulheres. Como consequência desse incentivo, muitas revistas nasceram com o propósito de veicular textos sobre etiqueta, estilo, bons costumes, lazer, variedades, enfim, tudo o que podia ser do interesse do “belo sexo” – até mesmo a emancipação da mulher.

O Correio das Modas (1839-1840), de Eduardo e Henrique Laemmert; *O Jornal das Senhoras* (1852-1855), de Joanna Paula Manso de Noronha; e *O Sexo Feminino* (1873-1889), de Francisca Senhorinha da Motta Diniz, são exemplos de periódicos destinados ao leitorado feminino que tinham a moda como uma das principais páginas do projeto gráfico. Diante disso, condizente às modalidades dos periódicos femininos associados à moda, especificam-se duas: periódicos especializados em moda e periódicos femininos cuja moda era coadjuvante.

No que concerne aos periódicos especializados em moda, eram impressos cujo conteúdo era desenvolvido com base no vestuário e, por meio de discursos textuais e imagéticos, tinham como principal objetivo transmitir tendências (predominantemente europeias). O periódico *A Estação* (1879-1904) representa a respectiva modalidade. Por outro lado, referente aos periódicos femininos com colunas de moda, eram folhas que veiculavam assuntos diversos de interesses da mulher, como é o caso do jornal *O Jornal das Senhoras*, em que “parte do conteúdo era dedicada à literatura, mas havia espaço para notícias sobre o teatro e a moda, sempre de inspiração parisiense” (Duarte, 2023, p. 118).

O conteúdo desses impressos dependia da sua natureza: mais ou menos liberais.



Os menos liberais, de maneira geral, abordavam em seu escopo apenas assuntos relacionados à vida doméstica, à família, à moda, à literatura, às artes, à culinária, ao teatro, às crônicas e anedotas, aos bons costumes, à etiqueta, à educação; à moralidade; à saúde, entre outros. Aqueles com viés mais liberal, difundiam pautas instrutivas vinculadas à política e à condição social da mulher, abordando ideias emancipatórias e o fim da diferença de educação entre os gêneros, com o intuito de revelar às mulheres que seu maior conhecimento era superficial e que podiam ter apetite intelectual.

As gravuras de moda que embelezavam os periódicos femininos que dispunham de ilustrações eram decorrentes do que chamamos de design editorial. Para cada periódico, a diagramação visual era única, resultando no reconhecimento daquele impresso a partir da repetição de arranjos visuais, tais como a cabeça do periódico (cabeçalho), os clichês tipográficos¹⁸ e as letras capitulares¹⁹. Nessa perspectiva, o design gráfico desses periódicos também era estabelecido a partir das ilustrações de moda, as quais ajudavam a disseminá-la e materializavam cenas de comportamento do período.

As ilustrações apresentavam uma ou mais mulheres e duas ambientações: dentro de casa e a passeio, especialmente no periódico *O Jornal das Senhoras*, que fazia descrições de vestuários para ambas as ocasiões, como citado anteriormente.

Por meio de gravuras e moldes, a mesma peça de vestuário podia ser reproduzida em diferentes lugares [...]. No século XIX, uma revista de moda era essencialmente um periódico com uma variedade de conteúdos visuais e textuais, incluindo uma coluna de moda e ilustrações (Silva, 2017, p. 180).

No que diz respeito ao periodismo feminino brasileiro, um dos lugares em que as mulheres encontraram espaço foi nos periódicos com conteúdo de moda. A pena e os periódicos foram aliados das mulheres que almejavam participar ativamente da sociedade.

Imprensa feminina

Privativo, excludente, limitante e opressor, essas são algumas das características do *status quo patriarcal*, cenário em que as mulheres brasileiras do século XIX se encontravam. “Além disso, estavam conscritas por enredos de arte e ficção masculinas que reforçavam a idealização das mulheres em seus papéis familiares, como mães

¹⁸ Usados em máquinas tipográficas, os clichês são matrizes metálicas fixadas em bases de madeira, com relevo de figuras e/ou textos (Aca; Aragão; Alcantara; Campello, 2019).

¹⁹ Capitulares são letras iniciais de um parágrafo ou capítulo com tamanho ampliado.



amorosas, esposas virtuosas e filhas dedicadas” (Ramos, 2016, p. 1). Nesta perspectiva, Priore (2020, p. 68) comenta que “até o período que se deu a Independência, as mulheres viviam num cenário com algumas características invariáveis: a família patriarcal era o padrão”. Posto isto, deve-se responsabilizar tal padrão como um dos fatores que desencadearam o desenvolvimento da imprensa feminina e feminista no Brasil.

Ressalta-se que, até o momento da Independência, a educação era diferenciada para meninos e meninas. “Para eles, uma educação voltada à construção de um cidadão pacífico, obediente às leis [...]. Para elas [...] seguir os princípios austeros da mulher forte, manter a fala suave e modesta” (Priore, 2020, p. 95), além de prendas domésticas e orações. Desse modo, no início do século XIX, restringia-se a educação da mulher, as quais eram tuteladas pelo pai ou marido, que, em concordância com a sociedade, desencorajavam qualquer estímulo ligado às atividades intelectuais (Souto, 2022).

Apesar desses condicionamentos que moldavam a figura feminina no espaço público, os periódicos femininos deram espaço para as mulheres crescerem na leitura e na escrita, principalmente, após a Independência do Brasil, que modificou as normas quanto à veiculação de volumes impressos censurados e aumentou a alfabetização feminina (Assunção; Italiano, 2018). O processo de inserção da mulher na imprensa brasileira foi gradual e seu princípio estava relacionado à interseção entre moda, gênero e escrita, consolidada de fato a partir da segunda metade do século XIX, quando destemidas mulheres começaram a ocupar títulos como escritoras, fundadoras, editoras, redatoras, poetisas, entre outros, comunicando-se e postulando direitos civis e educacionais por meio da palavra impressa.

Assim, apesar das condições de produção desfavoráveis em relação aos homens, muitas dessas mulheres se tornaram “mulheres de letras”; participaram e influenciaram o pensamento e a opinião da sua época; produziram textos de diferentes gêneros (romance, poesia, matérias jornalísticas, etc.); se posicionaram sobre assuntos, como política, arte, cultura, educação, comportamentos etc.; denunciaram a opressão patriarcal, apresentando e defendendo ideias e projetos a favor das mulheres (Souto, 2022, p. 20).

Mas, afinal, quais mulheres romperam com cânones tão internalizados socialmente? Conforme aponta Souto (2022), uma parcela mínima de mulheres de origem aristocrática, que receberam uma boa educação formal, diferentemente da maioria das mulheres do período: economicamente desfavorecidas, trabalhadoras, indígenas ou escravizadas. Muzart (2003) salienta que, embora produtivas, as escritoras do Brasil oitocentista não eram respeitadas e ficaram excluídas da historiografia literária. A autora



observa que o padrão de mulheres lembradas se estabeleceu frente aquelas que apoiavam o *status quo*, concordavam com ditaduras e opressões, ou eram apenas senhoras aristocratas de comportamento recatado.

Embora fosse um esquecimento político, que não ultrapassou as primeiras décadas do século XX, uma vez que a literatura feminina aparecia regularmente nos periódicos do Oitocentos, muitas mulheres tiveram um despertar da consciência e se tornaram extremamente atuantes, filiando-se “[...] à ideologia das Luzes na crença no progresso, no desafio à tradição e na busca da liberdade” (Muzart, 2003, p. 227). A fim de nomear mulheres importantes, especialmente para esta pesquisa, têm-se Joanna Paula Manso de Noronha (fundadora d’*O Jornal das Senhoras*), Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco (segunda redatora d’*O Jornal das Senhoras*), e Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves (terceira redatora d’*O Jornal das Senhoras*).

Com assuntos que despertaram a atenção do leitorado feminino atrelado ao fato de ter sido o primeiro periódico de propriedade feminina com conteúdo de moda e direcionado ao público feminino, a criação do ilustríssimo *O Jornal das Senhoras* foi um dos principais marcos do início da história da mulher na imprensa periódica brasileira. Além desse periódico, outros foram importantes para a história da mulher na imprensa: *O Domingo* (1873-1875), de Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco; *Echo das Damas* (1879-1888), de Amélia Carolina da Silva Couto; e *A Mensageira* (1897-1900), de Presciliana Duarte.

Ainda assim, a emancipação da mulher não se consolidou tão feliz e facilmente como desejado, não somente frente às opiniões e aos discursos machistas de figuras masculinas opressoras, mas também de outras mulheres, com visões relutantes quanto ao “almejar mais do que apenas papéis tradicionais”, qualificando tais mudanças como radicais, uma vez que o “[...] espaço privado não deveria ser perdido ou recusado, tendo em vista que se acreditava na incapacidade masculina de lidar com a esfera doméstica” (Rodrigues; Silva, 2014, p. 222).

Alguns estudos apontam que, no Oitocentos, haviam duas imprensas voltadas à mulher: uma tradicionalista (imprensa feminina), com artigos conservadores e adeptos ao estilo de vida exclusivamente doméstico; e outra progressista (a imprensa feminista), que incentivava outras mulheres a ansiarem pelos seus direitos sociais e trabalhistas (Ramos, 2016). Portanto, a igualdade entre os sexos ainda apresentava desafios e estava longe de ser vivenciada, principalmente, ao analisar a falta de engajamento feminino na educação, “[...] principal elemento provedor da emancipação da mulher” (Rodrigues; Silva, 2014,



p. 212).

De acordo com Morel e Barros (2003), a inclusão das mulheres na vida literária foi um processo gradual e, em decorrência disso, muitas mulheres que colaboravam com os periódicos assinavam com pseudônimos. Além de se enquadrar como um recurso estético da narrativa, ao esconderem a verdadeira identidade, as colaboradoras estavam socialmente seguras e não podiam sofrer nenhum tipo de discriminação sexual.

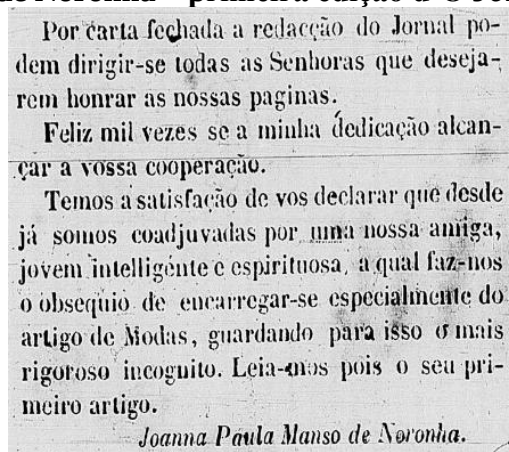
3.3. *O Jornal das Senhoras como fonte de pesquisa*

O Jornal das Senhoras, fundado em 1º de janeiro de 1852, no Rio de Janeiro, foi detentor de três redatoras chefes em momentos distintos e poucas colaboradoras. Antes de aprofundar a análise nos aspectos tangíveis de *O Jornal das Senhoras*, deve-se elucidar com atenção a história de vida das três protagonistas do periódico: Joanna Paula Manso de Noronha (fundadora e primeira redatora chefe); Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco (segunda redatora chefe); e Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves (terceira redatora chefe).

Referente à Joanna Paula Manso de Noronha, a fundadora do periódico foi responsável por levar às leitoras um material contrário ao que era comumente consumido. No lugar de assuntos unicamente recreativos, Joanna abordou temáticas emancipacionistas, “[...] incentivando as mulheres a buscarem instrução e se conscientizarem do seu valor” (Duarte, 2023, p. 118). A escritora permaneceu no cargo durante seis meses.

Convém esclarecer a grafia de seu nome. Alguns estudos fazem referência à Joanna como “Juana”, seu nome na terra natal. Porém, nesta dissertação, ao analisar a historiografia, optou-se por “Joanna”, tendo em vista que a escritora argentina adotou a referida grafia para o primeiro nome, ao exilar-se no Brasil (Souto, 2020). Adicionalmente, considerou-se, também, as evidências desse fato, ao observar que Joanna assinava seus trabalhos publicados em *O Jornal das Senhoras* desta forma, como é possível ver no canto inferior direito da Figura (19), que representa sua primeira assinatura no jornal, assumindo a autoria da coluna “As nossas assignantes”.

Figura 19: Parte da coluna "As nossas assignantes" em que consta a assinatura de Joanna Paula Manso de Noronha – primeira edição d'O Jornal das Senhoras, 1852



Fonte: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=1>

Tendo esclarecido a questão anterior, torna-se pertinente responder quem foi Joanna Manso, considerada a primeira mulher a exercer o jornalismo feminino na Corte. Oriunda de uma família letrada, a escritora nasceu em Buenos Aires, no dia 26 de junho de 1819. Em decorrência da ditadura de Rosas, mudou-se com seus pais, Teodora Cuenca e José María Manso, para Montevidéu em 1839 e, em 1842, imigrou para o Rio de Janeiro, quando se casou com Francisco Sá Noronha dois anos depois (Souto, 2022). Para acompanhar o marido em seus negócios, foi para os Estados Unidos, onde se tornou mãe de Eulália, e, de passagem em Cuba, nasceu sua segunda filha, Hermínia (Souto, 2022).

Entre os anos 1824 e 1832, Joanna teve sua formação educacional no espaço doméstico. De acordo com Souto (2022), foi qualificada como autodidata, com aptidão para a literatura e a pedagogia; aprendeu outros idiomas rapidamente; no Uruguai, fundou uma instituição de ensino para meninas; em 1842, lecionou francês e castelhano no Brasil; e foi preceptora de famílias da alta sociedade brasileira. Em 1852, lançou *O Jornal das Senhoras*, no Rio de Janeiro; em 1853, após a perda do pai e a separação do marido, retornou à Argentina com suas filhas; em 1854, fundou o periódico *Album de Señoritas* e passou a lecionar aulas de francês, inglês e italiano (Souto, 2022). Joanna Manso faleceu em Buenos Aires, no dia 24 de abril de 1875.

Constância Lima Duarte (2023) se refere à Joanna como a mulher que fez história na imprensa feminina brasileira, além de poetisa, dramaturga, romancista e jornalista. Em seus estudos, Souto (2022) considera legítimo conceitua-la como “intelectual feminista transnacional” e “intelectual mediadora engajada”, ao julgar que Joanna era uma ativista preocupada com os problemas de seu tempo e tinha propósitos bem clarificados, relacionados às mudanças políticas, econômicas e sociais do Brasil. A argentina rompeu

com os padrões estabelecidos de gênero, expressados, nomeadamente, na tradicional imprensa periódica do Oitocentos, ao se tornar a primeira mulher a criar e editar um jornal no Brasil. Diante disso, eleva-se a análise de Joanna como empreendedora cultural.

Outro pioneirismo na imprensa introduzido pela articuladora intelectual d'O *Jornal das Senhoras*, foi construir um novo posicionamento social, ao discutir e defender a emancipação moral da mulher e a educação feminina – umas das suas pautas centrais. Essa missão foi implantada desde o início do jornal. Em sua primeira edição, publicada no dia 1º de janeiro de 1852, Joanna fundamentou a existência plena da mulher, na coluna intitulada “A Mulher”, ao dizer:

*A Mulher; o que vem a ser a Mulher?
A Mulher não é o homem?
Que novidade!
Trata-se de definil-a!
Isso não sei.
Posso asseverar-vos que ella tem alma.
Tem intelligencia.
Tem direitos que Deos e a natureza lhe concederão.
E' susceptivel do bom e do máo.
A mulher em fim não é em o nosso entender um ser á parte na criação,
e entra na partilha com o homem – dom bem e do mal – da intelligencia
e da estupidez.
A alma não tem sexo; Mme. Staël o diz.
Dizer-vos se a Mulher é exclusivamente boa ou exclusivamente má.
Eis o que não posso.
Reformae a sua educação moral;
[...]
Seja o que Deos a fez: ser que pensa, e não coisa que se muda de logar
sem ser consultada; e então quando assim for fallaremos.
Entretanto este Jornal dedicado exclusivamente ás Senhoras tratará
desses direitos e dessa educação, cuja principal tendencia é a
emancipação moral da Mulher (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro,
n. 1, 1 jan. 1852, p. 6).*

Na segunda edição, publicada no dia 11 de janeiro de 1852, Joanna Manso iniciou a atribuição da coluna “Emancipação moral da Mulher” ao periódico, indagando o que viria a ser essa tal emancipação. Em suas palavras,

*É o conhecimento verdadeiro da missão da mulher na sociedade; é o justo gozo dos seus direitos, que o brutal egoismo do homem lhe rouba, e dos quaes à desherda, porque tem em si a força material, e porque ainda se não convenceo que um anjo llhe será mais útil que uma boneca.
[...] Convencidas estão ellas que têm essa alma que Deos lhes doou, e que o homem lhes nega; convencidas estão que o emprego util de suas faculdades moraes completa a obra do Creador.*



Sim, a mulher conhece a injustiça com que é tratada, e reconhece perfeitamente a tirania do homem; não é a ellas a quem temos de convencer da necessidade de sua emancipação moral.

Mas em quanto a educação do homem se não reformar, em quanto elle considerar a mulher como a sua propriedade, nada teremos feito (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 2, 11 jan. 1852, p. 12).

À vista do exposto, observa-se que, para Joanna, a mudança na vida das mulheres se consolidaria com veemência a partir do momento em que os homens as reconhecessem como seres racionais e competentes. Para isso, a escritora acreditava no discurso “a educação vem do berço” e, com essa crença, imprimiu a ideia de que os homens deveriam ser ensinados a valorizar o sexo feminino desde os primeiros anos de suas vidas, no espaço privado de seus lares, tendo como educadoras suas próprias mães, as quais deveriam ser conscientizadas desta circunstância e se tornar responsáveis pela educação de seus filhos. Por essa razão, Joanna produziu discursos politizados relacionados a essa sensibilização ideológica, haja vista que, conforme mencionado na citação anterior, a mulher era conhecedora das injustiças sofridas pela hegemonia masculina e, por esta razão, o jornal seria indispensável na implementação desse pensamento.

A periodista, apesar dos diálogos de cunho feminista, defendia a esfera doméstica – bem como o matrimônio – e acreditava em uma maternidade orientada com base em uma instrução moralizadora, com a seguinte condição: uma boa educação para as mães resultaria em uma boa formação para as gerações futuras. A inferência apresentada é constatada com a argumentação subsequente de Joanna:

Todas as mães devem mui seriamente desarraigar esse preconceito funesto do espirito de seus filhos; essa idéa de uma superioridade injusta deve desaparecer no homem, desde menino, porque é lhe fatal a elle mesmo (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 2, 11 jan. 1852, p. 13).

Com a visão progressista e crítica apresentada, é correto qualificar *O Jornal das Senhoras* como sendo de caráter feminista, elaborado com base em um projeto pedagógico voltado à formação das mulheres, uma vez que, segundo Souto (2022), os principais critérios que devem ser avaliados para caracterizar um periódico oitocentista do Brasil como feminista são pautas diretamente voltadas ao público feminino e temas como a educação. Ressalta-se, ainda, que o trabalho realizado por Joanna teve como base a ideologia manifestada na educação feminina; na consolidação dos direitos das mulheres; na valorização intelectual da mulher; e na comprovação de que as mulheres tinham



funções sociais e culturais, além das domésticas. Compreende-se, portanto, que a intelectual imprimiu doutrinas capazes de modificar culturalmente a sociedade.

A edição número 27, publicada no dia 4 de julho de 1852, marcou a data em que Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco assumiu o cargo de redatora chefe – no qual permaneceu por onze meses – e anunciou a saída de Joanna Manso:

Completarão-se no dia 1º do corrente seis mezes da existencia do Jornal das Senhoras, que, sob a redacção em chefe da Illmª Sra. D. Joanna Paula Manso de Noronha radiante e esbelto se vos apresentou em tão longo espaço. Motivos, porém, imperiosos obrigão á dita nossa Illmª amiga a attender a outros deveres, e por conseguinte a não dirigir a redacção d'este periodico.

Sobre mim recahiu a escolha para tão pesado encargo, e comquanto balda dos conhecimentos e illustração que adornão a Illmª Sra. D. Joanna, eu empenharei todos os meus esforços para imitar o seguir a senda que se ella traçou na redacção deste jornal, que no espaço de seus mezes vos offereceu 215 páginas de impressão – mais do que houvera promettido, contendo ellas artigos originaes sobre a educação da mulher, seus deveres e posição social, e muitos outros, moraes e religiosos; muitas poesias, e artigos sobre modas, theatros, bellas artes... e um lindo romance.

[...] Apresentando-me á vós, eu ousou pedir-vos que continueis a favorecer, como eís feito, o Jornal das Senhoras, para que elle atinja ao gráo de perfeição de que é merecedor.

[...] Acceitae, minhas amigas, os meus protestos de pura affeição por vós, a quem mil bens appetço (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 27, 4 jul. 1852, p. 1)

Violante, filha de Violante Lima de Bivar e Diogo Soares da Silva de Bivar, nasceu em 1º de dezembro de 1817, na Bahia. Segundo Souto (2022), era poliglota, com fluência em inglês, italiano e francês – o que a capacitou a traduzir textos redigidos em outros idiomas, bem como peças teatrais –, e participou do Conservatório Dramático do Rio de Janeiro, que, referente às obras a serem exibidas, lhe propiciou autorizá-las ou não, tendo em vista que a instituição era “[...] responsável pela censura sobre todas as peças a serem encenadas no Brasil oitocentista” (Schmidt, 2025, p. 17).

Violante foi educada por sua mãe; apresentou-se em saraus baianos; foi uma apreciadora e estudiosa de literatura; viveu grande parte de sua vida no Rio de Janeiro, onde, além de tradutora, integrou a imprensa (Schmidt, 2025). Eternizou seu protagonismo no periódico carioca, mantendo a centralidade do escopo na educação feminina. Além de redigir *O Jornal das Senhoras*, fundou o periódico carioca *O Domingo*, criado em 23 de novembro de 1873. Violante faleceu no Rio de Janeiro, em 25 de maio de 1875.



No que diz respeito à última redatora d'O *Jornal das Senhoras*, tem-se Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves, filha do Sr. Innocencio Nunes Pires, nascida em 1824 e falecida em 25 de dezembro de 1872, “segundo o Livro de Registro de Membros da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, localizado no Centro de Documentação (CENDOC) da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro” (Barbosa, 2025, p. 50). A brasileira assumiu a liderança do jornal no dia 12 de junho de 1853, com a edição 24, permanecendo até 30 de dezembro de 1855, data da última publicação. Gervázia iniciou seu protagonismo no periódico, com uma apresentação discreta às leitoras:

Dignissimas Senhoras Assignantes, honro-me assaz em cordialmente saudar-vos; e se julgais um dever a necessidade de minha apresentação, ainda folgo com a satisfação de seu complemento. [...] O encargo de uma missão tão alta e nobre quão digna e sabiamente até hoje satisfeita por essas senhoras de reconhecido merito litterato, a quem tive a honra de succeder [...]. A vossa Gervina P. congratula-se pois, aceitando a Redacção em chefe do Jornal das Senhoras. Dignissimas collaboradoras, convencida de que me não isolareis n'esta árdua tarefa a que me comprometti, e conscia do valioso auxilio de vossas idéas, conto desde já com a assidua concorrência de vossos escriptos para a realisação d'esse grandioso edificio cujas bases já se firmarão, pendendo ainda da estabilidade de vossa coadjuvação a prospera inauguração de seus magnificos capiteis (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 24, 12 jun. 1853, p. 185).

Uma mulher de letras. É o pouco que se sabe sobre Gervázia, que, comparada com suas antecessoras, teve menos visibilidade, embora tenha sido a que mais permaneceu à frente da direção do periódico, com dois anos e seis meses de atuação. Barbosa (2025) justifica essa lacuna histórica, com base na trajetória pessoal de Joanna Manso – de origem argentina e exilada política no Brasil – e Violante Vellasco – criadora d'O *Domingo*. Na citação anterior, é possível observar que Gervázia faz referência à “Gervina P.”, isto porque a periodista assinava seus textos com esse pseudônimo, uma vez que, antes de assumir a direção, Gervázia trabalhava como colaboradora d'O *Jornal das Senhoras*. Além do pseudônimo supracitado, a escritora também utilizava “Gervina”, “Gervina P. S. N.” e “Gervina N. P. dos S. N.”, como mostra a Figura 20, a qual representa um trecho da “Chronica da Quinzena”, publicada em 14 de agosto de 1853.

Figura 20: Parte da coluna "Chronica da Quinzena" em que consta o pseudônimo de Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves

E o resultado de tudo isto, querida leitora, foi um não se entender de lagrimas... oh! estava bello; qualquer de vós, espectadora desta tragica scena, chorarieis tambem.

Quanto á poesia, não emitto a minha opinião, pois sou suspeita, e terieis razão se dissesseis: *Quem gabará o noivo?*

Bom, isto já quasi que cheira a romance, é mister fazer ponto final, e cuidar no tal Sr. *Reveri*, que é difficil musica e causa, que não é festa.

Gervina N. P. dos S. N.

Fonte: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=794>

Antes de Gervázia se tornar a redatora chefe d'O *Jornal das Senhoras*, Barbosa (2025) observou a colaboração de Antonio José dos Santos Neves no jornal, responsável por publicar no dia 9 de janeiro de 1853 uma poesia dedicada à escritora, assinando-a como "A. J. dos Santos Neves" (Figura 21) e intitulado-a "Quanto te amo!... Canções a Vargesia". Segundo Barbosa (2025), o casal se casou em maio do mesmo ano e, apenas duas semanas após a união, Gervázia se tornou chefe do periódico – "[...] o que nos leva a considerar que a condição do casamento era um dos requisitos para que uma mulher pudesse assumir a direção de um periódico no Brasil em meados do século XIX" (Barbosa, 2025, p. 41).

Figura 21: Parte do poema "Quanto te amo!... Canções a Vargesia" em que consta a assinatura de Antônio José dos Santos Neves

Pergunta á Virginia, se o amor foi sagrado
Que Paulo da vida no arranco lhe deu;
Pergunta se acaso julgou Julieta
Que muito lhe amára seu caro Romeu.

A' Castro infeliz indaga se Pedro,
Mais inda que um throno e um sceptro, lhe amava;
A' triste Edelmunda pergunta se Othelo
No zelo provou-lhe o amor que lhe dava.

Compulsa as historias das Nymphas dos vates,
E indaga a que fo se mai idolatrada,
Compara co'os meus dos vates extremos,
Vargesia, e te orgulha, qu'inda és ma's amada!...

A. J. dos Santos Neves.

Fonte:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=gervina&id=31870581412&pagfis=511>

Durante o tempo em que Gervázia geriu o jornal, é possível observar uma diminuição considerável em suas folhas de artigos que abordassem a emancipação moral

da mulher, bem como seus direitos sociais e culturais. Barbosa (2025) também apontou essa decisão como uma possível razão pela qual a periodista não tenha recebido o mesmo prestígio histórico de Joanna e Violante. Como responsável por um periódico essencialmente de cunho feminista, Gervázia foi menos incisiva com as pautas políticas, imprimindo discursos textuais mais neutros e tradicionais, em relação aos de suas anteriores.

Apesar disso, a escritora não rompeu completamente com os discursos textuais reivindicatórios, passando a elucidar a atuação das mulheres na vida pública por meio da valorização de seus nomes, atribuindo-lhes visibilidade, ao trabalhar com biografias femininas na coluna “Mulheres celebres”, a qual passou a ser impressa a partir de agosto de 1853 e perdurou por diversas edições. Barbosa (2025) pontua que, ao escrever sobre a vida de mulheres inspiradoras, a brasileira tinha a intenção de inspirar outras mulheres.

Julgamos prestar um valioso serviço às nossas leitoras, tornando-lhes patentes e conhecidos os nomes das mulheres que se celebrisarão nos seculos passados, quer como artistas, quer como litteratas.

Quando nos aventurámos a emprehender semelhante trabalho, não tivemos em vista senão arredar de sobre o sexo feminino a presumçosa calunnia, de que elle nada possui de seu na republica das letras e no reinado das artes;

[...] Oxalá que o futuro lhes faça justiça, e aos centenares de estrangeiras, que ennobrecerem as recordações passadas, reúna patricias nossas, de cujos talentos e illustração a ninguem é dado duvidas! (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 34, 21 ago. 1853, p. 268-269).

Deste trecho referente à primeira coluna de “Mulheres celebres”, dois aspectos devem ser analisados. O primeiro diz respeito à autoria do texto, assinado pelo pseudônimo “J. P.”, o qual compete à Joanna Manso, que passou a participar do jornal como colaboradora engajada em temas voltados ao reconhecimento e à valorização das mulheres. O segundo aspecto, diz respeito à citação do termo “justiça”, que, segundo Barbosa (2025, p. 44), “[...] evidencia o discurso de igualdade entre homens e mulheres perante a justiça e condena o abuso de poder masculino” – isso indica que Gervázia, de maneira sutil e subjetiva, considerava indispensável a concepção de ideias feministas.

Portanto, é possível afirmar que, ao longo de toda a sua extensão, *O Jornal das Senhoras* foi um jornal feminista, devendo ser reiterado o “[...] potencial emancipador de suas ações” (Souto, 2022, p. 179), ainda que não existissem movimentos feministas no Brasil do Oitocentos. Adicionalmente, apesar de ter havido três redatoras chefes, pode-se dizer que “houve por tanto mudança de ministerio, mas a politica é a mesma” (*O Jornal*



das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 27, 4 jul. 1852, p. 2). Diante disso, constata-se que os meios de comunicação e expressão, ao compartilharem seus textos, estão compartilhando, também, seus signos, suas construções simbólicas, suas crenças e aquilo o que defendem.

Tais representações são conferidas nesta seção, pelas lentes d'*O Jornal das Senhoras* e a análise da materialidade deste conjunto documental teve como base os critérios analíticos-metodológicos elaborados por Cruz e Peixoto (2009), que nortearam os estudos acerca da fonte primordial desta dissertação, a fim de averiguar em profundidade uma obra rara que contempla a história do Brasil do Oitocentos, da imprensa periódica e da imprensa feminina.

No decorrer desta dissertação, até o presente momento, discorreu-se algumas vezes acerca da materialidade histórica d'*O Jornal das Senhoras*, uma vez que foi pelas lentes do periódico que se estudou o século XIX no Brasil. A fim de aprofundar a configuração histórica do jornal, esta seção foi pensada exclusivamente para que houvesse uma sensibilidade maior frente aos seus detalhes. Diante disso, com base no método de Cruz e Peixoto (2009), analisou-se *O Jornal das Senhoras* a partir dos seguintes eixos: a) Identificação do periódico; b) Projeto editorial; c) Projeto gráfico.

Identificação do periódico

O Jornal das Senhoras, veiculado durante quatro anos na cidade do Rio de Janeiro, circulou de 1º de janeiro de 1852 a 30 de dezembro de 1855, totalizando 209 edições publicadas. Ao longo de sua trajetória, o título do jornal permaneceu o mesmo, embora, a partir da edição 10, publicada no dia 6 de março de 1853, tenha passado de “*O Jornal das Senhoras*” (Figura 22) para “*Jornal das Senhoras*” (Figura 23). Essa pequena mudança pode ter sido ocasionada, devido ao fato de, habitualmente, os textos do periódico se referirem ao jornal sem o artigo “O” antecedendo o substantivo “Jornal”. Adicionalmente, essa escolha editorial também pode ter sido feita, pensando em definir o título do periódico como nome próprio, sintetizando-o.

Figura 22: Título "O Jornal das Senhoras", ainda com o artigo "O"



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=5130608510554&pagfis=1>

Figura 23: Título "Jornal das Senhoras", sem o artigo "O"



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=5130608510554&pagfis=57>

9

Ademais, apesar de o título não ter sido explicado, subentende-se que o nome dado é em virtude de as redatoras chefes serem mulheres – “[...] no sentido de indivíduos com atribuições do sexo feminino e, mais especificamente, casadas –, bem como este era o gênero do público que o periódico almejava atingir” (Souto, 2022, p. 307). No que diz respeito ao subtítulo, o jornal imprimiu três diferentes. O primeiro, com o qual foi iniciado, era “*Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica*”. Após um ano, na edição 1, publicada no dia 1º de janeiro de 1853, a palavra “*Critica*” foi retirada. Nove

números depois, na edição 10, foi restabelecida. No entanto, na edição 40, publicada no dia 2 de outubro de 1853, foi definitivamente excluída (Figura 24).

Figura 24: Subtítulo sem a palavra "Critica"



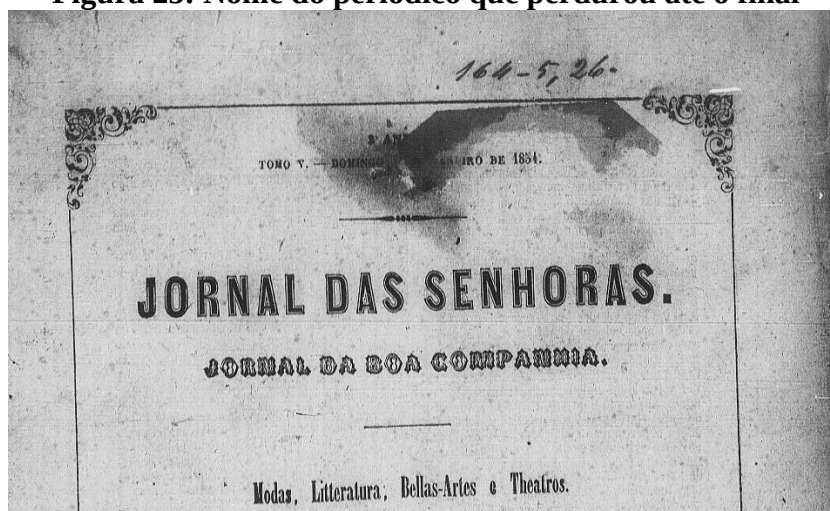
Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=5130608510554&pagfis=856>

A instabilidade sofrida pela palavra “Critica” condiz com as mudanças acarretadas no conteúdo e no posicionamento político e cultural no decorrer do jornal. Pautando-se em seu cânone, como observado anteriormente, houve uma contenção nos assuntos mais politizados e de cunho feminista, da direção de Joanna Manso à direção de Gervázia Nunezia. Enquanto Joanna tinha um posicionamento mais intransigente, especialmente, acerca da emancipação moral da mulher, Gervázia foi mais moderada, possivelmente, por medo de “[...] que poderia causar reações não almejadas pela redação do *Jornal das Senhoras*” (Souto, 2022, p. 309).

Nesta perspectiva, Cruz e Peixoto (2009, p. 261) salientam que “títulos e subtítulos funcionam como ‘manchetes’, primeiros anunciados por meio dos quais uma publicação procura anunciar a natureza de sua intervenção e suas pretensões editoriais”. À vista disso, como a palavra “Critica” fazia referência a temas possivelmente conflituosos para o período em questão, esvaiu-se, durante o comando editorial de Gervázia. Por último, em seu terceiro ano de veiculação, a partir de 1º de janeiro de 1854, o periódico seguiu até o seu fim com a seguinte identificação: *Jornal das Senhoras. Jornal da boa companhia. Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.* (Figura 25). Neste momento, é interessante pontuar, também, que houve uma reconfiguração nos logotipos do jornal, ao comparar as Figuras 22, 23, 24 e 25.

Figura 25: Nome do periódico que perdurou até o final



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=5130608510554&pagfis=97>
7

Condizente à periodicidade d'*O Jornal das Senhoras*, o jornal era semanal, veiculado aos domingos, salvo as edições publicadas nos dias 1º de janeiro de 1852 (quinta-feira) e 1º de janeiro de 1853 (sábado) – ambas as datas foram escolhidas para que o jornal pudesse inaugurar os respectivos anos. A partir de 1854, não houve nenhuma alteração, haja vista que, segundo Souto (2022), o dia de domingo pode ser analisado como uma escolha estratégica, visto que era o dia menos atarefado para as mulheres, que podiam se dedicar por mais tempo à leitura. A autora também indicou o domingo como o dia do descanso, por influência cristã.

Referente aos locais em que *O Jornal das Senhoras* era impresso, foram constatadas cinco tipografias, conforme mostra o Quadro 4:

Quadro 4: Tipografias pelas quais *O Jornal das Senhoras* passou

Tipografias	Tempo de permanência
Rio de Janeiro. — Typographia PARISIENSE, rua Nova do Ouvidor n. 20.	1º de janeiro de 1852 a 29 de fevereiro de 1852
Rio de Janeiro. — Typographia de Santos e Silva Junior, Rua da Carioca n.º 32.	7 de março de 1852 a 17 de outubro de 1852
Typ. do <i>Jornal das Senhoras</i> , de Santos & Silva J.º, rua da Carioca n. 32.	24 de outubro de 1852 a

Tipografias	Tempo de permanência
	27 de fevereiro de 1853
Typ. do <i>Jornal das Senhoras</i> de G. Leuzinger, Rua do Ouvidor n. 36.	6 de março de 1853 (a tipografia em questão foi impressa nesta nomenclatura somente no número desta data)
Typ. do <i>Jornal das Senhoras</i> , Rua do Ouvidor n. 36.	13 de março de 1853 a 30 de dezembro de 1855

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

Diante do exposto, observa-se que, a partir do primeiro ano, *O Jornal das Senhoras* havia conseguido uma colaboração com a tipografia de Santos e Silva Junior, adicionando seu nome ao deles. Mais adiante, o jornal adquiriu sua própria tipografia, permitindo que as mulheres tivessem autonomia e poder de influência nas escolhas de “[...] *logotipo*, *isotipo* e *vinhetas* utilizados nas páginas do *Jornal das Senhoras*” (Souto, 2022, p. 312).

No que confere à natureza editorial, ou o tipo de impresso, da fonte desta dissertação, atentou-se, antes de tudo, à maneira como o próprio *O Jornal das Senhoras* se autodenominava: como um jornal. A partir desta observação e com base nos estudos de Souto (2022), que o compreendeu perante suas particularidades, evitando caracterizá-lo de maneira abstrata, foi determinada a esta dissertação a utilização do termo “jornal”, ao fazer referência ao impresso oitocentista. Ademais, deve-se ressaltar a “[...] dificuldade em distinguir, em meados do século XIX, revista de jornal pelo formado” (Souto, 2022, p. 261).

Com o seu último número publicado no dia 30 de dezembro de 1855, *O Jornal das Senhoras*, sob a direção de Gervázia Nunezia, despediu-se de suas leitoras. Não com uma mensagem de adeus permanente, mas com um “até breve”. No entanto, não se sucedeu desta forma. O jornal tinha esperanças de retornar em 1857, mas não retornou. O intervalo prometido, que duraria apenas um ano, perdura até hoje:

Nem tão pouco nós esmorecemos, Senhoras. Não esmoreceremos jámais.

Fazemos apenas uma parada, que julgamos necessaria, no proximo anno de 1856; e com o favor de Deus o Jornal das Senhoras reaparecerá em 1857, para porsequirmos ao honroso fim a que nos

proposemos, cultivando com esmero as immarcesciveis flores do caminho tão nobremente encetado pela nossa antiga redactora, a Sra. D. Joanna Paula de Noronha.

[...] A todas e a cada uma em particular dirigimos nossos agradecimentos e um – adeos – até o anno de 1857 (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 52, 30 dez. 1855, p. 409).

São desconhecidas as razões que implicaram na pausa do periódico e no seu encerramento.

Projeto Editorial

Propõe o aprofundamento da análise do projeto editorial do periódico na conjuntura por meio de uma leitura mais detida e cuidadosa de seus “conteúdos”, problematizando o movimento do jornal enquanto força ativa – atenta às questões, sujeitos sociais, espaços e temas que prioriza na agenda pública – naquele campo da hegemonia e as articulações entre presente, passado e futuro que embasam sua perspectiva histórica (Cruz; Peixoto, 2009, p. 266).

Nesse sentido, examinou-se com maior profundidade *O Jornal das Senhoras*, formado por um público leitor feminino, mais especificamente, mulheres aristocráticas e ilustradas. Com base no conteúdo apresentado nas seções do jornal (moda, literatura, arte, teatro e música), percebe-se que o leitorado não poderia ser diferente, haja vista que, no século XIX, a educação intelectual direcionada às mulheres era restrita, árdua e voltada a um grupo muito particular. Em contrapartida, havia mulheres que assinavam o periódico e tinham uma educação limitada. Neste caso, Souto (2022) constatou que:

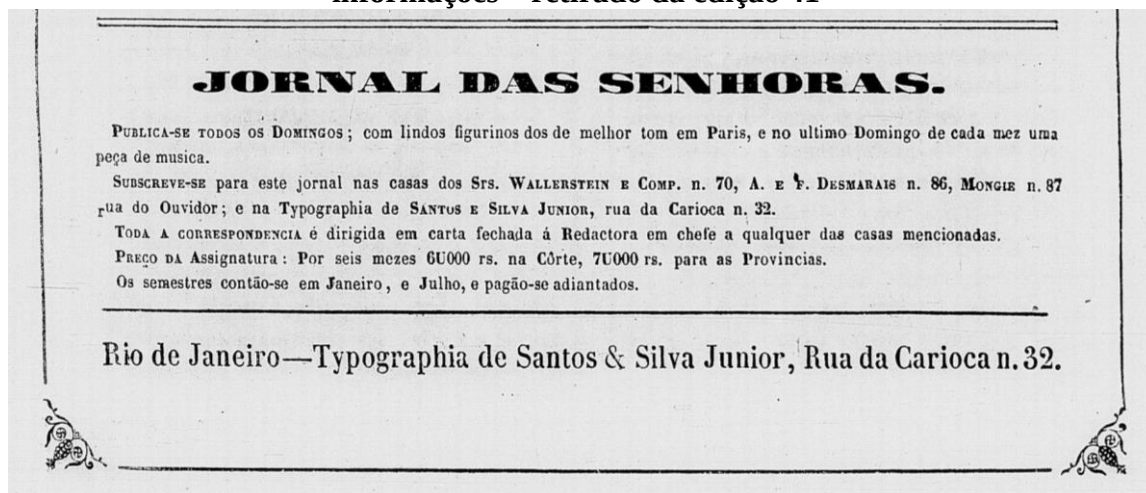
A organização simples, as letras grandes e os espaçamentos amplos entre as linhas dos textos revelaram a didaticidade dos discursos veiculados, facilitando o acesso e a compreensão textual por parte de um público que tinha educação de baixa qualidade (Souto, 2022, p. 301).

Referente às formas de circulação d’*O Jornal das Senhoras*, para que essas mulheres conseguissem adquirir seus impressos, elas deveriam realizar a assinatura do periódico. Até a edição 41, de 10 de outubro de 1852, as interessadas em assinar eram avisadas, com informações disponibilizadas ao final da última página de cada número (Figura 26). No entanto, a partir da edição 42, o quadro com os informes parou de ser disponibilizado. Na edição 43, escreveu-se: “Para a assignatura – Ninguém – ha uma carta de importancia” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 43, 24 out. 1852, p. 136). Ademais, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro – veículo que anunciou diversas vezes *O Jornal das Senhoras* – também informava seus leitores sobre a assinatura do periódico feminino: “[...] assigna-se a 1\$ por mez, pagos em trimestre, na casa do Sr.



Mongie, rua do Ouvidor n. 87” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, n. 11, 11 jan. 1852, p. 3).

Figura 26: Comunicado acerca das assinaturas d'O *Jornal das Senhoras* e outras informações – retirado da edição 41



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=4574401856653&pagfis=39>

5

Ao se tornarem assinantes, as leitoras consumiriam uma linha editorial predominantemente ideológica, como mencionado alguns tópicos atrás. Nesse sentido, afirma-se que *O Jornal das Senhoras* foi um periódico revolucionário, não somente para o período em questão, mas também para o meio público em que circulou. Isto posto, deve-se apontar, especialmente, a abordagem política retratada pelo jornal, dado o seu objetivo em defender causas relacionadas à inserção da mulher no meio público e a sua liberdade intelectual.

Assim, referente ao conteúdo veiculado, nota-se, também, a busca pela atribuição cultural associada ao âmbito social, com assuntos relacionados à moda, ao teatro e aos costumes, por exemplo. Diante disso, é correto afirmar que *O Jornal das Senhoras* era um jornal com enfoque para além do entretenimento, ao considerar a sua “[...] vontade de intervir na sociedade para modificá-la” (Souto, 2022, p. 265).

Arelado a isso, é evidente que a articulação do impresso era sempre voltada ao futuro. Essa característica pode ser vista em suas páginas, as quais eram ininterruptas, ou seja, a cada nova edição, havia uma continuidade em sua contagem, com base na edição anterior. As edições novas não começavam com o numeral um, havia uma progressão – por exemplo, se a edição 1 acabasse na página oito, a edição 2 iniciaria na página nove. Joanna Manso se atentou a esse elemento editorial e escreveu: “para logo fiz tenção de

pedir às minhas assignantes de fazerem encadernar este Jornal, bem encadernadinho” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 2, 11 jan. 1852, p. 12). Ao todo, *O Jornal das Senhoras* contabiliza 1.680 páginas impressas.

O ato de colecionar os jornais feministas oitocentistas fazia sentido devido ao caráter reflexivo dos textos veiculados. Além desses artigos, tais periódicos veiculavam poesia, romance, conto, biografia, figurino, charadas, receitas domésticas etc., ou seja, elementos duradouros que faziam jus a serem arquivados ou colecionados para consulta posterior (Souto, 2022, p. 268).

Observou-se que o jornal era organizado por tomos, marcados no centro superior da capa de cada número (Figura 27), e, ao iniciar um novo tomo, a paginação seguia contínua, com exceção do tomo II – o tomo I foi finalizado na página 215 e, ao invés do tomo II ser iniciado na página 216, ele retomou a contagem a partir do numeral um. A partir do tomo III, não houve mais essa quebra na configuração do editorial. A quantidade conferida foi de oito tomos, em sua totalidade, e “[...] cada tomo teve duração média de seis meses. Assim, a cada dois tomos o jornal completava um ano de circulação (Souto, 2022, p. 291).

Figura 27: Capa da edição 34, de 22 de agosto de 1852 – tomo II



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=pedir&id=4020708978388&pagfis=322>

Com base no que foi apresentado, é evidente a atenção à organização do projeto editorial que as redatoras chefes tiveram, do início ao fim do periódico.

Projeto Gráfico

A análise do projeto gráfico volta-se para a organização e distribuição de conteúdos nas diversas partes e seções no interior do periódico como, por exemplo, a localização e extensão que ocupam, as funções editoriais a elas atribuídas e por elas desempenhadas, seus modos de articulação e expressão (Cruz; Peixoto, 2009, p. 262).

No que concerne à parte de identificação visual, pode-se dizer que *O Jornal das Senhoras* certamente teve um investimento financeiro importante em recursos gráficos. Considera-se isso, ao observar o riquíssimo repertório de tipos ornamentados, o uso de fios para organizar informações nas páginas e ornamentos nas bordas, alguns textos dispostos em arcos e, principalmente, a importação de imagens coloridas. Todas essas características conferem refinamento e sofisticação, evidenciando preocupação em oferecer às leitoras um material de prestígio. De maneira geral, o principal recurso visual d'*O Jornal das Senhoras* foi a tipografia, embora tenha feito muito uso das letras capitulares e dos clichês para imprimir vinhetas, desenhos e outras decorações.

Nesse sentido, com base nos dados disponibilizados pela Biblioteca Nacional, sabe-se que as medidas das páginas do periódico eram 27 x 19 cm – eram impressas cerca de oito páginas por número e o conteúdo era diagramado sempre em duas colunas. Referente à razão pela qual as redatoras mantiveram até o final a composição dos textos dessa forma, Souto (2022) pontuou o aspecto didático implantado nas letras grandes e no pouco texto por página, definindo-o como um facilitador do acesso ao material pelo leitorado. No que concerne às páginas, é correto dizer que as folhas com ilustrações eram folhas anexas, visto que as edições especiais com o encarte²⁰ de moda apresentam cerca de nove páginas nos arquivos da Biblioteca Nacional Digital, o que não resulta em paginação múltipla de quatro, característica que confere um encarte.

No que diz respeito ao valor da assinatura, Souto (2022) realizou um comparativo dos preços d'*O Jornal das Senhoras* e observou a presença de oscilações – a análise realizada pela autora foi possível somente para o ano de 1852, uma vez que as redatoras deixaram de publicar nos anos posteriores. Antes de indicar os valores, é interessante

²⁰ “[...] 2. Folha volante ou caderno incluído como suplemento em revista ou jornal” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 389).



pontuar que eles podem ser encontrados nas últimas páginas de cada número – como visto na Figura 26.

Nesse sentido, o periódico cobrava valores diferentes para a capital e para o interior, dos quais recebia por semestre ou trimestre. Para a capital, o valor do semestre era de 6\$000 réis e do trimestre era de 3\$000 réis; para o interior, o valor do semestre era de 7\$000 réis e do trimestre era de 4\$000 réis (Souto, 2022). Com base nesses dados, afirma-se que *O Jornal das Senhoras* tinha um valor elevado, possivelmente, porque publicava mais páginas do que outros jornais do período e anexava gravuras e partituras, que exigiam equipamentos de maior qualidade (Souto, 2022).

Adicionalmente, o valor atribuído ao impresso podia estar relacionado, também, a sua periodicidade, visto que este era um fator importante no custo de produção, e como *O Jornal das Senhoras* era um periódico semanal, o custo não devia ser baixo. No tocante às seções, estas não foram determinadas no projeto editorial para serem seguidas rigorosamente. É perceptível a variação das partes textuais entre um número e outro. As seções mais publicadas foram “Modas”, “Poesia” e “Charada”, estando presentes nos quatro anos do jornal. Segundo Souto (2022), a seção “Modas” iniciou com maior júbilo, especialmente, do primeiro ano para o segundo, apesar disso, a seção “Poesia” obteve um alcance maior, no decorrer das publicações.

[...] a seção “Modas” começou com grande prestígio, sendo um dos grandes atrativos do jornal, afinal, segundo *O Jornal das Senhoras*, ele era o único no Brasil que trazia figurinos inéditos de Paris, feitos exclusivamente para o periódico, havendo necessidade até de reimpressão por demanda das leitoras, mas, com o tempo, foi perdendo força (Souto, 2022, p. 294).

Paralelo ao apresentado, levanta-se a hipótese de que “Modas” foi se tornando menos frequente, devido ao fato de que, com o tempo, o acesso aos materiais feitos exclusivamente em Paris foi se tornando cada vez mais difícil, em vista do custo e do intercâmbio entre os correspondentes. Ademais, também deve ser levado em consideração uma possível diminuição das assinaturas no decorrer dos anos, uma vez que o jornal pontuou essa questão como primordial para que fosse possível manter as estampas atualizadas:

Nossos figurinos não vos serão apresentados por mero capricho de fantasia, ou o quer que for, que não seja o ardente desejo que ha muito alimentava a Redacção de instituir um jornal d'este porte, a cujas enormes despesas não recuou, nem recuará, em quanto vós o sustentardes (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 4, 25 jan. 1852, p. 26).



Ressalta-se que as ilustrações de moda e as suas descrições foram fundamentais na consolidação do jornal durante seus quatro anos de veiculação, impulsionando suas vendas e caracterizando-o como um veículo de comunicação atrativo, que despertava encanto e fascínio nas leitoras, em decorrência das gravuras. Cabe destacar o criador das impressões artísticas anexadas n’*O Jornal das Senhoras*, Jean-Baptiste David (1808-1892), conhecido pelo pseudônimo Jules David.

O artista ficou conhecido por elaborar estampas de moda, ao ser contratado pelo casal Popilin-Ducarré, em 1842, ter suas criações publicadas na revista *Nouveautés*, e consolidar parceria com o redator Abel Goubaud, proprietário do *Le Moniteur de la Mode* (Barbosa, 2024). Jules David foi apresentado n’*O Jornal das Senhoras*, sendo reconhecido da seguinte maneira:

Heide apresentar-vos sempre os nossos figurinos taes quaes elles são, interpretados tal qual foi a intenção de Jules David ao desenhá-los guiado pelas amestradas explicações das primeiras e mais notaveis artistas da grande capital do mundo elegante (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 2, 9 jan. 1853, p. 10).

No periódico carioca, ao serem impressas e postas em circulação, as belas ilustrações de Jules David poderiam ser destacadas e colecionadas pelas assinantes, visto que essa era uma prática comum com os desenhos dos bordados, como afirma *O Jornal das Senhoras*:

Vós, querida leitora, e todas as mais senhoras que se preparam para a partida do campo, apreciareis a folha de diversos debuxos de bordados que vos offerço hoje. Juntos aos muitos outros, que por certo tereis, completarão, uma sufficiente collecção de desenhos, em cujos bordados algumas horas talvez vos empregueis com gosto (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 48, 27 nov. 1853, p. 378)

Correspondente às seções comemorativas, nos dois primeiros anos de circulação, *O Jornal das Senhoras* se preocupou em escrever sobre acontecimentos sociais e culturais, discorrendo sobre festas, bailes e teatros. Para isso, eram impressas a “Chronica da quinzena” e a “Chronica da semana”, que, segundo o periódico, abordavam episódios particulares e públicos que aconteciam na cidade do Rio de Janeiro:

Digão-me pôrem as minhas queridas leitoras, se eu fizesse a historia do que tem particular e publicamente occorrido nesta cidade, desde os restos do mez passado até hoje, o que não diria de bonito! de picante! e de massante! Que de reclamações! [...] Mas, como nem todas as verdades se dizem, senhora comadre, ahi está a razão porque o chronista – que sabe levar agua ao seu moinho – em duas palhetadas



faz uma chronista. E é chronica (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 32, 8 ago. 1852, p. 47).

Para concluir, afirma-se que *O Jornal das Senhoras* é, de fato, digno de ser fonte primordial de diversos estudos acadêmicos, servindo como objeto de estudo para contextos diversos, especialmente, os que permeiam pelo design gráfico.

3.3.1. A moda escrita e ilustrada

Como esta seção foi elaborada com ênfase na moda propagada pelo *O Jornal das Senhoras*, antes de dar início ao método dos blocos temáticos de análise, desenvolvido por Figueiredo (2015) e adaptado para esta pesquisa, deve ser esclarecido que, apesar de divulgar conteúdos de moda – complementados, eventualmente, com a incorporação de ilustrações de moda, ou seja, não eram todos os números que apresentavam gravuras anexadas – o periódico estudado era um jornal de caráter feminista, e não um jornal especializado em modas ou estilo.

Isto posto e com base no que foi estudado sobre o projeto editorial, esta seção buscou analisar com maior profundidade a moda escrita (discurso textual) e ilustrada (discurso imagético) estabelecida n’*O Jornal das Senhoras*. Para isso, ao todo, foram analisadas 11 gravuras associadas às suas descrições. Mediante o estudo, foram contemplados cenas, personagens, símbolos, ideias e linguagens, desenvolvendo um olhar mais atento e particular às iconografias de moda e, quando pertinente, dialogando acerca de seu contexto histórico e social representados de modo implícito.

Com base no método dos blocos temáticos de análise de Figueiredo (2015), observou-se a presença de diálogos entre as imagens selecionadas e seus textos descritivos. Diante disso, seguiu-se o seguinte sistema para delimitar os blocos temáticos em que as ilustrações e os textos foram inseridos:

- Primeiro, realizou-se uma sondagem entre a ilustração e o texto dentro da edição em que foram publicados;
- Segundo, após o levantamento do material, buscou-se por linguagens repetitivas e temas recorrentes;
- Terceiro, os blocos temáticos foram separados com base em: temas e narrativas que se repetem.

A partir disso, como mostra o Quadro 5, foram definidos cinco blocos estabelecidos com base no preceito “sequência e sintonia” de Figueiredo (2015):



Quadro 5: Blocos temáticos de análise

Blocos	Temáticas
Bloco 1	Traje para eventos sociais
Bloco 2	Traje para passeios
Bloco 3	Traje infantil
Bloco 4	Traje para uso doméstico
Bloco 5	Traje matrimonial

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

O estudo do discurso textual e do discurso imagético foi ordenado de maneira relacional. Portanto, as imagens e os textos foram analisados em conjunto, e não de maneira isolada. No projeto gráfico d’*O Jornal das Senhoras*, nota-se que a descrição da estampa antecede a gravura anexada. Diante disso, a análise dos discursos citados seguiu a ordem planejada pelo jornal: primeiro, leu-se a descrição da estampa e, em seguida, a ilustração. Por fim, realizou-se uma avaliação cruzada, indagando se a ilustração corresponde com exatidão às descrições do texto. Esclarece-se que as descrições dos vestuários ilustrados foram retiradas das colunas “Descrição da Estampa” referentes a cada edição analisada.

Bloco temático 1: Traje para eventos sociais

Para formar o primeiro bloco temático, determinado por *toilettes de rigor*, foram contempladas as edições 27, de 1852; 16, de 1853; e 11, de 1855, d’*O Jornal das Senhoras*.

- **Edição 27, de 1852:**

Condizente ao número 27, publicado no dia 4 de julho de 1852, a ilustração anexada retrata, de maneira sequencial, duas mulheres lindamente trajadas – característica recorrente para diferentes ambientes, especialmente, a partir da década de 1850 –, propondo possibilidades para compor trajes para teatros, jantares e bailes.

A descrição da primeira vestimenta foi retratada na mulher à esquerda da ilustração, vestida adequadamente para teatros ou grandes jantares. O tecido que compõe a saia é *gros de Naples*, uma seda encorpada e resistente, na cor cinza claro, adornada por cinco folhos²¹ xadrezes coloridos de vermelho, branco e amarelo. O impresso faz referência aos folhos da seguinte forma:

²¹ Adorno aplicado/sobreposto ao vestuário, feito com pregas, por exemplo.

[...] estes folhos são feitos da barra escoceza que já traz a fazenda e que a modista a corta em pequenos pedaços, da largura que se quer o folho, e depois ajunta-os e fórma delles esses cinco engraçados folhos atravessados (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 27, 4 jul. 1852, p. 3).

A parte superior da vestimenta é composta por um colete rendado, na cor branca, com forro de chamalote²², também branco. Possui cinco botões de seda, com espaço para que a cambraia de linho e a renda apareçam. Sobreposta ao colete, uma peça com modelagem arredondada, feita com o mesmo tecido da saia, com fita escocesa pregueada na frente e nas barras das mangas, nas cores vermelho, branco, amarelo e azul. Nas barras das mangas, há, também, aplicação de renda. Nos braços, uma pulseira em cada pulso. Nas mãos, a direita está segurando um lenço branco com renda e a esquerda um pequeno buquê de flores. Na cabeça, *O Jornal das Senhoras* detalhou:

Penteado de renda maline, pontas fluctuantes com duas tufas de flores do campo sobre bandós fortemente ondeados (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 27, 4 jul. 1852, p. 3).

A segunda vestimenta foi ilustrada na mulher à direita da gravura, que traja um vestuário próprio para bailes. Caracterizado pelo periódico como “vestido de nobreza” com “corpo a Luís XV”, o vestido é composto por uma saia com nove guarnições de renda de bico, cuja largura equivale a três polegadas. Na parte superior, um corpete estruturado, com rendas, e um casaco azul, com bordados em seu entorno, recortes nas laterais e mangas que finalizam no antebraço. Na cabeça, a descrição d’*O Jornal das Senhoras* foi:

Penteado de meios bandós fortemente ondeados em fórma de canudos, circulando toda a cabeça uma graciosa corôa de trança, no centro da qual sobresáe o moderno pente marchetado de prata e perolas, que completa este candido e lindissimo toilette (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 27, 4 jul. 1852, p. 3).

O ambiente em que as mulheres estão, configura um ambiente interno e privado, possivelmente, uma sala, ao considerar que, ao fundo, parece haver um sofá, no chão, um tapete, e, na parede, uma espécie de gesso decorativo, ou papel de parede. A sala em questão, pode se tratar de um dos lugares ao qual *O Jornal das Senhoras* situa os *toilettes* (teatro, grande jantar ou baile). A seguir, a Figura 28 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

²² “Tecido de seda cuja trama forma efeitos de ondulações” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 253).



Figura 28: Ilustração anexada n' *O Jornal das Senhoras*, no número 27, de 1852



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025).

Na edição 27, ao final da coluna “Descrição da Estampa”, lê-se:

Deveis notar, querida leitora, a distincção especial entre estas duas figuras: ambas representam dois toilettes de rigos, mas uma é para uma joven solteira, por isso seu elegante peito e pescoço estão nus – nem os brincos aparecem. A graciosidade de seu trajar revela a todos os corações a sua posição na sociedade. O outro é para uma senhora casada; este toilette tambem é vaporoso e encantador, mas está carregado de perolas e diamantes. As elegantes parisienses guardão estas distincções da moda com todo o requinte da arte e conveniencias da soeicedade (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 27, 4 jul. 1852, p. 3).

Diante da citação exposta, declara-se que o discurso que a coluna de moda junto à ilustração apresentam não está associado somente ao bom gosto da moda parisiense, a

fim de ser apropriada no Brasil. Existe um discurso de adequação social frente ao estado civil da mulher e a moda é um pretexto dessa posição. Por meio do traje da mulher em ambientes públicos, era possível saber qual a sua condição e quais as suas pretensões. Nesse sentido, afirma-se que o vestuário era ornamentado conforme parâmetros morais e que o discurso textual e imagético desse conjunto analítico tinha, também, como objetivo educar a mulher, ensinando-a como e por quê deveria se vestir da forma descrita. Portanto, o texto e a imagem da edição 27, de 1852, complementam-se.

- **Edição 16, de 1853:**

Em sequência, o número 16, publicado no dia 17 de abril de 1853, ilustra duas mulheres cujas vestimentas são próprias para bailes. O primeiro *toilette*, situado na mulher à direita da gravura, apresenta um vestido de *moirée antique*, uma seda brilhante com padrão ondulado, na cor branca. Sobre o vestido, há uma túnica rosa do mesmo tecido, aberta na parte da frente, com mangas curtas, bem como o vestido, e, em sua parte inferior, duas dobras, uma em cada lado, presas por um ramo de plumas e flores de ouro. De acordo com *O Jornal das Senhoras*, a finalidade da túnica presa é deixar à mostra “uma linda guarnição de folhagem de veludo verde com lineamentos de ouro, sobre a saia do vestido branco”.

As mangas da túnica estão presas por filetes de trancelim²³ de ouro, formando duas partes volumosas. Os filetes de trancelim adornam toda a extensão da túnica. Na cabeça, um penteado com diadema²⁴ de brilhantes, com uma barra bordada de ponto inglês e plumas. No pescoço e nas orelhas, joias suntuosas, e, nas mãos,

Luvas côr de palha, de punhos compridos, abotoados por uma ordem de seis botões, e fechados em cima por uma ou duas pulseiras de ouro em cada braço – O mimiso lenço é d’Alençon (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 16, 17 abr. 1853, p. 122).

A segunda vestimenta *de rigor*, está sendo usada pela mulher à esquerda da ilustração, vestida com uma *sahida de baile*, ou seja, um capote²⁵ de cetim, na cor violeta,

²³ “Galão ou trança estreita de fios de seda, ouro etc. usado para enfeitar costuras e bordados; trancinha” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 1002).

²⁴ “1. Ornato circular, ricamente adornado, com que reis e rainhas cingiam a cabeça. 2. Adorno semelhante, em forma de meia coroa, usado pelas mulheres. 3. Penteado de formato semicircular” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 355).

²⁵ “Casaco de mangas compridas, longo, com ou sem capuz” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 221).



cujas barras são de arminho²⁶. Abaixo do capote, é possível observar a saia do vestido, que aparenta ser de *moirée antique*, na cor marrom. Na cabeça, um penteado à Maria Antonieta, preso por uma grade de trancelim de ouro, com plumas pequenas. Nas mãos, luvas compridas simples, sobrepostas por pulseiras. A mão esquerda está segurando um pequeno buquê de flores.

É adequado pontuar que o capote, ao ser ilustrado em vestimentas de baile, por exemplo, indica que a personagem está indo embora do evento, por isso também é chamado de “saída de baile”. Isto posto, nota-se que o ambiente em que as mulheres foram retratadas é interno e privado, com uma decoração refinada, isso indica que o cenário condiz com os trajes ilustrados – os quais estão em harmonia, correspondendo ao mesmo objetivo. A seguir, a Figura 29 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

²⁶ “Mamífero [...] semelhante à doninha, cuja pele é usada como agasalho ou adorno de vestuário” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 112).

Figura 29: Ilustração anexada n' O Jornal das Senhoras, no número 16, de 1853



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025).

No caso da ilustração analisada e do texto que a descreve, não há indícios explícitos de pedagogia moral frente à sociabilidade da mulher. No entanto, ao destacar que “a moda, portanto, não oferece hoje beleza somente, ela tem todo o aspecto do grande, do maravilhoso, do riquíssimo. Suas formas [...] revelam um conjunto do moderno e o antigo habilmente delineado” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 16, 17 abr. 1853, p. 122), o periódico enfatiza a permanência de estilos e a renovação de elementos estilísticos passados como o uso do penteado “à Maria Antonieta” e das luvas ao estilo *gigot*, como destacado na edição:

As mangas estreitas e curtas e que desciam quase até o cotovello, estão fóra do primôr da moda; agora são mui curtas, como já se usarão, e de fôfos, o que nos indica que o antigo Gigot não está longe (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 16, 17 abr. 1853, p. 122).

Quando o texto cita “do riquíssimo”, compreende-se que está se referindo ao uso abundante do ouro, que recebeu ênfase tanto na descrição do vestuário como na iconografia de moda. Verificou-se, portanto, que o discurso textual e o discurso imagético da edição 16, de 1853, contextualizaram a moda enquanto linguagem social, por meio da valorização dos seus códigos.

- **Edição 11, de 1855:**

Por fim, a edição 11, publicada no dia 18 de março de 1855, apresentou uma estampa semelhante à estampa da edição 16, de 1853: duas mulheres vestidas com *grandes toilettes* para bailes, uma com um vestido de baile e a outra com um vestuário de baile *a’ sahida*. Escolheu-se especialmente o respectivo número para ser analisado, não por conta do conjunto de elementos estilísticos normalmente estudados, mas em razão da maneira como *O Jornal das Senhoras* descreveu a estampa anexada.

Diferentemente das descrições anteriores, a descrição impressa na edição 11, de 1855, apresenta características distintas, com um texto mais resumido e menos detalhado, como mostra a Figura 30.

Figura 30: Descrição da ilustração de moda anexada na edição 11, de 1855

DESCRIÇÃO DA ESTAMPA.	
VESTUARIO DE BAILE. — Vestido de nobreza branca, coberto por tres saias de escomilha branca, enfeitadas de franginhas e ramos de flores todo em roda das saias como figura a estampa.	O penteado é das mesmas flores.
Corpo decotado com bico redondo; o peitilho é todo coberto de franginhas e o cabeção que vem até o cinto é também coberto de flores.	VESTUARIO DE BAILE A’ SAHIDA. — Vestido de seda adamascado cor de rosa.
	Sahida de baile de pelucia branca com listras verdes.
	Capucho de renda preta sobre a cabeça, muito leve para não machucar o penteado.

Fonte: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=1537>

Observa-se que a descrição comenta rapidamente sobre os vestuários ilustrados, não havendo pormenorização dos detalhes e, sim, uma apresentação superficial dos elementos de maior destaque na gravura como, os vestidos, o casaco e os penteados. Ao contrapor as edições 27 (1852) e 16 (1853) à edição 11 (1855), percebeu-se que as duas primeiras edições divulgaram descrições mais condizentes às ilustrações a que se referem, revelando preocupação não somente ao detalhamento das peças de vestuário, dos acessórios e das matérias-primas que os compõem, mas também à moralidade implícita em cada *toilette*, “da cabeça aos pés”.

Por outro lado, ao analisar a ilustração divulgada na edição 11 (1855), como mostra a Figura 31, é possível observar a riqueza de detalhes que não foi comentada, confirmando que, apesar da descrição de elementos hierarquizados (vestidos, casaco e penteados), outros elementos de estilo foram desconsiderados.

Figura 31: Ilustração anexada n'O Jornal das Senhoras, no número 11, de 1855



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025).

Bloco temático 2: Traje para passeios

Para formar o segundo bloco temático, determinado por *toilettes de passeio*, foram contempladas as edições 37 e 42, de 1852, d'O *Jornal das Senhoras*.

- **Edição 37, de 1852:**

Na descrição impressa nesta edição, publicada no dia 12 de setembro de 1852, percebe-se a preocupação em detalhar as três personagens que estampam a gravura: duas mulheres e uma menina. Condizente à figura à direita da ilustração, é uma mulher vestida apropriadamente para um passeio, com um vestido de seda na cor palha, cuja saia possui em seu entorno três ornatos verdes, elaborados em disposição. Na parte superior, o corpo está “afogado”, termo usado habitualmente pelo jornal para descrever que a parte de cima do vestido está comprimida, contida, por uma peça extremamente justa como o corpete, que modelava a cintura, deixando-a fina.

Sobre o corpete, um mantelete-chale²⁷ de seda, na cor verde claro, com duas ordens de renda preta.

A primeira ordem superior está cosida ainda sobre a barra do mantelete, mas a segunda, que é a de renda mais larga, apenas é presa sobre o seu orlado para cair solta sobre o vestido e produzir o bello effeito da transparencia (O jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 37, 12 set. 1852, p. 82).

Na cabeça, um chapéu de palha de arroz, com duas faixas compridas e ornamentado com rendas pretas e flores do campo.

Referente à figura do meio, é uma menina de 12 anos, que, segundo *O Jornal das Senhoras*, está vestida adequadamente para a idade, à francesa. Compondo o seu traje, um vestido de seda riscado, na cor rosa, com decote e mangas curtas. Sob o vestido, um recatado *canezou*²⁸ branco, com mangas longas, colarinho *basquine* (estruturado) e punhos bordados.

Tendo por ultimo enfeite um cinto em chapa, que vem a ser, essa fita de veludo preto que vem das costas formar laços de duas pontas sobre os hombros, e d’ahi desce depois para fechar na cintura deixando fluctuar as suas duas longas pontas (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 37, 12 set. 1852, p. 82).

Por fim, a descrição publicada no periódico detalha que a mulher à esquerda da gravura está vestida com um “vestido de tafetá preto”, no entanto, a ilustração contradiz o texto, ao considerar que o vestido foi colorido de verde, como mostra a Figura VER. Continuando a análise do traje, a saia do vestido apresenta ornamentos com três fitas largas de chamalote, na cor rosa, pregadas até a barra. Parte superior “afogada”, com decote e com o mesmo ornato da saia.

²⁷ “[...] 3. Capa de mulher em tecido leve, curta, usada por cima do vestido, como enfeite ou agasalho” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 645).

²⁸ Peça de roupa curta usada para cobrir o busto, com ou sem mangas.

As mangas são arredondadas, com punhos largos e aplicações de fitas iguais às das partes supracitadas. Sob as mangas, renda *maline*, e, sob o vestido, uma “camisinha de caça com peito de pregas e uma golasinha desta renda” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 37, 12 set. 1852, p. 82). Ao dizer “caça”, o jornal faz referência à “cassa”, um tecido leve, de algodão ou linho.

Penteado de bandós ondeados com uma touquinha de blonde ornada de fitas e rosas de musgo, cobrindo apenas a trança até ao repartido transversal do cabelo, onde descança em fôrma de bico (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 37, 12 set. 1852, p. 82).

A seguir, a Figura 32 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

Figura 32: Ilustração anexada n’O Jornal das Senhoras, no número 37, de 1852



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025).

Nesta edição, por meio do discurso textual e imagético, pôde ser observado a inserção do vestuário infantil, inserido pela segunda vez n’*O Jornal das Senhoras*. A primeira impressão de uma ilustração com criança foi na edição 32, publicada no dia 8 de agosto de 1852. No entanto, não houve nenhuma descrição acerca da vestimenta infantil, apenas uma representação iconográfica.

Diante disso, afirma-se que a edição 37, de 1852, foi a primeira d’*O Jornal das Senhoras* a ser elaborada e divulgada com o conteúdo voltado às crianças, “como se ellas não tivessem tambem um cantinho reservado, e necessario, nas distincções e variações da moda” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 37, 12 set. 1852, p. 81). A partir dessa introdução, o periódico iniciou uma nova temática e, com satisfação, informou suas leitoras:

Para o anno que vem terei a satisfação de apresentar-vos algumas estampas que vos indiquem o seguimento e alterações do vestuario de meninas, e mais outros que no meu humilde entender penso ser de importante utilidade (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 37, 12 set. 1852, p. 82).

Nesta dissertação, o “anno que vem” se encontra no próximo bloco temático a ser analisado.

- **Edição 42, de 1852:**

A presente edição, publicada no dia 17 de outubro de 1852, foi divulgada com celebração pelo periódico, que pontuou:

Uma amazona a cavallo! bella, lindissima... oh! que estampa de primor!
[...] Com effeito, querida leitora, no Rio de Janeiro ainda nós não tivemos um figurino de tanta perfeição artistica; tende a bondade de miral-o, e concordareis que é um verdadeiro capricho parisiense coroadado do melhor successo.
[...] Como é lindo, como é fascinador esse trajar da gentil elegante sobre esse árdigo e soberbo castanho de fina raça, ufano de sua agradavel carga, alegre e obediente á mão da cavalleira que o dirige!
[...] Esta saia comprida, aquelle casaquinho deixando revelar um justo e bem talhado colette, aquelle engraçado chapéo, esse assentar um pouco de banda, quasi em pé... oh! dão-lhe uma deliciosa e inimitavel elegancia! (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 42, 17 out. 1852, p. 125).

O júbilo apresentado foi decorrente da gravura publicada nesta edição, a qual ilustra uma amazona, ou seja, uma mulher que anda a cavalo – é interessante destacar,



também, que a palavra “amazona” faz referência a uma “[...] saia longa e ampla usada por mulheres na montaria (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 78).

A personagem está vestindo uma saia de caxemira preta, cujo comprimento ultrapassa o padrão comum para a época, o qual se adequa à atividade que ela está praticando. Na lateral da saia, há um galão verde aplicado da cintura à barra, e, sobre o galão, pequenos botões sucessivos. Na parte superior do traje, um casaco de formato arredondado, enfeitado com as mesmas guarnições da saia. As mangas compridas foram denominadas pelo jornal como *à Mousquetaire*, com punhos adornados.

Sob o casaco, um “colette de cachemira côm de canna abotoado até acima – collarinho de cambraia mui degolado, e gravata em largo laço de setim preto. O chapéu é de finíssimo castor, côm de pó, ornado com duas plumas ondeantes da mesma côm” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 42, 17 out. 1852, p. 125). E, nas mãos, luvas brancas de canhão²⁹ inteiriço. A seguir, a Figura 33 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

²⁹ “[...] 3. Extremidade de algumas peças do vestuário, por exemplo, da manga, luva etc.” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 253).

Figura 33: Ilustração anexada n'O Jornal das Senhoras, no número 42, de 1852



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025).

A amazona foi retratada em um espaço aberto, de paisagem campestre. Além da mulher, os outros elementos visuais em evidência são: o cavalo, equipado com embocadura, rédeas, peitoral e um laço no rabo, todos na cor azul, e um homem, posicionado de pé, ao lado da amazona, indicando uma direção. No que confere o vestuário, afirma-se que a descrição elaborada pelo jornal corresponde claramente com a ilustração, portanto, o discurso textual e imagético desta edição são complementares. Nesse sentido, a iconografia de moda analisada revela um *toilette para passeios* mais intensos, indicando a possibilidade de um vestuário funcional e mobilidade feminina.

Bloco temático 3: Traje infantil

Para formar o terceiro bloco temático, determinado por *toilettes infantis*, foram contempladas as edições 14, de 1853, e 27, de 1855, d'O *Jornal das Senhoras*.

- **Edição 14, de 1853:**

A gravura anexada neste número, publicado no dia 3 de abril de 1853, deve ser observada através de uma perspectiva geral, ou seja, sem evidenciar nenhum plano, contam-se sete crianças e uma menina, ao considerar que “[...] a criança é criança, e como tal tratada, até os 10 annos; d’ahi aos 16 é menina; moça é só aos 20” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 37, 12 set. 1852, p. 82). Desses oito retratos, estão hierarquizados apenas cinco, cujas vestimentas foram detalhadamente ilustradas e coloridas. Permanecendo com um olhar menos analítico, nota-se que alguns trajes, apesar de serem infantis, não são convencionais e apresentam qualidades lúdicas e criativas.

Diante desta observação, afirma-se que a ilustração anexada na edição estudada é uma *estampa de fantasia*, que teve como inspiração os bailes de máscaras de crianças – no Brasil, referem-se ao carnaval, no entanto, também eram comuns na Europa, especialmente, em Paris e na Alemanha, segundo *O Jornal das Senhoras*. Portanto, em razão do *baile de crianças*, as figuras ilustradas na estampa analisada estão vestidas de acordo com a ocasião.

A primeira personagem estudada diz respeito à menina mais velha – característica determinada por sua altura diante das demais crianças –, à direita da ilustração. Ela está vestindo um vestido de tafetá branco, com dez folhos³⁰ franzidos. Na parte superior, um decote revestido de cambraia encrespada e mangas curtas e lisas. Caídas aos ombros, duas fitas largas na cor branca, presas à cintura, formando duas pontas compridas e talhadas. Do busto à cintura, três ramos de botões de rosa. Um penteado *a Stuart*, separado no alto da cabeça, com cachos espessos sobre os ombros, e enfeitado com rosa e folhagem. Nas mãos, luvas bege, com dois botões no canhão.

Na sequência, atrás da menina, um menino vestido com uma jaqueta verde e calça bege,

[...] cabelleira branca e corredia, que gravatão! Como está importante! Pois é um Incroyable, um elegante do tempo do antigo imperio: é sem tirar nem pôr um Dendi, um Leão, ou como quiserem chamar aos elegantes de hoje. Antigamente chamavão-se Incroyable, que quer dizer – incrível! Ora ahi tender a publica fôrma em miniatura

³⁰ Adorno pregueado ou franzido para vestidos, toalhas, colchas” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 468).

dos Incriveis d'aquelle tempo (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 14, 3 abr. 1853, p. 106).

O menino está com uma indumentária clássica do dandismo: aparência sóbria, tecido liso, casaco e calça com corte reto e silhueta justa/alongada, e uma gola exageradamente alta, estruturada por um *plastrom*, o qual contornava o pescoço e era preso em nó ou laço na frente (Laver, 1989). À frente do *Incroyable*, uma menina trajando um vestido rosa claro, definido pelo jornal como um vestuário “totalmente fantasia moderna”. A saia rodada do vestido tem o comprimento reduzido, devido à idade, deixando em evidência seus pés, calçados com sapatos rosa. Logo abaixo do meio da saia, guarnições florais em preto. Na parte superior, um colete rosa, com ornatos pretos, mangas curtas e um decote canoa. Na cabeça, o cabelo está dividido ao meio, preso por dois laços rosa. Nas mãos, luvas bege.

Na ilustração, à esquerda da menina de vestido rosa, a última menina analisada. Ela está *a character*, com um vestido marrom, cuja saia está enfeitada com dois galões estreitos próximos à barra. Em torno das alças, um franzido, e, sob o vestido, uma cambraia com mangas longas. Na cabeça, um acessório elaborado com uma renda estruturada, presa a uma base circular amarela e preta, da qual caem duas tranças excessivamente compridas, que, apesar do efeito natural, pressupõe-se que sejam uma peruca fixada ao adorno de cabeça. A menina está usando meias compridas azuis e um sapato preto. Por fim, sentado à direita da ilustração, uma criança, que, de acordo com *O Jornal das Senhoras*, está vestida com trajes que simbolizam a cultura dos *osmanlis* – membros do Império Otomano. A seguir, a Figura 34 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

Figura 34: Ilustração anexada n' O Jornal das Senhoras, no número 14, de 1853



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025).

A ilustração confere um ambiente interno e privado, mais especificamente, um cômodo onde as crianças estão se alimentando, separado do *baile de crianças*. Considera-se essa hipótese, ao observar que, atrás das personagens, há uma porta aberta revelando mais crianças e um fundo bem decorado, com cortinas altas e um lustre de cristal. Condizente a relação entre a descrição da estampa e a ilustração, afirma-se que a edição publicada sem um dos discursos (textual e imagético) não seria inteligível, visto que, para que se compreenda a iconografia, deve-se desfrutar do recurso textual descritivo, bem como o contrário.

Deve-se ressaltar que a presente edição foi selecionada, devido a dois fatores de destaque, nomeadamente. O primeiro, refere-se à variedade de peças de vestuário distintas do “habitual” para o período estudado. Apesar de ser uma *estampa de fantasia*,

é notório o aumento do repertório cultural em decorrência da ilustração de trajes históricos e dos costumes socioculturais da época. Neste último caso, enfatiza-se a celebração do carnaval, que, embora o jornal estivesse escrevendo para um leitorado brasileiro, a sugestão de vestimentas tinha como parâmetro culturas estrangeiras, especialmente, a francesa e a inglesa.

O segundo fator tem relação com a sincronia entre discursos textuais. A edição em questão (14), publicada em 3 de abril de 1853, dialoga com a edição 5, publicada no dia 30 de janeiro de 1853. Esse diálogo está presente na articulação entre as temáticas das colunas “Modas” de cada número, ao discorrerem acerca de *figurinos de costume* para o carnaval, chamado, também, de *baile de crianças*. A edição 5 faz menção ao carnaval da seguinte maneira:

Roda emfim o risonho Carnaval nas influencias de suas vesporas [...]. As nossas primeiras modistas tambem empregão actualmente todo o seu chique artistico no talhe de costumes antigos, nos saiotes, peitilhos, mantéos e dominós, para as elegantes do bom tom fluminense, que pretendem desta vez pregar uma surpresa... (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 5, 30 jan. 1853, p. 33).

O jornal anexou, também, na edição 5, uma estampa de *baile de fantasia*. Em comunhão com a temática mencionada, a edição 14, como visto anteriormente, permaneceu dando visibilidade ao contexto do costume festivo, citando:

Em o n. 5 deste Jornal, não sei se estais certa, já falei á cerca destes bailes, e se me não engano expendi o meu parecer em favor deste divertimento de tanta alegria para os meninos, e tão util ás vantagens de sua educação e aos seus futuros habitos de viver em sociedade [...] Já sabeis que estas crianças são crianças até mui tarde, por esta razão que as educa e as encaminha gradualmente aos gosos da sociedade segundo o numero de annos que vai tendo cada uma (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 14, 3 abr. 1853, p. 105).

Diante do exposto, observa-se que o periódico, enquanto jornal, preocupava-se em manter uma sequência conexa entre o conteúdo de cada edição, tanto textual como imagético.

- **Edição 27, de 1855:**

A estampa da presente edição, publicada no dia 8 de julho de 1855, apresenta três vestuários: de jantar, de uma jovem e de uma menina. A análise percorreu apenas o traje da menina, a fim de respeitar a temática do bloco em questão. Nesse sentido, a personagem está trajando uma

Vestido de tafetá guarnecido de fitas do mesmo porém de côr viva, corpinho decotado abrindo adiante em coração até a cintura, suspensorios da mesma fazenda com fita côr de rosa a qual também orna as duas saias, e um laço Inglez na cinta, deixando cahir duas pontas, que se afastão até o nivel da primeira saia (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 27, 8 jul. 1855, p. 210).

Figura 35: Ilustração anexada n' O Jornal das Senhoras, no número 27, de 1855



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025).

Condizente ao estudo da ilustração, as personagens que integram a cena estão igualmente hierarquizadas, bem como a boneca. Apesar de não haver muitos elementos visuais compondo o ambiente em que elas estão, percebe-se que é um ambiente interno e privado, ao considerar o sutil desenho de uma cortina ao fundo. Ademais, é interessante destacar a boneca que está sendo segurada pela mulher com vestido verde.

Apesar da ilustração fazer com que o observador associe naturalmente a boneca apenas como um brinquedo da criança, é possível remetê-la a outra perspectiva. Entre os séculos XVII e XVIII, circulavam “[...] frágeis manequins, feitos de cera, madeira ou porcelana” (Roche, 2007, p. 477), caracterizados por Roche (2007) como sendo “verdadeiras filhas da moda” ou bonecas Pandora, devido ao fato de serem vestidas conforme a estação. Mas o que isso significa?

O autor as associou como intercambistas de notícias de moda, visto que as mulheres começaram a pedir às modistas, por exemplo, que produzissem modelos de roupas semelhantes aos usados pelas “bonecas de moda”. Em concordância, Viana, Italiano, Bastos e Araújo (2021, p. 30) acrescentam que, especialmente, no século XIX, “[...] as bonecas ficaram muito ligadas à criação de trajes de moda e de aprendizagem de hábitos sociais”.

Nesse sentido, a boneca ilustrada nesta edição pode ser interpretada como sendo uma boneca Pandora, atuando como uma fonte atrativa voltada ao consumo de moda das mulheres brasileiras do Oitocentos. Apesar da possibilidade, não foi encontrado nenhum registro dessa informação n’*O Jornal das Senhoras*, ou no *Le Moniteur de la Mode* – de onde *O Jornal das Senhoras* retirava as referências de moda.

Por fim, no que confere o discurso textual, afirma-se que o traje foi pouco detalhado, especialmente acerca das matérias-primas que o constitui.

Bloco temático 4: Traje para uso doméstico

Para formar o quarto bloco temático, determinado por *toilettes de uso doméstico*, foram contempladas as edições 45, de 1852, e 49, de 1855, d’*O Jornal das Senhoras*.

- **Edição 45, de 1852:**

A estampa desta edição, publicada no dia 7 de novembro de 1852, ilustra um *toilette de receber visitas de cerimonia*. Sentada à direita da ilustração, a mulher está trajando um vestido de tafetá verde claro, guarnecido de duas ordens de larga renda *guipure*.

Estas guarnições não são pregadas pela ourela da renda, mas sim deixando-se-lhes a largura de duas pollegadas ao lado de cima para formar um crespo em pé, preso na saia por pontos passado aqui e ali, para não abater. Por cima do pregado deste crespo e o franzido do resto da renda, passa uma fita verde estreita formada em lacinhos iguaes e successivos (farfadets) que circulão as duas ordens de folhos (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 45, 7 nov. 1852, p. 146).

Na parte superior, um canezou justo, de *basquine*³¹ da mesma renda dos folhos. Sobre o *basquine*, um colete fechado até o pescoço, com efeito decorado por três pequenos laços de fita chamados *farfadets*. As mangas do vestido são curtas e feitas com o mesmo tafetá. Abaixo das mangas, meias mangas de filó volumosas, com punhos de *guipure* largos e soltos. Na cabeça, *O Jornal das Senhoras* descreveu:

Penteado de bandós ondeados simulando canudos de cabelo transversaes, e uma touca, bem sobre a trança, de renda de ponto de Inglaterra, ornada de pequenos folhos da mesma renda, e de cada lado um laço de pontas cahidas de fita côr de rosa (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 45, 7 nov. 1852, p. 146).

Condizente ao traje infantil, a vestimenta, inteira branca, é composta por um vestido de cachemira, com um decote canoa e fechado à frente por 14 botões. A saia do vestido está pregueada e o efeito percorre por toda a sua extensão. Sobre o vestido, uma espécie de casaco encorpado da mesma fazenda, com acabamento elaborado por galões ondulados, que adornam o fechamento do casaco e os punhos das mangas, que são curtas. O vestido deixa à mostra as pernas, apenas do joelho para baixo, onde é possível observar meias de cano alto e sapatos enfeitados com pequenas fitas. Na cabeça, um chapéu de palha, com aba virada para cima à direita da criança.

Acerca da mulher que está de pé, *O Jornal das Senhoras* não descreveu suas vestes, alegando:

Eis vestidinha a pequena criatura que mais tarde será moça; por detraz della está a cudadosa criada, que a acompanha toda cheia de receios que no cambaleiar dos passos não cáia a menina.... Vós dispensais que eu lhe descreva o traje, sim? Mas o rosto! que semblante sympathico que ella tem (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 45, 7 nov. 1852, p. 146).

A seguir, a Figura 36 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

³¹ “[...] um tipo de espartilho que as mulheres usavam sobre a camisa” (A cyclopaedia of costume, 1879, p. 159).



Figura 36: Ilustração anexada n'O *Jornal das Senhoras*, no número 45, de 1852



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025)

Como analisado, a estampa apresenta três personagens, das quais apenas duas tiveram as suas vestimentas descritas. A mulher que está sentada é, supostamente, a mãe da criança, e, como afirmado pelo periódico, a mulher que está de pé, está a serviço dessa mãe, ajudando a cuidar de seu filho. Esta “criada”, apesar de mencionada no texto e ilustrada na gravura, não foi pormenorizada no discurso textual do jornal – mesmo que suas vestes fossem bem ornamentadas, sendo este mais um indício de que a família para a qual ela trabalha é de origem nobre.

A omissão da descrição de sua vestimenta pode indicar duas realidades: a primeira, que *O Jornal das Senhoras* não tinha interesse em ultrapassar o essencial para as suas leitoras, escrevendo direta e unicamente para elas e, no máximo, para as suas crianças. Ademais, pondera-se, também, que o periódico tinha uma tendência natural em

apresentar temáticas de moda voltadas, substancialmente, a trajes elegantes de uso social, mesmo que fossem para uso doméstico, como é o caso das análises deste bloco temático.

Nesse sentido, a função da estampa analisada, bem como do texto que a descreve, pode ser resumida pelas palavras de Laver (1989, p. 172), que diz: “uma das finalidades da roupa é (ou talvez devêssemos dizer, era) mostrar que quem a usa tem alto *status* social e pode contratar um séquito de criados”. A referida citação é confirmada n’*O Jornal das Senhoras*, ao ilustrar as vestes de uma “criada” e suprimir a sua descrição.

A segunda realidade pode estar associada à história social do Brasil e da França, que, no período, eram diferentes. Como *O Jornal das Senhoras* retirava seus conteúdos de moda do *Le Moniteur de la Mode*, a ilustração da “criada” não condiz com a realidade vivida pelo Brasil, com africanas escravizadas com vestimentas díspares às representadas na estampa.

No que concerne a ambientação em que as figuras se encontram, é um local externo à casa, arborizado, simbolizando, possivelmente, um jardim. Diante do exposto, afirma-se que o discurso textual não está completamente de acordo com o discurso imagético. Haja vista que o traje da “criada” não foi dissertado e a sua falta não justificada.

- **Edição 49, de 1855:**

“Os vestidos com grande romeira³², são mui commodos para *negligé* de interior ou de manhã” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 49, 9 dez. 1855, p. 385). Com base nesta passagem, direciona-se a análise desta edição – publicada no dia 9 de dezembro de 1855 –, cuja “Descrição da Estampa” faz menção direta ao *negligé de casa no campo* – *negligé* era o nome dado às vestes para serem usadas no espaço do lar/doméstico.

Diante disso, referente à mulher à esquerda da ilustração, ela está usando um

vestido debaixo de tafetá branco; corpinho decotado; mangas curtas. Camisola Luiz XV, de mousseline branca, com semeado e festões côr de rosa, mui ampla, formando grandes pregas, que cahem adiante e atraz, a partir da costura da espadua, guarnecida em cima de um collarinho chato, terminado por um folho franzido. [...] Sobre a saia, um grande folho (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 49, 9 dez. 1855, p. 386).

A manga do vestido é enfeitada por um entufado, dois folhos e um laço de fita cor de rosa sobre o entufado. Na cabeça, um chapéu de tafetá arredondado, nas cores branco e rosa e guarnecido de musseline, formando uma transparência. Nas laterais do chapéu,

³² “2. Espécie de mantelete muito curto” (Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse, 2007, p. 899).

duas abas largas, na cor rosa. Nas mãos, luvas curtas e, nos pulsos, pulseiras grossas. Na mão esquerda, está segurando um binóculo pequeno.

A mulher à direita da ilustração está trajando uma “[...] vasquinha em tafetá preto, meia decotada atrás, aberta adiante até á cintura, [...] mui justa no corpo, contornando bem as cadeiras, terminada por um folho e ornada de rendas pretas, e franjado em anéis (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 49, 9 dez. 1855, p. 386). Uma renda branca dobrada forma a gola. O vestido é de tafetá branco e estampado com desenhos e listas na cor violeta. A seguir, a Figura 37 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

Figura 37: Ilustração anexada n’O Jornal das Senhoras, no número 49, de 1855



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025)

A cena em que as personagens foram retratadas, configura um lugar aberto, com paisagem natural. Além da vegetação, é possível observar, ao fundo, uma espécie de lago, com um pequeno barco. Nesse sentido, a ambientação condiz com a descrição da estampa, que apresenta *toilettes* próprios para serem usados em uma casa no campo. Portanto, o discurso textual e imagético desta edição apenas ilustrou e projetou possibilidades de *negligés* ao leitorado feminino.

Bloco temático 5: Traje matrimonial

Para formar o quinto e último bloco temático, determinado por *toilettes* matrimoniais, foram contempladas as edições 1 e 7, de 1853, d'O *Jornal das Senhoras*.

- **Edição 1, de 1853:**

A presente edição, publicada em 1º de janeiro de 1853, inicia o ano de 1853 n'O *Jornal das Senhoras*, com um *figurino de noiva*, temática escolhida pelo jornal por duas razões:

A primeira: por estarmos na época dos muitos casamentos na nossa terra, e nos haverem requerido as noivas um figurino também para si. A segunda: porque é o primeiro do anno, e segundo as antigas tradições, o que se dá no dia de Anno Bom progride, floresce ou realisa-se por todo o anno (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 1, 1 jan. 1853, p. 2).

Deve-se ressaltar que, apesar da estampa conter duas personagens, analisou-se apenas a mulher vestida de noiva, a fim de honrar a temática do bloco. Sendo assim, o traje matrimonial ilustrado consiste em um vestuário inteiramente branco, cujo vestido é liso, com aplicações em veludo na barra. “Esta barra é de um trabalho admiravel; consiste em uma delicada guarnição de folhos e caixinhos de uvas abertos e talhados em veludo” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 1, 1 jan. 1853, p. 2).

A parte superior do vestido faz com que o corpo fique extremamente “afogado”. Na parte do colo, há uma abertura em renda estreita, evidenciando uma peça interior justa e bordada. As mangas são compridas e largas, divididas em seis “focos” progressivos. Os punhos são altos, lisos, afunilados e presos por dois botões de pérolas. O enfeite de maior destaque do vestido é formado por duas fitas largas de chamalote, as quais contornam os ombros e são presas por um cinto, do qual se estendem duas pontas volantes.

Nas laterais da fita, foram aplicadas rendas, com uma largura de dois dedos, e, no meio do cinto, um ramo de noivado, composto por uma rosa, cujos botões são circulados por flores de laranja.

O véo é de filó liso, pregado por igual em o meio circulado da grinalda, ara cahir direito até abaixo da barra do vestido. – A grinalda, ou antes, a corôa é de rosas orvalhadas de flôres de laranja, ella descança bem no meio da cabeça deixando ficar á parte o amarrado da trança, a qual fórma em caracól acompanhando o penteado de bandós de cabellos symetricamente ondeados para simular canudos (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 1, 1 jan. 1853, p. 3).

Por fim, nas mãos, luvas curtas, um lenço de “ponto de Inglaterra” e um “livro de missa”. A seguir, a Figura 38 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

Figura 38: Ilustração anexada n’O Jornal das Senhoras, no número 1, de 1853



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025)

A ilustração retrata um ambiente privado, possivelmente, no interior de uma igreja, ao considerar que, ao fundo, há um grande livro aberto, podendo ser associado à Bíblia. Além disso, à mão da noiva, há um “livro de missa”, como mencionado pelo jornal ao descrever a estampa. Este objeto, em conjunto com o ambiente e o traje matrimonial, simbolizam crença, religiosidade e decoro.

A religiosidade é percebida ao observar que as personagens foram representadas em um espaço religioso, indicando comportamento social e prática religiosa, especialmente, por se tratar de uma celebração matrimonial. A crença pode ser observada, ao analisar a ilustração do “livro de missa”, bem como da suposta Bíblia, os quais designam fé e orientação religiosa. Por fim, “o *toilette* de noiva” pode ser associado ao decoro, visualizado no corpo escondido pelas fazendas, orientando as leitoras às normas sociais, aos valores culturais e ao bom tom/costume.

- **Edição 7, de 1853:**

Publicada no dia 13 de fevereiro de 1853, a edição 7 ilustra duas mulheres, uma com um traje de noiva e a outra com um *toilette* de passeio. No entanto, assim como a análise do número anterior se limitou somente ao traje matrimonial, fez-se da mesma maneira com a análise desta edição, a fim de cumprir com a temática do presente bloco. Diante disso, o “*toilette* de noiva”, plenamente branco, é composto por um vestido de seda lisa, cuja saia está enfeitada com uma guarnição que, segundo *O Jornal das Senhoras*, causa uma ilusão, fazendo com que pareça haver duas saias, a primeira aberta e a segunda ornada de seis folhos – no entanto, esses seis folhos, são uma guarnição.

Essa guarnição consiste em:

[...] dois revezos de renda de ponto de Inglaterra dispostos a modo de avental, pregados na saia e voltados para os lados, onde são apenas presos com alguns pontos de distancia em distancia – De um a outro revezo passam seis pequenos folhos cada um composto de tres ordens de renda estreita, uma sobre a outra, os quaes são fixados nos mesmos revezos com laços iguaes de fita branca que vão diminuindo de tamanho até á cintura (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 7, 13 fev. 1853, p. 53).

Na parte superior, o corpo “afogado” tem o mesmo estilo da saia, parece haver outra peça por baixo, no entanto, a mesma guarnição que enfeita a saia, enfeita a parte de cima, “[...] com dois revezos e folhos de renda, notando-se unicamente a diferença nos tres laços de fita, os quaes são em meio do corpinho” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de



Janeiro, n. 7, 13 fev. 1853, p. 53). O pescoço é coberto por uma “camisinha de afogadilho em roquete”.

Na cintura, um ramo nupcial de rosas brancas e flores de laranja. O vestido é composto por dois tipos de mangas. As mangas sobrepostas são curtas, largas e abertas, enfeitadas com laço e renda. Sob as mangas curtas, mangas justas e compridas, com punho rendado. Nas mãos, luvas finas, um “livro de missa” e um lenço de renda. Na cabeça, um “[...] penteado de bandós fortemente ondeados, um pouco encobertos pelo véo, o qual é collocado quase em começo da divisão dos bandós e envolve toda a cabeça, deixando apenas aparecerem os dois ramos de rosas brancas e flores de laranja” (*O Jornal das Senhoras*, Rio de Janeiro, n. 7, 13 fev. 1853, p. 53). A seguir, a Figura 39 representa a ilustração cuja descrição do presente tópico faz referência:

Figura 39: Ilustração anexada n’*O Jornal das Senhoras*, no número 7, de 1853



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil (2025)

A explicação de alguns dos símbolos analisados na gravura anterior (edição 1) pode ser reaproveitada nesta edição, concernente à crença e ao decoro, visto que a noiva está segurando um “livro de missa” e seu traje oculta o corpo. No entanto, a religiosidade não pode ser equiparada com a mesma certeza que se tem no número 1, uma vez que as personagens do presente número estão em um ambiente interno sem nenhuma referência religiosa, que confirme ser uma igreja – possibilitando supor que a cena representada pode estar retratando o “antes” ou o “depois” da cerimônia matrimonial.

Nesta incerteza, considerou-se que a ilustração está simbolizando o momento anterior à celebração do casamento, devido ao fato de a noiva ainda estar vestida sem nenhuma parte do corpo à mostra. Essa suposição está ligada à afirmação feita pelo *O Jornal das Senhoras*, na edição 23, publicada no dia 6 de junho de 1852, que diz:

[...] a moda entendeu que a noiva de bom tom deve estrear dois vestidos no dia do seu desposorio – um com que vai á igreja, e outro com que assiste ao jantar, sendo o primeiro afogado e de mangas semi-compridas; e o segundo decotado com mangas curtas; ao passo que o véo e a grinalda acompanhão-na em ambos os toilettes até o fim desse dia tão venturoso (O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 23, 6 jun. 1852, p. 177).

Diante do exposto, é correto afirmar que há uma sincronia entre os discursos textuais e imagéticos das edições que contemplam o bloco temático “traje matrimonial”, bem como uma sincronia textual entre as duas edições analisadas e a edição 23, de 1852, de onde foi retirada a citação supracitada.

Por fim, para finalizar as análises dos blocos temáticos, pontua-se que *O Jornal das Senhoras* foi um dos principais provedores de conteúdo de moda da segunda metade do século XIX no Brasil – período com maior número de periódicos femininos sendo desenvolvidos e veiculados –, com colunas especializadas em moda sendo impressas com regularidade.



Jules Ward **CAPÍTULO IV** *Lamoureux Imp.* *Rudley*



RESULTADOS E DISCUSSÃO

A elaboração desta seção teve como fundamento as principais descobertas provenientes da aplicação da metodologia sobre a fonte primordial desta dissertação, o periódico carioca *O Jornal das Senhoras*. À luz deste conjunto documental, estabeleceu-se a proposta metodológica com base em duas diretrizes: a primeira, atrelada à exploração da materialidade do jornal oitocentista, respaldada nos critérios desenvolvidos por Cruz e Peixoto (2009); e a segunda, vinculada ao método dos blocos temáticos de análise, proposto por Figueiredo (2015) e adaptado para esta pesquisa. Em seguida, os dados encontrados foram apresentados sequencialmente, respeitando os procedimentos metodológicos previamente determinados.

- **Materialidade d’*O Jornal das Senhoras***

Ao longo de sua história, *O Jornal das Senhoras* foi detentor de três redatoras chefes, Joanna Paula Manso de Noronha, Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco, e Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves. Para melhor identifica-las, enquanto membras d’*O Jornal das Senhoras*, o Quadro 6 apresenta o tempo em que cada uma atuou como diretora e as suas correntes de pensamento, ou seja, se mantinham o periódico com um viés mais ou menos feminista.

Quadro 6: Redatoras chefes d’*O Jornal das Senhoras*

Redatora chefe	Período de atuação	Permanência	Corrente de pensamento
Joanna Paula Manso de Noronha	1º de janeiro de 1852 a 27 de junho de 1852	6 meses	De cunho mais feminista, discutindo e defendendo a emancipação moral da mulher e a educação feminina.
Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco	4 de julho de 1852 a 5 de junho de 1853	11 meses	De cunho feminista, mas menos incisivo, valorizando a intelectualidade feminina.
Gervázia Nunezia Pires dos Santos Neves	12 de junho de 1853 a 30 de dezembro de 1855	2 anos e 6 meses	De cunho menos feminista, elaborando discursos menos politizados, com abordagens mais neutras e tradicionais.

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

À vista do exposto, ao atuarem em uma posição de destaque na imprensa periódica oitocentista como as “senhoras do jornal”, as três redatoras chefes foram responsáveis por romper com paradigmas socioculturais e veicular um jornal com propostas feministas. Apesar do pouco tempo que tiveram, elas conquistaram autonomia editorial – como visto, ao discorrer acerca da Typographia do *Jornal das Senhoras* – e tiveram liberdade para escolher as pautas que seriam impressas. Promoveram entretenimento e educação para a emancipação moral da mulher e escreveram com muita classe, destreza e desenvoltura, qualidades que, ao ler seus textos, em certos momentos, fazem com que o leitor sinta que está lendo um diário. Apresentaram-se como mulheres ilustradas e intelectuais, foram figuras ativas na construção de uma identidade feminina que já não podia mais ser reprimida, e, de várias formas, estimularam a alfabetização feminina.

Essas três intelectuais fizeram história na imprensa feminina brasileira e as suas próprias histórias confirmam o que Mary del Priore (2020, p. 232-233) disse em seu livro *Sobreviventes e guerreiras: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000*: “A mulher dona do próprio nariz sempre existiu. [...] Com a Independência do Brasil, nossas antepassadas se multiplicaram em primeiras ‘mestras de letras’ e pequenas e grandes comerciantes”.

Nesse sentido, consoante à identificação da herança jornalística deixada pelas redatoras, o Quadro 7 apresenta as principais características que constituíram *O Jornal das Senhoras*:

Quadro 7: Principais informações que permearam à atmosfera d’*O Jornal das Senhoras*

<i>O Jornal das Senhoras</i> (1852-1855)	
Período de veiculação	De 1º de janeiro de 1852 a 30 de dezembro de 1855.
Linha editorial	Caráter feminista voltado à formação intelectual das mulheres, com base em um projeto pedagógico com temáticas emancipatórias.
Periodicidade	Semanal, veiculado aos domingos.
Natureza editorial	Jornal.
Público leitor	Mulheres.
Área de repercussão	Corte Imperial do Rio de Janeiro e nas províncias.
Temas das seções	Moda, Literatura, Arte, Teatro, Música e Crítica (somente até a edição 40, publicada em 2 de outubro de 1853).
Vendas	Assinatura.



<i>O Jornal das Senhoras (1852-1855)</i>	
Articulação	Voltada para o futuro.
Principal recurso visual	Tipografia.
Medidas das páginas	27 x 19 cm.
Ilustrador	Jean-Baptiste David.
Principal referência	<i>Le Moniteur de la Mode</i> .

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Além de ter a sua consagração histórica estabelecida pelo fato de não ter sido um jornal voltado unicamente a assuntos recreativos, com pautas que refletiam questões sociais, *O Jornal das Senhoras* é considerado o primeiro periódico brasileiro dirigido e redigido por mulheres do qual se tem conhecimento. Essa circunstância deve ser aclamada, ao considerar que, até a fundação do jornal, todos os impressos que o precederam eram dirigidos e redigidos por homens que se destinavam ao sexo feminino (Silva, 2019). Portanto, ao visualizar uma linha do tempo que delimite a história da imprensa brasileira, *O Jornal das Senhoras* deve ser o principal marco que situe o início da imprensa feminina no Brasil.

Condizente ao escopo do periódico, eram temas que, supostamente, poderiam despertar o interesse do leitorado feminino. Acredita-se que, para que o jornal não fosse “agressivamente” político e pedagógico, visto que este era um dos principais objetivos da sua materialização, foram embutidas as seções “Modas”, “Theatro” e “Bellas-Artes”, por exemplo. No entanto, no que concerne à “Modas”, apesar de ser informativo e visualmente muito atraente, devido à anexação de estampas coloridas, havia, também, questões moralizantes introduzidas nas entrelinhas de cada gravura, bem como nas linhas das descrições das vestimentas, mas essa discussão foi desenvolvida mais adiante.

O Jornal das Senhoras não foi um jornal democrático, mas elitizado. Somado ao seu valor comercial, considerado alto, ao ser comparado com outros periódicos do mesmo período, as próprias seções e seus conteúdos documentam esse fato. Nas seções “Modas” e “Theatro”, essa observação é ainda mais evidente, visto que os conteúdos elaborados eram adereçados às mulheres mais abastadas, pertencentes à classe aristocrática, uma vez que eram essas mulheres que tinham recursos suficientes para vivenciarem atividades e eventos sociais de maior requinte (Silva, 2019). Nesse sentido, a área de repercussão do jornal era decorrente do seu público leitor e, conseqüentemente, os assuntos abordados refletiam a realidade que o permeava.

Deve-se destacar, também, que, apesar de serem mulheres com melhores condições sociais, a maioria delas não tinha escolaridade. No entanto, foi no cenário do

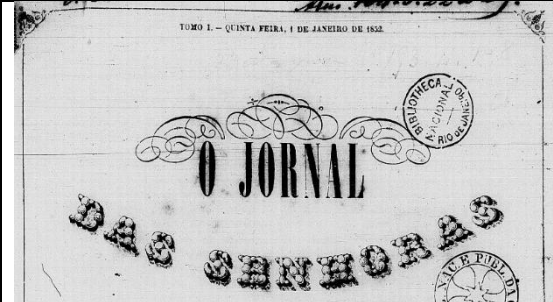
século XIX que as mulheres foram se tornando leitoras e “o grande destaque, nesse sentido, é, sem dúvida, o surgimento e a consolidação de gêneros literários tidos como predominantemente femininos” (Silva, 2019, p. 99). *O Jornal das Senhoras* atuou no desenvolvimento intelectual dos grupos femininos, contribuindo com iniciativas voltadas à consideração da mulher enquanto ser pertencente da sociedade.

A definição do público pode ser justificada com base na origem da fundadora d’*O Jornal das Senhoras*, Joanna Manso – oriunda de uma família letrada e integrante da alta sociedade, bem como as suas sucessoras –, questões que exerceram influência em vários aspectos do periódico, especialmente, os estruturais. Diante disso, acredita-se que o pertencimento à elite seja uma das razões pelas quais o periódico francês *Le Moniteur de la Mode* tenha sido o principal corpus documental de referência para as redatoras chefes do jornal carioca.

Em primeiro lugar, porque é notório que uma quantia considerável de dinheiro tenha sido investida para que fosse possível manter contato com um correspondente que estava fora do país, responsável por estabelecer trocas de informações e recursos tão rapidamente – haja vista que havia uma necessidade imprescindível de imprimir conteúdos de moda da época com regularidade, a fim de manter sempre atualizadas as seções de “Modas” (Assunção; Italiano, 2018), o que era um desafio para a equipe editorial, visto que o jornal era de periodicidade semanal. O segundo ponto está relacionado à referida moda propagada pelo *O Jornal das Senhoras*, delimitada por trajes de influência francesa, exclusivo das classes mais abastadas.

Por outro lado, condizente ao título do periódico, o Quadro 8 apresenta a rápida e sutil mudança que houve ao retirar o artigo “O” de “*O Jornal das Senhoras*”. Embora seja um detalhe mínimo, foi verificado.

Quadro 8: Mudança no título

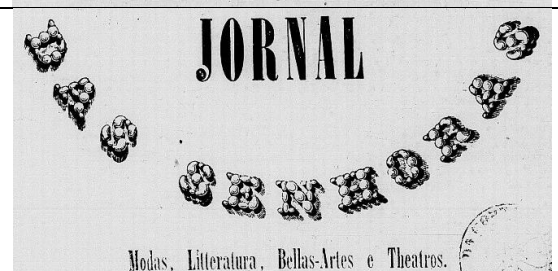
Título	Tempo de permanência do título
	De 1º de janeiro de 1852 a 27 de fevereiro de 1853.

Título	Tempo de permanência do título
	De 6 de março de 1853 a 30 de dezembro de 1855.

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

Como mencionado anteriormente, essa mudança pode ter sido decorrente da decisão de tornar o título do jornal um nome próprio, sem que houvesse a necessidade de imprimir o artigo “O”. Por outro lado, referente ao subtítulo do periódico, o Quadro 9 faz referência aos três textos identificados:

Quadro 9: Mudanças no subtítulo

Subtítulo	Tempo de permanência do subtítulo
	De 1º de janeiro de 1852 a 26 de dezembro de 1852.
	De 1º de janeiro de 1853 a 25 de dezembro de 1853.
	De 1º de janeiro de 1854 a 30 de dezembro de 1855.

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Com base nas informações do Quadro 9, percebe-se que, após a saída de Joanna, as novas redatoras passaram a divulgar propostas menos eloquentes, referentes aos posicionamentos críticos da argentina feminista. Violante Ximenes foi a primeira a retirar

a palavra “Crítica” do subtítulo do jornal, mas foi Gervázia Nunezia quem manteve essa reforma. Adicionalmente, seis meses após Gervázia assumir a direção do jornal, a escritora introduziu ao subtítulo o texto “*Jornal da boa companhia*”, reforçando o pressuposto de que, durante o seu protagonismo, pautas políticas foram ofuscadas por propostas mais tradicionais. Nessa mesma linha de comparação, como mostra o Quadro 10, foi com Gervázia que *O Jornal das Senhoras* conquistou a sua própria tipografia, embora tenha sido uma realização resultante do trabalho exercido por todas as redatoras chefes.

Quadro 10: Tipografias em que *O Jornal das Senhoras* fora impresso

Tipografias	Permanência d’ <i>O Jornal das Senhoras</i> em cada tipografia
Typographia Parisiense	De 1º de janeiro de 1852 a 29 de fevereiro de 1852.
Typographia de Santos e Silva Junior	De 7 de março de 1852 a 17 de outubro de 1852.
Typographia do <i>Jornal das Senhoras</i> , de Santos & Silva Jnr.	De 24 de outubro de 1852 a 27 de fevereiro de 1853.
Typographia do <i>Jornal das Senhoras</i> de G. Leuzinger	De 6 de março de 1853 (a tipografia em questão foi impressa nesta nomenclatura somente no número desta data).
Typographia do <i>Jornal das Senhoras</i>	De 13 de março de 1853 a 30 de dezembro de 1855.

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

Referente às páginas do jornal, o Quadro 11 esclarece a sua organização, a qual era delimitada por tomos, os quais regiam a ordem das páginas.

Quadro 11: Organização das páginas d’*O Jornal das Senhoras*

Tomo	Tempo de duração	Edições contempladas/tomo	Páginas contempladas/tomo
I	De 1º de janeiro de 1852 a 27 de junho de 1852.	1-26	1-215
II	De 4 de julho de 1852 a 26 de dezembro de 1852.	27-52	1-212
III	De 1º de janeiro de 1853 a 26 de junho de 1853.	1-26	1-208
IV	De 5 de julho de 1853 a 25 de dezembro de 1853.	27-52	209-416
V	De 1º de janeiro de 1854 a 25 de junho de 1854.	1-26	1-208

Tomo	Tempo de duração	Edições contempladas/tomo	Páginas contempladas/tomo
VI	De 2 de julho de 1854 a 31 de dezembro de 1854.	27-53	209-424
VII	De 7 de janeiro de 1855 a 5 de agosto de 1855.	1-31	1-248
VIII	De 12 de agosto de 1855 a 30 de dezembro de 1855.	32-52	249-416

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

Consoante ao Quadro 11, afirma-se que *O Jornal das Senhoras*, com suas 209 edições com cerca de oito páginas por número, promoveu a divisão do periódico de maneira muito bem articulada. Com oito tomos, dos quais os tomos I e VI apresentam o maior número de páginas impressas por edição, e o tomo VIII o menor número. Referente ao projeto gráfico do periódico, sabe-se que era um jornal com uma diagramação refinada, com estimados recursos visuais, tornando *O Jornal das Senhoras* um conjunto documental rico em repertório de tipos ornamentados. Somado aos tipos, estão as ilustrações de moda, que, como mencionado anteriormente, tinham como autor Jean-Baptiste David, que assinava como Jules David. Nesta perspectiva, deve-se elucidar, também, a origem das imagens antes de serem anexadas ao periódico.

Como fora estudado, o periódico francês *Le Moniteur de la Mode* era a principal referência de informações de moda para *O Jornal das Senhoras*, de onde eram retiradas as estampas, bem como as suas descrições. No entanto, até o presente momento, não havia sido elucidado se essas mesmas imagens vinham para serem impressas no Brasil ou se vinham impressas da França. Nesta busca, foram encontradas evidências que confirmaram que as gravuras chegavam ao país para serem copiadas e, então, publicadas. Tais evidências estão dispostas no Quadro 12, o qual apresenta três delas.

Quadro 12: Evidências da origem das ilustrações d'*O Jornal das Senhoras*

Evidência	Data de publicação	Edição	Página
“Queridas leitoras, não é um figurino antigo; porque esse jôgo não se pode ligar ao character do <i>Jornal das Senhoras</i> , [...] desde que vós, folheando qualquer dos jornaes antigos de modas de Paris, encontrasseis o original, cuja copia vos apresento. [...] Não é feito aqui no Rio de Janeiro [...]. Temos sim actualmnete quem os possa copiar com perfeição (ja não é tão pouco)	1º de fevereiro de 1852	5	34

Evidência	Data de publicação	Edição	Página
<i>mas a invenção é, e será sempre dos Franceses.”</i>			
<i>“Não podemos dar hoje a descrição da estampa porque só neste momento (duas horas da tarde de sábado!) foi que nos chegaram da Alfandega os nossos figurinos. Pedimos desculpa às nossas Assignantes, e lhes promettemos para Domingo que vem todo esse trabalho.”</i>	19 de setembro de 1852	38	96
<i>“Não nos sendo possível dar hoje a – Descrição da Estampa – em consequencia de terem sahido muito tarde, da Alfandega, os figurinos, o faremos no proximo numero; e do que pedimos desculpa.”</i>	13 de maio de 1855	19	152

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná, com base n’*O Jornal das Senhoras*

Concomitante ao exposto no Quadro 12, é possível analisar que o atraso na importação das estampas implicava diretamente no editorial do jornal, resultando em uma edição incompleta nas informações dos figurinos. Ademais, acerca da notificação da redação para as suas leitoras, sobre a procedência das ilustrações, pode-se acrescentar mais uma evidência referente ao processo de litografia das imagens realizado no Brasil: na litografia, as letras são desenhadas, e esse fato é claramente notado na Figura 40, ao observar que a letra “N” está ao contrário e as letras que se repetem não tem o mesmo desenho – padrão que deveria ocorrer se fossem tipos móveis de metal. Pondera-se que a Figura 40 está em preto e branco, porque foi retirada do site da Biblioteca Nacional Digital, que digitalizou o material a partir de um microfilme, o que não permite meiotons, apenas preto e branco.

Figura 40: Evidências da origem das ilustrações d'*O Jornal das Senhoras*



Fonte:

<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=397702586481&pagfis=88>

Por fim, afirma-se que *O Jornal das Senhoras* é um conjunto documental que oferece uma gama de possibilidades cujo potencial é enriquecedor. Para o período em que circulou, foi um forte artifício sociocultural, em consonância com a realidade das mulheres, além disso, dispôs educação, entretenimento e recursos visuais inovadores e admiráveis, com iconografias colecionáveis. Para hoje e, certamente, para futuras pesquisas, o periódico é uma fonte primária, com um repertório fecundo, esclarecedor e formativo. Opera como um dicionário da época, principalmente, para os estudiosos da moda, que apreciam, valorizam e se aprofundam na história do vestuário oitocentista. Além dos vocábulos, tem o sustento das ilustrações, que, em conjunto com os discursos textuais, permitem trabalhar com duas realidades que correspondem ao mesmo propósito.

- **Memória cultural da moda**

Para que se concretizasse o aprofundamento analítico sobre a memória da moda feminina mediada pelo *O Jornal das Senhoras*, planejou-se um estudo que contemplasse

os dois principais discursos de moda impressos no periódico, o discurso textual e o discurso imagético. Para que não houvesse lacunas, buscou-se um método que estudasse os discursos de maneira articulada, a fim de provar que o jornal carioca manteve sequência e sintonia entre ambas as representações do vestuário oitocentista (escrito e ilustrado) ao longo dos seus quatro anos de circulação.

Com base em Roland Barthes (1978), considera-se que as duas formas de representação do vestuário se referem à mesma realidade, as quais mantêm uma relação sintática entre linguagem verbal e imagética. No entanto, o autor elucida que ambos os discursos são uma ramificação direta do vestuário real, ou seja, mesmo que haja uma correspondência rigorosamente fiel na representação do vestuário, por meio da estrutura verbal e da estrutura plástica, a análise do vestuário real só pode ser genuína a partir de uma análise tecnológica. Barthes indica que as unidades que integram essa análise estão associadas aos atos de fabricação da peça de vestuário e à sua materialidade tangível.

Nesse sentido, *O Jornal das Senhoras*, apesar de descrever e estampar o vestuário de forma criteriosa, promoveu-o no nível de suas transformações. Como se o periódico oitocentista tivesse realizado uma interpretação da interpretação, ao considerar que tanto as suas descrições como as imagens em encarte provinham de outro periódico – *Le Moniteur de la Mode* –, o qual havia interpretado o vestuário real, previamente. Portanto, afirma-se que os discursos verbal e icônico estudados são estruturas derivadas do vestuário feminino oitocentista real.

Barthes (1978) esclareceu essa ligação entre os códigos, determinando que a análise do vestuário segue a seguinte ordem, passando pelas três estruturas assinaladas: do real para a imagem, do real para a linguagem e da imagem para a linguagem. Nesta dissertação, estudou-se a relação “da imagem para a linguagem”. Isto posto, ao trabalhar com o método dos blocos temáticos de análise, percebeu-se que, apesar de serem estampas com figurinos diferentes, o periódico manteve um padrão. Não somente devido às temáticas que conduziam o conteúdo de cada edição, mas porque, ao ter realizado as descrições das vestimentas, os dois discursos (verbal e icônico) atuaram juntos, resultando em concordância.

Ademais, a descrição da vestimenta impediu que as imagens se isolassem e ficassem confusas, ou tivessem o seu entendimento incompleto. Visto que, um dos benefícios da linguagem verbal é a função didática, que permite discorrer com precisão o que se encontra escondido ou inelegível nas formas visuais (Barthes, 1978). É interessante



discutir o que Barthes (1978) concluiu sobre a diferença entre o vestuário real e os vestuários representados pela escrita e pela imagem.

Na vestimenta real, a função é prática e está associada ao ato de vestir, oferecendo proteção, modéstia e adorno; na vestimenta representada pela escrita e pela imagem, a proteção, a modéstia e o adorno deixam de ser práticos e se transformam em significado (Barthes, 1978). A exemplo disso, ao analisar as representações (textual e imagética) dos trajes da edição 27, de 1852, compreendeu-se que a moda referida pelo jornal era a moda enquanto significado de um código e esse código estava instituído nas vestimentas reais, ao serem usadas como instrumento de adequação social referente ao estado civil da mulher. A mesma coisa com o traje da amazona da edição 42, de 1852, a vestimenta representada está significando funcionalidade e mobilidade.

Com isso, pode-se dizer que os discursos textual e imagético são os objetos de estudo desta dissertação, visto que são os únicos caminhos para se estudar a moda n’*O Jornal das Senhoras*. Assim, o periódico transformou o vestuário em estrutura verbal e imagética e, devido a isso, a moda, que é um material cultural de uma sociedade, pôde ser transmitida e preservada por ele.

Nesta perspectiva, a representação textual da moda n’*O Jornal das Senhoras* oferece importantes funções, as quais foram descritas por Barthes (1978) como sendo: compreensão da imagem; certeza do que está ilustrado; conhecimento mais aprofundado acerca das cores, dos detalhes como, por exemplo, rendas e botões, e das partes que não está à vista; e ênfase, ao destacar o que está visível, guiando os olhos à determinadas partes. Por fim, Barthes esclarece que, enquanto a imagem evoca fascínio, a palavra descreve; enquanto a imagem é excessiva, a palavra é fracionada; mas, quando trabalham juntas, a palavra decepçiona a imagem.

Diante disso, referente às análises realizadas acerca das descrições e ilustrações de moda impressas n’*O Jornal das Senhoras*, e com base em uma representação sem ruídos, ou seja, intrinsecamente fiel à gramática operada pelo periódico, elaborou-se cuidadosamente o Quadro 13, a fim de evidenciar as modas – mais especificamente, peças de roupa, ornatos e guarnições – que mais se repetiram entre os blocos temáticos, indicando as ocasiões/os eventos aos quais pertenciam.

Quadro 13: Peças de roupa, ornatos e guarnições

Peças de roupa, ornatos e guarnições	Quantas vezes aparecem				
	Bloco temático 1	Bloco temático 2	Bloco temático 3	Bloco temático 4	Bloco temático 5
Colete	1	2	1	1	-
Corpete	-	2	1	1	2
Casaco	-	2	-	1	-
Capote	1	-	-	-	-
Mantelete	-	1	-	-	-
Jaqueta	-	-	1	-	-
Calça	-	-	1	-	-
Romeira	-	-	-	1	-
<i>Basquine</i>	-	-	-	1	-
<i>Canezou</i>	-	1	-	1	-
Flores e folhagens	5	2	4	-	3
Diadema	2	-	-	-	-
Luvas	2	1	2	1	2
Chapéu	-	2	-	2	-
Suspensório	-	-	1	-	-
Touca	-	-	-	1	-
Meia	-	-	-	1	-
Grinalda	-	-	-	-	1
Coroa	-	-	-	-	1
Folhos	1	-	1	4	4
Renda	6	4	1	5	7
Fitas	1	4	4	2	1
Botão	2	1	1	1	1
Bordados	2	1	1	-	1
Ouro	4	-	-	-	-
Plumas	3	1	-	-	-
Trancelim	2	-	-	-	-
Galão	-	2	1	1	-
Laço	-	-	1	3	3
Pérolas	-	-	-	-	1

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

O Quadro 14 foi estruturado com a mesma proposta do Quadro 13, no entanto, sua especificidade trata das matérias-primas que mais apareceram nos blocos temáticos de análise.

Quadro 14: Matérias-primas

Matérias-primas	Quantas vezes aparecem				
	Bloco temático 1	Bloco temático 2	Bloco temático 3	Bloco temático 4	Bloco temático 5
Seda	3	5	-	-	1
Chamalote	1	1	-	-	1
Cambraia de linho	1	-	-	-	-
Cetim	1	-	-	-	-
Arminho	1	-	-	-	-
Pelúcia	1	-	-	-	-
Veludo	-	1	-	-	-
Tafetá	-	1	2	6	-
Cassa	-	1	1	-	-
Caxemira	-	2	-	2	-
Cambraia	-	1	2	-	-
Cetim	-	1	-	-	-
Filó	-	-	-	1	1
Musseline	-	-	-	2	-

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

Consoante ao apresentado nos Quadros 13 e 14, que permitiram realizar uma análise geral de todos os blocos, o Quadro 15 esclarece quais peças de roupa, ornatos, guarnições e matérias-primas foram mais e menos prevalentes. O que mais prevaleceu, indicou-se com o sinal “+”, enquanto o que menos prevaleceu, com o sinal “-”. Esse levantamento permite compreender os principais elementos estilísticos que integram a memória da moda oitocentista através d’*O Jornal das Senhoras*.

Quadro 15: Peças de roupa, ornatos, guarnições e matérias-primas que mais e menos apareceram

Peças de roupa		Ornatos	
+	-	+	-
Colete, corpete e casaco	Capote e <i>canezou</i>	Flores e folhagens, luvas e chapéu	Suspensório, touca e meia
Guarnições		Matérias-primas	
+	-	+	-
Renda, fita e folhos	Ouro, plumas e pérolas	Seda, tafetá e caxemira	Cambraia de linho, cetim e veludo

Fonte: Elaborado por Clara Damasceno Zandoná

Ressalta-se que o parâmetro estipulado corresponde às análises realizadas nos blocos temáticos, referentes ao *O Jornal das Senhoras*, e não tem intenção de concluir que os dados levantados resumem integralmente a moda feminina oitocentista. No entanto, ao destacar esses dados, organizou-se um pequeno repertório de artefatos

significantes da moda feminina elitizada do Oitocentos, bem como da cultura material que circulava no Brasil durante esse período.

Os resultados obtidos expressam a legitimidade da moda oitocentista, por meio dos discursos textual e imagético. Visto que, durante o século XIX, os periódicos que continham informações sobre moda, mesmo que não fossem especializados em moda, como é o caso d'*O Jornal das Senhoras*, atuavam como instrumentos de divulgação, sendo os principais mediadores de moda. Nesse sentido, afirma-se que *O Jornal das Senhoras* contribui para a memória da moda da segunda metade do século XIX no Brasil.

Ademais, durante a sua veiculação, o jornal foi responsável por fazer com que a cultura da moda circulasse, transmitindo-a enquanto mercadoria, cujo termo remete à satisfação da necessidade humana e às representações materiais do modo de produção capitalista (Appadurai, 2008, p. 20). Por essa razão, de 1852 a 1855, *O Jornal das Senhoras* mediou uma moda essencialmente cultural, a qual era fortemente regida por influências europeias.

O conteúdo de moda impresso no periódico representava a fase inaugural da moda perante à economia brasileira, que, segundo Lipovetsky (2009), perdurou até a metade do século XIX. O autor ainda acrescentou que a moda desse período era dotada de frivolidades e fantasias, que resplandeciam traços sociais e estéticos de um público exclusivo, detentor de poder e capaz de desejar, criar e vestir. Atualmente, *O Jornal das Senhoras* se caracteriza enquanto uma fonte documental que preservou a memória da moda feminina da segunda metade do Oitocentos no Brasil, documentando-a, descrevendo-a e ilustrando-a. Além disso, tornou-a objeto de estudo por meio das linguagens verbal e icônica, as quais a qualificam enquanto instrumento discursivo.



2
Jules David

CAPÍTULO V

LE MONITEUR DE LA MODE



Coiffure de Croizat r. Richelieu. 76. Modes de M^{lle} Bühler sœurs. r. Richelieu. 23 bis. Fleurs de Camille Duchateau. 1. P. Marc. 19. Coiffures de M^{lle} Nathalie (M^{lle} Huchez) r. Richelieu. 39. Corsets de M^{lle} Hippolyte. rue de la Paix. 9. Parfums de Gellé aîné et C^{ie} rue des Vieux Augustins 33. Maison de Comm^e Sasseville et C^{ie} Bout des Capucines. 1 — Chiffes des Villes de France Bijoux en cheveux de Lemoumer et C^{ie} r. du Vey. 1. Honore. 9.

CONCLUSÃO

Esta dissertação foi norteadada pela busca em analisar de que forma o periódico *O Jornal das Senhoras* contribuiu para com a moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil. Diante desta investigação, observou-se que o periódico oitocentista atuou como um mediador da moda vigente durante o período em que circulou, promovendo-a por meio do discurso verbal e do discurso imagético. Esses discursos se qualificam como representações derivadas do vestuário real e prático e são responsáveis por dar significado à moda feminina da segunda metade do Oitocentos no Brasil.

Cumpriu-se com o objetivo geral da pesquisa, de investigar como o periódico *O Jornal das Senhoras* contribuiu para com a moda feminina da segunda metade do século XIX no Brasil. Em suma, pode-se dizer que o jornal transmitiu e preservou a memória da moda do referido período, documentando-a, descrevendo-a e ilustrando-a. Para que essa afirmação se tornasse plausível, buscou-se, por meio dos objetivos específicos, aprofundar-se nas partes substâncias da temática proposta. Para que essa busca fosse validada, a fundamentação teórica foi extremamente essencial.

Nesse momento, possibilitou-se compreender o contexto histórico do Brasil no século XIX atrelado às vertentes da moda, a qual foi contextualizada dentro das dimensões sociais, culturais e materiais, bem como a imprensa cultural, a imprensa feminina e as representações da moda impressa. Compreendeu-se, especialmente, o periódico *O Jornal das Senhoras*, a fim de analisar a construção e circulação da moda na imprensa feminina; o jornal a partir das análises textual e iconográfica, observando como ele contribuiu para a transmissão e preservação da moda feminina da segunda metade do Oitocentos; e, por fim, a memória cultural da moda feminina do período estabelecido. Reitera-se que todos os objetivos específicos, percorridos na fundamentação teórica, foram alcançados.

Conclui-se, portanto, que *O Jornal das Senhoras* foi um instrumento de divulgação da moda feminina oitocentista, por meio dos discursos textual e imagético, responsáveis por legitimá-la e representá-la, dando-a significado. Atualmente, *O Jornal das Senhoras* é uma fonte documental de pesquisa, contribuindo para a memória da moda da segunda metade do século XIX no Brasil.

Diante do que foi estudado, a presente pesquisa contribui para com a historiografia da moda e da imprensa que estudam o recorte temático atribuído, enriquecendo o mapeamento sobre a memória da moda em periódicos oitocentistas brasileiros. Como sugestões para pesquisas futuras, investigar e analisar outros periódicos que representam



a moda ou que sejam especializados em moda, de períodos distintos ou equivalentes ao Oitocentos. Visto que, ao estudar o vestuário, repete-se a história.

FONTES

Todos os jornais integram o Acervo da Fundação Biblioteca Nacional – Brasil.

A mulher perante Deus e o mundo. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 90. 19 set. 1852.

A Mulher. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-8. 1 jan. 1852.

A mulher. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 6. 1 jan. 1852.

Annuncios. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 3. 11 jan. 1852.

As Nossas Assignantes. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1-8. 1 jan. 1852.

As nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 1. 1 jan. 1852.

As nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 1. 4 jul. 1852.

As nossas assignantes. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 52, p. 409. 30 dez. 1855.

Chronica da quinzena. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 47. 8 ago. 1852.

Chronica dos Salões. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 57-64. 8 abr. 1855.

Chronica dos salões. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 106. 8 abr. 1855.

Contos do Rio de Janeiro. **Semana Illustrada**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 2. 21 jul. 1861.

Declaração. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 25-32. 25 jan. 1852.

Declaração: sobre as minhas ideias da emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 25-32, jan. 1852.

Descrição da Estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 9-16. 14 jan. 1855.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 10. 14 jan. 1855.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 59. 22 ago. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 32, p. 42. 8 ago. 1852.



Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 50. 13 ago. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 40, p. 106. 3 out. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 43, p. 130. 24 out. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 139. 31 out. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 34. 4 fev. 1855.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 3. 4 jul. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 122. 17 abr. 1853.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 82. 12 set. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 81. 12 set. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 125. 17 out. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 106. 3 abr. 1853.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 33. 30 jan. 1853.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 210. 8 jul. 1855.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 45, p. 146. 7 nov. 1852.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 385. 9 dez. 1855.

Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 49, p. 386. 9 dez. 1855.



Descrição da estampa. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 53. 13 fev. 1853.

Emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 14. 11 jan. 1852.

Emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 12. 11 jan. 1852.

Emancipação moral da mulher. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 13. 11 jan. 1852.

Estudos. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 65. 20 out. 1852.

MACEDO, Joaquim Manuel de. **Memórias da Rua do Ouvidor**. 1878.

Minha apresentação. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 185. 12 jun. 1853.

Modas. **O Espelho Diamantino**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 36-53. 15 out. 1827.

Modas. **O Espelho Diamantino**, Rio de Janeiro, n. 3, p. 46. 15 out. 1827.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 2. 1 jan. 1853.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 3. 1 jan. 1853.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 98. 27 mar. 1853.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 105. 3 abr. 1853.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 10. 9 jan. 1853.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 177. 6 jun. 1852.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 2. 4 jul. 1852.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 217. 10 jul. 1855.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 218. 10 jul. 1853.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 25-32. 25 jan. 1852.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 26. 25 jan. 1852.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 26. 25 jan. 1852.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 47, p. 162. 21 nov. 1852.

Modas. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 48, p. 378. 27 nov. 1853.

O Jornal das Senhoras, Rio de Janeiro, n. 43, p. 136. 24 out. 1852.

O JORNAL DAS SENHORAS. Rio de Janeiro, 1852-1855.

PLANCHÉ, James Robinson. **A cyclopaedia of costume**. Londres: William Clowes and Sons, Stamford Street e Charing Cross., 1879.

Proclamação. **Gazeta do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n. B1, p. 1-4. 14 set. 1809.

Projecto do Plano. **O Espelho Diamantino**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 135-154. 21 jan. 1828.

Projecto do plano. **O Espelho Diamantino**, Rio de Janeiro, n. 8, p. 145-146. 21 jan. 1828.

Quem eu sou e os meus propositos. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 12. 11 jan. 1852.

Romance. **O Jornal das Senhoras**, Rio de Janeiro, n. 34, p. 268-269. 21 ago. 1853.

Tempo de Crise. **Jornal das Famílias**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 97-128. abr. 1873.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. *Impressão Régia do Rio de Janeiro: novas perspectivas.*

Convergência Lusíada, v. 19, n. 21, p. 199-222, dez. 2005.

ANDRZEJEWSKI, Luciana. **A moda como despertar da memória.** In: MERLO, Márcia (org.). *Memória e Museus.* São Paulo: Estação das Letras.

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas:** as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ASSUNÇÃO, Beatriz Alvarez de; ITALIANO, Isabel Cristina. Moda e vestuário nos periódicos femininos brasileiros do século XIX. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 71, p. 232-251, dez. 2018. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).

BARBOSA, Everton Vieira. O que os olhos não veem o corpo não veste: a moda impressa no rio de janeiro (1852-1855). **Dobras**, v. 14, n. 29, p. 47-63, ago. 2020.

BARBOSA, Everton Vieira. Protagonismo de Gervasia Nunézia Pires dos Santos Neves na direção do *Jornal das Senhoras* (1853-1855). **Caminhos da História**, v. 30, n. 1, p. 38-53, 9 abr. 2025. Universidade Estadual de Montes Claros (UNIIMONTES). <http://dx.doi.org/10.46551/issn.2317-0875v30n1p.38-53>.

BARTHES, Roland. **Sistema de la Moda.** Barcelona: GG, 1978.

BLOCH, Marc. **Apologia da história, ou, O ofício de historiador.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRAGA, Ana Carolina; MAZZEU, Francisco José Carvalho. O analfabetismo no Brasil: lições da história. **Revista on-line de Política e Gestão Educacional**, v. 21, n. 1, p. 24-46, jan/abr. 2017.

BUENO, Eduardo. **História do Brasil:** os 500 anos do país em uma obra completa, ilustrada e atualizada. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 1997.

CAMARGO, Angélica Ricci. **Impressão Régia.** 2011. Disponível em: <https://mapa.an.gov.br/index.php/assuntos/15-dicionario/57-dicionario-da-administracao-publica-brasileira-do-periodo-colonial/204-impressao-regia>. Acesso em: 06 jun. 2025.

CARVALHO, Kátia de. Imprensa e informação no Brasil, século XIX. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 25, n. 3, p. 1-6, dez. 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural:** entre práticas e representações. 2. ed. Lisboa: Difusão Editorial, 1988.



CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRASIL. **Art. 179 - Parágrafo 4º da Constituição Brasileira de 1824**. 2024. Disponível em:

https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/constituicao-para-o-imperio-do-brasil#:~:text=Todos%20podem%20comunicar%20os%20seus,forma%2C%20que%20a%20lei%20determinar. Acesso em: 10 out. 2025.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRASIL. **Constituição para o Império do Brasil**. 2024. Disponível em: https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/sites_eventos/sites-tematicos-1/brasil-oitocentista/documentos/constituicao-para-o-imperio-do-brasil. Acesso em: 21 out. 2025.

CORREIO BRAZILIENSE. **Origens da imprensa no Brasil**. 1808. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/coordenacao-de-publicacoes-seriadas/acervo/origens-da-imprensa-no-brasil/>. Acesso em: 10 jun. 2025.

COSTA, Carlos Roberto da. **A revista no Brasil, o século XIX**. 2007. 292 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

COSTA, Emília Viotti da. **Da senzala à colônia**. 5. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. **Projeto História**, São Paulo, n. 35, p. 253-270, dez. 2009.

CUNHA JÚNIOR, Henrique. **Tecnologias africanas e educação**. Salvador: EDIFBA, 2023.

DEBRET, Jean-Baptiste. **Casamento de Negros Escravos de uma Casa Rica**. 1839. Disponível em: https://www.meisterdrucke.pt/kunstwerke/1000px/Thierry_Fres_-_Wedding_of_negres_of_a_rich_house_Lithography_by_Thierry_Freres_from_Voyage_Pic_-_%28MeisterDrucke-1004436%29.jpg. Acesso em: 12 dez. 2025.

DESCOLA, Philippe. **As formas do visível: uma antropologia da figuração**. São Paulo: Editora 34, 2023.

DUARTE, Constância Lima. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: Volume 1 – Século XIX. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2023.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 2010.

FIGUEIREDO, Guilherme Elias de. Como ler uma revista ilustrada? Uma proposta metodológica para o estudo de periódicos ilustrados publicados no Brasil oitocentista



(How to read an illustrated magazine? A methodological issues for studie...). **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 16, n. 25, p. 77-107, 18 dez. 2015. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. <http://dx.doi.org/10.5752/p.2237-8871.2015v16n25p77>.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial, volume I: 1808-1831**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

GRINBERG, Keila; SALLES, Ricardo. **O Brasil Imperial, volume II: 1831-1870**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ITALIANO, Isabel; VIANA, Fausto; BASTOS, Desirée; ARAÚJO, Luciano. **Para vestir a cena contemporânea: moldes e moda no brasil do século XIX**. 2. ed. São Paulo: ECA/USP, 2021.

LAROUSSE. **Dicionário enciclopédico ilustrado Larousse**. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.

LAVER, James. **A roupa e a moda: uma história concisa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LE MONITEUR DE LA MODE. **Estampa**. 1851. Disponível em: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n180/mode/1up>. Acesso em: 10 out. 2025.

LE MONITEUR DE LA MODE. **Estampa**. 1851. Disponível em: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n158/mode/1up>. Acesso em: 10 out. 2025.

LE MONITEUR DE LA MODE. **Estampa**. 1851. Disponível em: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n156/mode/1up>. Acesso em: 10 out. 2025.

LE MONITEUR DE LA MODE. **Estampa**. 1851. Disponível em: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n184/mode/1up>. Acesso em: 10 out. 2025.

LE MONITEUR DE LA MODE. **Estampa**. 1851. Disponível em: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n230/mode/1up>. Acesso em: 10 out. 2025.

LE MONITEUR DE LA MODE. **Estampa**. 1851. Disponível em: <https://archive.org/details/lemoniteurdelamo21852/page/n208/mode/1up>. Acesso em: 10 out. 2025.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro**. 8. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2017.



LINKE, Paula Piva. **O vestuário e a cultura dos objetos**. In: Indumentária e Moda: caminhos investigativos. Maringá: Eduem, 2013, p. 85-106.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**: a moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

LUCCOCK, John. **Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil**: tomadas durante uma estada de dez anos nesse país, de 1808 a 1818. 2. ed. São Paulo: Martins Editora, 1975.

MALERBA, Jurandir. **O Brasil Imperial (1808-1889)**: panorama da história do Brasil no século XIX. Maringá: Eduem, 1999.

MONTELEONE, Joana. **O circuito das roupas**: a corte, o consumo e a moda (Rio de Janeiro, 1840-1889). 2013. 352 f. Tese (Doutorado) - Curso de História Econômica, Departamento de História, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MOREL, Marco. **Imprensa periódica no século XIX**. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/rede-da-memoria-virtual-brasileira/imprensa/imprensa-periodica-no-seculo-xix/>. Acesso em: 20 set. 2025.

MOREL, Marco; BARROS, Mariana Monteiro de. **Palavra, imagem e poder**: o surgimento da imprensa no Brasil do século XIX. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

O JORNAL DAS SENHORAS. **As nossas assignantes**. 1852. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=1>. Acesso em: 10 nov. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Chronica da quinzena**. 1853. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=794>. Acesso em: 15 nov. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Descrição da estampa**. 1855. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=1537>. Acesso em: 7 dez. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Estampa**. 1852. Disponível em: <https://hemerotecadigital.bn.br/acervo-digital/jornal-senhoras/700096>. Acesso em: 10 out. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Estampa**. 1852. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=Les%20Mod es%20Parisiennes&id=1332009744837&pagfis=310>. Acesso em: 10 out. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Estampa**. 1852. Disponível em: <https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=1226705052258&pagfis=317>. Acesso em: 10 out. 2025.



O JORNAL DAS SENHORAS. **Estampa**. 1852. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=1226705052258&pagfis=382>. Acesso em: 10 out. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Estampa**. 1852. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&pagfis=409>.
Acesso em: 10 out. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Estampa**. 1852. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=4224204285024&pagfis=418>. Acesso em: 10 out. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Estampa**. 1852. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=1332009744837&pagfis=1478>. Acesso em: 10 out. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Estampa**. 1852. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=397702586481&pagfis=88>. Acesso em: 7 dez. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Jornal das Senhoras**. 1852. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=4574401856653&pagfis=395>. Acesso em: 5 dez. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Quanto te amo!... Canções a Vargesia**. 1853.
Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=gervina&id=318705814112&pagfis=511>. Acesso em: 15 nov. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Subtítulo**. 1853. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=5130608510554&pagfis=856>. Acesso em: 20 nov. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Título**. 1852. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=5130608510554&pagfis=1>. Acesso em: 20 nov. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Título**. 1853. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=5130608510554&pagfis=579>. Acesso em: 20 nov. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Título**. 1854. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&id=5130608510554&pagfis=977>. Acesso em: 20 nov. 2025.

O JORNAL DAS SENHORAS. **Tomo**. 1852. Disponível em:
<https://memoria.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=700096&Pesq=pedir&id=4020708978388&pagfis=322>. Acesso em: 5 dez. 2025.



PRADO, Luís André do. **Indústria do vestuário e moda no Brasil do século XIX a 1960**: da cópia e adaptação à autonomização subordinada. 2019. 434 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PRIORE, Mary del. **Sobreviventes e guerreiras**: uma breve história da mulher no Brasil de 1500 a 2000. São Paulo: Planeta, 2020.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. **A cidade e a moda**: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

RAMOS, Paula da Silva. Imprensa feminina e feminista no Brasil: século XIX-dicionário ilustrado. **História (São Paulo)**, v. 36, n. 17, p. 1-5, 2017.

RIBEIRO, Cristiane de Paula. **Mulheres de pince-nez**: imprensa feminina e o surgimento das jornalistas no Rio de Janeiro, 1852-1892. 2024. 344 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2024.

ROCHE, Daniel. **A cultura das aparências**: uma história da indumentária (séculos XVII-XVIII). São Paulo: Senac, 2007.

SARAIVA, Luiz Fernando; NABARRO, Wagner; GOLDFEDER, Pérola. **Atlas histórico-econômico do Brasil no século XIX**. Brasília e Niterói: Senado Federal e Eduff, 2024.

SCHMIDT, Beatriz Abboud. **Violante Atabalipa Ximenes de Bivar e Vellasco (1817-1875)**: vida, tradução, sociabilidade e imprensa. 2025. 177 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador**: D. Pedro II, um monarca nos trópicos. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. **Brasil**: uma biografia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **A corrida para o século XIX**: no loop da montanha-russa. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SILVA, Aguiário Pimentel. **Imprensa, gênero e poder**: discursos sobre a educação da mulher no Brasil império. São Cristóvão: Editora UFS, 2019.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da. Moda, transferências culturais e história do livro. **Dobras**, v. 10, n. 22, p. 179-201, nov. 2017.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SIMÕES JUNIOR, Álvaro Santos. Da literatura ao jornalismo: periódicos brasileiros do século XIX. **Patrimônio e Memória**, Não, p. 126-145, fev. 2.



SOUTO, Bárbara Figueiredo. **Mulheres e imprensa no século XIX**: projetos feministas no Rio de Janeiro e em Buenos Aires. Belo Horizonte: Editora Luas, 2022.

SOUZA, Lidia Lerbach de. A imprensa régia: o tardio nascimento da imprensa no brasil. **Verbum**, v. 9, n. 1, p. 310-323, mai. 2020.

VASQUES, Ronaldo Salvador; MORAIS, Emanuelle Corrêa; FORTUNATO, Fabrício de Souza; BRITO, Márcia Regina Paiva de. Uma questão de gênero: o vestuário da mulher negra brasileira no século XIX na Bahia. **Brazilian Journal Of Development**, v. 7, n. 4, p. 38377-38388, 13 abr. 2021. South Florida Publishing LLC.
<http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n4-342>.

ANEXO 1 – REPERTÓRIO DE ILUSTRAÇÕES D’O JORNAL DAS SENHORAS
(1852-1855) – ACERVO DA FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL – BRASIL



E. GERVAIS



J. DAVID



Jules Warr





Jules David

Imp. L. J. DE BRAYE - 8



David



Jules David

IMPRIMERIE LAMOURREY & C. DE BEAUVAS 12



CERVAIS



Louis David

IMP. ^{re} L'ANOUVEUX r. St. J. de Beauvais 12.





Jules David

Lamoureux Imp.

Dubly





John W. Moore





Jules David

Imp. Lamoignon



351

LE MONITEUR DE LA MODE.

Corsettes et Costumes de la Maison A Leroy (Au Zephyr) Boul. des Capucines, 7. - Fleurs de S. Perrot Petit & C.
 rue de la Bourse, 12. - Etoffes des Villes de France, rue Vivienne et rue Richelieu. - Bijoux en Cheveux de Lemonnier
 et C. rue du Ceq. S. Honoré, 9. - Corsets de M. Hippolyte, rue de la Paix, 9. - Papementeries de Richer et Bayard
 rue de la Paix, 28 et rue S. Denis 100. - Parfums de Begrand, rue S. Honoré, 319. - Envoi de la Maison de
 Commission L. Assalle et C. Boulevard des Capucines, 1.



352

CERVAIS

Imp. Lamerouze

LE MONITEUR DE LA MODE



Coiffure en plumes et or de la M^{me} de la Motte, 2, r. du Temple, Sortie de Bal de M^{me} Charvet, 83, r. Richelieu.
 Plumes de S. Gerot Petit et C^{ie}, 12, r. de la Bourse. Coiffures en Cheveux de Croizat, 70, r. Richelieu. Fleurs de M. Batton.
 Garnitures de Robes de Nathalie (M^{me} Huchez) 39, r. Richelieu. Etoffes des Villes de France, rue Vivienne et Richelieu.
 Mouchoir de Chapton, 7, r. de la Paix. Bijoux en Cheveux de Remonier et C^{ie}, 9, rue du Coq. S^t Honoré.
 Parfums Gants et Eventails de Baguet Raboullée et C^{ie}, 83, rue Richelieu.



Jules David

Donelle

359. 2^{me}

Imprimeur par M. S. de Beaumont et Paris

LE MONITEUR DE LA MODE.

*Modes d'Alexandrine - Coiffure de F. Croizat, r. Richelieu, 70 - Fleurs de Batou - Pelisse de la M^{me} Gagein.
 Toilette de M^{me} Vignon, r. du 1^{er} Poissonnière, 23. Dentelles de Cambrai. Parfums de Gellé aîné, r. des V. Augustins, 33.
 Corsets de M^{me} Clémenceau, r. du Port. Mulon, 8. Chocolats de la Comp^{te} Coloniale Entrepôt Gen^l Place des Victoires, 2.
 Parfumerie de la Société Hygienne, r. jf Rousseau, 5. - Etaffles des Villes de France. Bijoux en cheveux de
 Penoumier et C^{ie}, du Vag S^t Honoré, 9. Chocolats et Bonbons de la Confiserie Hygienne, rue Vivienne, 10.*

Paris, Rue Richelieu, 92.

LONDON, at the Monitor Office, 15, Greek Street Soho. S^t PETERSBURG, P^{re} Belvédère et C^{ie}. - NEW-YORK, E. B. Strong et Brother.



LE MONITEUR DE LA MODE

Coiffure de Croizat r. Richelieu. 76. Modes de M^{me} Bühler saurus. r. Richelieu. 23 bis. Fleurs de Camille Onchateau. r. P^{te} Marc. 19. Toilettes de M^{me} Nathalie (M^{me} Hachez) r. Richelieu. 39. Corsets de M^{me} Hippolyte. rue de la Paix. 9. Parfums de Gellé aîné et C^{ie}. rue des Vieux Augustins 35. Chapeaux de Comte en Sasseville et C^{ie}. Bout des Capucines. 1 — Coiffes des Villes de France Bijoux en cheveux de Penoumier et C^{ie}. du Croix St. Henri. 9.

Paris. Rue Richelieu. 92.

LONDON at the Monitor Office. 15. Greek Street Soho. NEW-YORK. E. B. Strange and brother



585

2
Jules David

L'éditeur est à Paris, rue de Valenciennes, 10.



LE MONITEUR DE LA MODE

Coffure de P. Coixat, r. Richelieu, 6. Chapeau des D^{lles} Böhler sans r. Richelieu, 23^{bis}. Plumes de S. Beriot.
 Petit et C^{ie}, r. de la Bourse, 12. Coiffette de M^{me} Berret Collard (M^{me} Popelin Ducarre) rue Vivienne, 41. Robes à disposition
 de Fourmies de la M^{me} Delisle r. L^{re} Anne et rue de Choiseul. Mouchoirs de Chaprou, r. de la Paix 11. Parfums de
 Gellé ainsi r. des V. Augustins 35. Envoi de la M^{me} de Commission S. assalle et C^{ie} Boul. des Capucines.

Paris, Rue Richelieu, 92.

LONDON, at the Monitor Office, 15, Greek Street Soho, NEW YORK & B. Strange & Co.



1

Jules David

Lamureau Imp. 8, 30, 1, de Valenciennes, Paris

Fénel

390

LE MONITEUR DE LA MODE

Coiffures de M^{me} Serret Collard. Maison Popelin Ducarre et Vivienne. Coiffure de P. Coixat rue Richelieu. 76. Fleurs de Camille Duchateau. et T. More. 13. Rubans et Passementerie de Richeuxet Bayard et P. Denis 400 et de la Paix. 28. Corsage de M. Hippolyte fournisseur de S. M. L'Impératrice. Mouchoir de Chaproux. Rue de la Paix. 11. Parfums. Gants. éventails de Faguer Laboullée. Rue Richelieu. N. 53.

Paris. Rue Richelieu. 92.

LONDON, at the Monitor Office 15, Greek Street Soho. NEW-YORK, E.B. Strange & Co

Als Vertheilung gegen Nachdruck.





403

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 92.

Chapeau d'Alexandrine. Fleurs de Perrot Petit et C.^{ie} Voilettes et Etoffes de la M^{lle} Gagelin. Lingerie de M^{lle} Anna Soth. Rubans et Passementeries de Richouet Bayard. Corssets de M^{me} Vémouzon Parfums de Sogrand Journé. Brev^{te} de S. M. l'Empereur et des cours étrangères

Alle Vorbehalt gegen Nachdruck

LONDON at the Monitor Office, 51, Greek Street, Soho, NEW YORK, E. B. Strange et C^{ie}





3

Jules David

414

Lamoureux imp. - P. de Roubaix - Paris

Reilly

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 92.

*Corsette de la M^{me} Gérard sans Sortie de Bal et Robe Etoile du Nord de la
M^{me} Delisle Fleurs de S. Perrot Petit et C^{ie} Corsets de M^{me} Sophie Dancoulon
Parfums de Segraud fourn^r B^{re} de S. M. l'Empereur et des Cours étrangères.*



Mit Vorbehalt gegen Nachdruck

LONDON at the Monitor Office, 15, Greek Street, Soho. NEW-YORK, E.B. Strong & Co



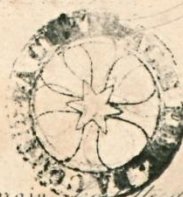
3

425

LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu. 92

Costumes d'Enfants de la M^{me} Jacob, Chapeaux de M^{me} Blé-Morain, M^{me} de M^{me} Gerardo-Sain, Fleurs de Gilman, Robe de S. M^{te} l'Impératrice, Corssets de M^{me} Syppolite, fournilleur de S. M^{te} l'Empératrice, Mouchoir de Chapron, Parfums de Segraud fournilleur de S. M^{te} l'Empereur et des Cours Étrangères.





LE MONITEUR DE LA MODE

Paris, Rue Richelieu, 92.

Coilettes de la Maison Gagelin. Chapeaux de M^{me} Sté.
Morain. Fleurs de S. Perrot Petit et C^{ie}. Passementeries & Rubans d'Audoyer
à la Ville de Lyon. Dentelles de G. Violar. Corssets sans goussets de la M^{me} Sophie Dumoulin.
Mouchoir de Chapron. Gants, Eventails. Parfums de Faguer-Saboullée.



LONDON at the Monitor Office 15, Greek Street Soho. NEW YORK E.D. Savage & Co

Mit Vorbehalt gegen Nachdruck.

MADRID. El Correo de la Moda.